



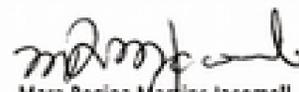
974773



FE

TUNICAMP F2771

FERNANDA FERRAGUT FAVARO



Mara Regina Martins Jacomelli
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação
Matrícula 28.874-4

**“Trama urbana moderna em Vinhedo e educação das
sensibilidades (1970-1990)”**

CAMPINAS

2014

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FERNANDA FERRAGUT
FAVARO

**“TRAMA URBANA MODERNA EM VINHEDO E A
EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES (1970-1990)”**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Carolina Bovério Galzerani

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Ensino e Práticas Culturais.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA FERNANDA
FERRAGUT FAVARO
E ORIENTADA PELA PROF.^a DR.^a MARIA CAROLINA BOVÉRIO GALZERANI

Assinatura da Orientadora

CAMPINAS
2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

F277t Favaro, Fernanda Ferragut, 1989-
Trama urbana moderna em Vinhedo e educação das sensibilibdades
(1970-1990) / Fernanda Ferragut Favaro. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Maria Carolina Bovério Galzerani.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Educação das sensibilibdades. I. Galzerani, Maria Carolina Bovério, 1949-. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Urban modern plot in Vinhedo and education of the sensibilities
(1970-1990)

Palavras-chave em inglês:

Education of the sensibilities

Área de concentração: Ensino e Práticas Culturais

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Maria Carolina Bovério Galzerani (Orientador)

Áurea Maria Guimarães

Maria Sílvia Duarte Hadler

Data de defesa: 27-08-2014

Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TRAMA URBANA MODERNA EM VINHEDO E A EDUCAÇÃO DAS
SENSIBILIDADES (1970-1990)

Autor : Fernanda Ferragut Favaro
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Carolina Bovério Galzerani

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
defendida por Fernanda Ferragut Favaro e
aprovada pela Comissão Julgadora

Data 27/08/14

Assinatura: M. Carolina Bovério Galzerani

Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:

[Assinatura]
[Assinatura]
Áurea M. Guimarães

2014

ABSTRACT

This project has as main theme the relationship between the process of urbanization and industrialization of the Vinhedo's city and the education of the sensibilities of the subjects involved.

The timeframe for the focused research is the period from 1970 to 1990, since it is at this point Vinhedo intensifies the advancing capitalist system amalgamating in your landscape traditional and modern images. However, the starting and finishing point of the research is the present tense: it is from it that relations with the past are woven.

In order to investigate how these "new" social practices instituted a "new" urban education of sensitivities and to understand how the "new" urban sociocultural experiences were transformed (by) and, at the same time incorporated in social and school practices, made necessary the realization of interviews with former residents and with former or current teachers (which were inserted into public institutions focused period). Still, in order to understand how the subjects related to the city, I choose to analyze other documents, such as images of the urban landscape, newspapers and literary texts.

Keywords: education of the sensibilities, modernity, city, school.

RESUMO

Este projeto tem como tema principal a relação entre o processo de urbanização e de industrialização na cidade de Vinhedo e a educação das sensibilidades dos sujeitos envolvidos. O recorte temporal focalizado para a pesquisa é o período de 1970 a 1990, uma vez que é neste momento que Vinhedo intensifica o avanço do sistema capitalista amalgamando em sua paisagem imagens tradicionais e modernas. No entanto, o ponto de partida e de chegada da pesquisa é o tempo presente: é a partir dele, que as relações com o passado são tecidas.

A fim de investigar como estas “novas” práticas sociais instituíram uma “nova” educação urbana das sensibilidades e de perceber como as “novas” experiências socioculturais urbanas foram transformadas (pelas) e, ao mesmo tempo incorporadas nas práticas sociais e escolares, fez-se necessária a realização de entrevistas com antigos moradores e com ex-professores (os quais estavam inseridos nas instituições públicas do período focalizado). Ainda, com o intuito de perceber como os sujeitos se relacionavam com a cidade, privilegiei a análise de outros documentos, como fotos da paisagem urbana, jornais da época e textos literários.

Palavras-chaves: educação das sensibilidades, modernidade, cidade, escola.

SUMÁRIO

ABSTRACT	VII
RESUMO	IX
AGRADECIMENTOS	XV
LISTA DE IMAGENS	XIX
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – CIRCULANDO PELA CIDADE	13
1.1 O PROGRESSO COMO MOTE DA MODERNIDADE	13
1.2 O PROJETO DE DESENVOLVIMENTO URBANO	31
CAPÍTULO 2 – PERSCRUTANDO OUTROS TEMPOS E RELAÇÕES SOCIAIS	47
2.1 A MEMÓRIA COMO IMAGINÁRIO SOCIAL	47
2.2 “NUNCA MAIS AQUELAS ESQUINAS”: INDÍCIOS DE OUTROS TEMPOS NAS VOZES DOS MEMORIALISTAS	69
CAPÍTULO 3 – ESCOLA E VIVER URBANO	89
3.1 PERMANÊNCIAS E RUPTURAS NA ESCOLA PRIMÁRIA	89
3.2 INTERRELAÇÕES ENTRE O ESCOLAR E O URBANO, A PARTIR DA DÉCADA DE 1970...	103
CONCLUINDO, PARA NÃO CONCLUIR... ..	131
ANEXO I	143
ANEXO II	145

À memória das minhas avós, Eudoxia e Sila.

À minha mãe Magali, à minha madrinha Cida e à minha professora Maria
Carolina.

AGRADECIMENTOS

Além dos desafios e inquietações, a realização deste trabalho implicou em muitas conquistas para mim, sobretudo demarcando momentos de superação e amadurecimento, bem como o começo de uma nova fase de vida. Durante sua elaboração, o apoio e a compreensão dos familiares e de todas as pessoas que conviveram comigo, durante este processo, e, que contribuíram de forma direta ou indireta, foram fundamentais para que eu pudesse concretizá-lo.

Quero agradecer à minha orientadora, a professora Carol, pela compreensão e ajuda que me dispensou durante nossos encontros. Com ela, percebi que o trabalho de orientação, além de auxiliar na produção de minha pesquisa, através das nossas conversas, pode ser um exercício agradável de convivência e respeito. Mesmo em tempos difíceis, mostrou-se uma pessoa extremamente especial e humana, dispensando a energia e atenção que lhe foram possíveis a mim e à essa pesquisa. Além disso, agradeço o convite que me fez para participar das reuniões do grupo de pesquisa que coordena, as quais proporcionaram discussões válidas para o meu tema, e, sobretudo, contribuíram para a minha postura como pesquisadora. Assim, agradeço a atenção dos companheiros de grupo.

Gostaria de agradecer, em especial, às professoras Maria de Fátima Guimarães Bueno e Maria Elena Bernardes, membros da minha banca de qualificação, que, com muito carinho e apreço, deixaram importantes contribuições, para que eu pudesse desenvolver essa pesquisa.

Agradeço, também, àqueles que se dispuseram a contribuir com a pesquisa, como o memorialista José Zechin, que me concedeu fotos antigas da cidade de Vinhedo, bem como as funcionárias da Biblioteca Municipal de Vinhedo, que permitiram que eu tivesse acesso à coleção de jornais.

Ainda, não posso deixar de ser grata aos que dispuseram tempo para responder aos questionários da minha pesquisa e, também, àqueles com quem me encontrei diversas vezes para gravar as entrevistas. Foram manhãs e tardes prazerosas: pude conhecer um pouco mais sobre a história da cidade em que nasci, desenvolver a pesquisa e também me divertir bastante com algumas histórias que ouvi.

Teria sido difícil terminar este trabalho sem o apoio das minhas amigas, principalmente aquelas que estavam no mesmo momento que eu, ou seja, também em fase de redigir suas dissertações. Agradeço pelas conversas confortadoras no decorrer deste trajeto, por compartilhar

sentimentos, dúvidas e inseguranças. Obrigada também às amigas que não estavam na mesma fase que eu, mas que dispensaram carinho, paciência e “ouvidos” durante meus momentos de frustrações e também de realizações; e pelos nossos momentos de descontração.

Agradeço às minhas tias Cida e Magda, pela convivência em família. Nossos almoços dominicais são sempre momentos de descontração e alegria para mim e, durante este processo de pesquisa, serviram como intervalos prazerosos.

E, como não poderia faltar, agradeço à minha mãe, pelo carinho, estímulo, compreensão e apoio incondicional durante todos os meus desafios. Você me ensinou a ser uma pessoa determinada e lutar pelos meus sonhos.

A narrativa, que durante tanto tempo
floresceu em meio artesão
- no campo, no mar e na cidade-
É ela própria, num certo sentido,
uma forma artesanal de comunicação.
Ela não está interessada em transmitir o
“puro em si” da coisa narrada
como uma informação ou um relatório.
Ela mergulha a coisa na vida do narrador
para em seguida retirá-la dele.
Assim se imprime na narrativa a marca do narrador,
como a mão do oleiro na argila do vaso.
(Walter Benjamin, 1985, p.205)

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Plantação de uva, 1953	14
Figura 2 - Rua Nove de Julho, 1947	15
Figura 3 - Plebiscito realizado em 1948	18
Figura 4 - A velha Igreja Matriz de Sant'anna, 1947.	19
Figura 5 - Padre Favorino segura maquete da nova igreja, s/d	20
Figura 6 - Igreja Matriz de Sant'anna, 1958	21
Figura 7- Discurso de inauguração da I Festa da Uva, 1951	24
Figura 8 - Rainha da Festa da Uva de Vinhedo, 1966	25
Figura 9 - Prefeitura Municipal, 1949	33
Figura 10 - Prefeitura Municipal, 1966	33
Figura 11 - A Irmandade Santa Casa de Vinhedo, 1962	43
Figura 12 - Construção da tubulação de água do Rio Capivari, 1970.....	44
Figura 13 - Meieros, 1993	47
Figura 14 - Praça de Sant'Anna, 1917	56
Figura 15 - B. Storani S/A Comercial, Industrial, Agrícola e Pastoril, 1925.....	57
Figura 16 - Estação Ferroviária, 1947	58
Figura 17 - Carteira de Habilitação, 1932	60
Figura 18 - Um dos primeiros táxis de Rocinha, 1932	61
Figura 19 - Primeiro Posto de Combustível, 1946	62
Figura 20 - Emancipadores, 1949	64
Figura 21 - Primeira Rainha, 1950	66
Figura 22 - Imagem de Rocinha, início do século XX	71
Figura 23 - Vista Aérea, s/d	72
Figura 24 - Passeio de Barco, 1935	76
Figura 25 - Carnaval de Rocinha, 1933.	79
Figura 26 - Foliões, 1936	81
Figura 27 - A Festa de Santa Cruz, 1949	85
Figura 28 - Fonte da Santa Claudina, 2004	86
Figura 29 - Monumento de entrada da cidade, 2000.	87
Figura 30 - Entrada da cidade, 2000	87

Figura 31 - Primeira turma de alunos do Grupo Escolar de Rocinha, 1920	98
Figura 32 - Festa Junina na Escola Professor Cláudio Gomes, década de 1980	121
Figura 33 - Desfile de Sete de Setembro, década de 1980	123

INTRODUÇÃO

Estimulada a poder construir conhecimentos na relação com os sujeitos, realizei a graduação em Pedagogia, e sempre fui bastante interessada na relação da escola com a cidade e de que forma o viver urbano se entrelaça com o viver escolar. Desta maneira, o tema central desta pesquisa envolve o processo de urbanização da cidade de Vinhedo na relação com as práticas escolares, buscando perceber historicamente de que maneira o engendramento das concepções de Modernidade capitalista no município focalizado transformaram (ou não) práticas dentro e fora da escola, identificando como as imagens relativas à Modernidade dialogaram com a educação das sensibilidades na formação dos cidadãos vinhedenses.

Ainda, na relação com os questionamentos de como a Modernidade, em ação no universo urbano dialoga com o cenário escolar (e vice-versa), a curiosidade de perceber se as mudanças provenientes da legislação produzem efeitos na própria instituição escolar, e como a mesma produz significados no viver urbano, são questões que também movem esta pesquisa.

Partindo das relações que fui tecendo com a cidade em que nasci, Vinhedo, na qual ainda habito, assim como nasceu e viveu a maior parte da minha família, muitas curiosidades começaram a surgir acerca dos significados mais amplos do viver urbano. Com 24 anos (nascida em 1989), as conversas, principalmente com meus pais - mas também com meus avôs, tios e parentes um pouco mais velhos -, sobre as suas respectivas infâncias e juventudes sempre me pareceram muito distantes das lembranças sobre minha própria infância.

Ao ouvir as memórias dos meus familiares - como as brincadeiras de criança de minha mãe, a forma de estudar de meu pai, o modo pelo qual tinham que ir à escola (sempre caminhando nas estradas de terra, por mais de 30 minutos), a felicidade de ver os trens de carga passando pelos trilhos da cidade, o medo e a relação superficial que tinham com seus professores da escola, a alegria dos finais de semana em que a família inteira viajava em uma “Kombi” para Campinas com o objetivo de fazer as compras no supermercado, dentre outras lembranças – questionava-me como as práticas sociais se transformaram tanto em um curto espaço de tempo, pois, para mim, que tenho uma diferença de mais ou menos 30 anos de idade em relação aos meus pais, essas lembranças “dos mais velhos” tornavam-se um pouco incompreensíveis, uma vez que as relações que tive com a cidade e com as pessoas ao meu redor ao longo da minha infância ocorreram de maneira completamente diferente.

Sendo assim, meus questionamentos giravam em torno de quais seriam as transformações socioculturais que ocorreram ao longo da história de Vinhedo. Quais as transformações e rupturas nos modos de pensar e de agir, de, aproximadamente, 1970, quando meus pais eram crianças, até 1990, quando eu fui criança? Por que é tão incompreensível, para mim, as lembranças que ouço dos meus pais? Quais práticas socioculturais foram se transformando e quais permanecem até os dias atuais?

Neste sentido, as histórias da cidade em que nasci (e com a qual tenho uma relação muito íntima), a vida dos moradores que aqui construíram seu passado e suas práticas é algo que me instiga bastante.

A Modernidade, na cidade de Vinhedo, possui íntima relação com o avanço do sistema capitalista. No período de 1970 a 1990 é que a cidade começou a ter um grande aumento populacional, a economia deixou de ser essencialmente agrária e passou a ser uma economia comercial, industrial e de serviços. Novos bairros e condomínios começaram a surgir, houve o provimento de energia elétrica nos espaços públicos, a expansão de grandes avenidas, a abertura para grandes rodovias, a criação do hospital público Santa Casa de Vinhedo, bem como o aumento do número de escolas e de vagas para os alunos, fazendo com que a cidade, neste período, fosse perdendo o caráter de uma cidade apenas “de passagem”, tornando-se um centro urbano com vantagens para “se morar”.

Em relação ao país, pode-se dizer que a Modernidade capitalista efetivamente se configurou em Vinhedo tardiamente, uma vez que o período de aceleração das transformações urbanas de cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Campinas, no que diz respeito aos processos de transformações urbanísticas, arquitetônicas, viárias e higienizadoras, ocorreram no final do século XIX e, sobretudo no início do século XX (principalmente nas duas primeiras décadas).

Nesta época (1900-1920), as ideias liberais e positivistas ressaltavam a importância da razão, da ciência e da técnica para a civilização. As cidades, consideradas civilizadas, eram aquelas que continham, em seu espaço urbano, indústrias que apresentavam o avanço técnico necessário à produção de capital. Em Vinhedo, embora a primeira indústria tenha sido construída na década de 1920 – a chamada Fiação e Tecelagem Sant’Anna – esta configuração urbana de “cidade industrializada” passa a se consolidar somente a partir de 1970, tendo destaque, neste momento, a criação do Distrito Industrial (1973), o qual representou um crescimento produtivo e

econômico muito grande, além de trazer “novas” concepções para a cidade: as concepções consideradas modernas.

Sendo assim, esta pesquisa opta por buscar uma maior articulação entre o sujeito e o objeto, entre teoria e prática, entre objetividade e subjetividade, colocando em prática concepções mais amplas de espaço, tempo, cultura, relações sociais e cidade. Uma vez que o cerne da mesma é a relação do avanço da Modernidade capitalista vinhedense com a educação das sensibilidades e, sobretudo, com as práticas escolares ocorridas nas décadas de 1970, 1980 e 1990, considero as contribuições dos teóricos discutidos a seguir fundamentais para colocar em ação a pesquisa aqui proposta.

Nesta pesquisa, a concepção de educação envolve sujeitos mais amplos, portadores não somente da dimensão racional, mas também portadores da dimensão sensível. Sujeitos que possuem sentimentos, crenças e intuições. Portanto, sujeitos que têm não somente uma dimensão consciente, mas também inconsciente.

Além disso, é importante destacar que a experiência da educação das sensibilidades, neste trabalho, é focalizada como construção histórica, que se dá ao longo dos tempos, em meio a dinâmica dos processos de lutas e resistências e, muitas vezes, amalgamando essas mesmas lutas e resistências.

De acordo com o autor Peter Gay (1988), que é referencia fundamental para tal conceito neste trabalho, a educação das sensibilidades articula-se a uma dimensão social mais ampla, reagindo aos impulsos econômicos, políticos, ao mesmo tempo em que é sua própria expressão. Ainda, de acordo com o autor, a educação das sensibilidades diz respeito não apenas a dimensão formal da educação, mas também a sua dimensão não-formal e informal.

A colocação em prática deste conceito foi por mim engendrada no diálogo com a obra do filósofo Walter Benjamin, o qual igualmente focaliza os seres humanos, no interior de suas relações socioculturais, como portadores de dimensões conscientes e inconscientes. (BENJAMIN, 1985).

Ao construir imagens relativas ao conceito de Modernidade, Walter Benjamin a focaliza como expressão artística e intelectual constituintes de um projeto histórico, intimamente ligado à burguesia, que se consolida como contraditório, inacabado, mal resolvido e “produtor de ruínas”. É possível compreender melhor o termo “Modernidade” e suas características, a partir do texto *Paris, Capital do século XIX*, que escrito por Benjamin (1985), publicado, pela primeira vez,

como a “abertura” do trabalho das *Passagens*. O texto focaliza as “galerias”, das “passagens”, como imagens de um “livro aberto” que pode ser lido e interpretado. Ao dialogar com Baudelaire, Benjamin flagra as transformações que ocorreram em Paris, no final do século XIX, e sobre como, na Modernidade, ocorreram mudanças nas relações sociais: as pessoas não mais se conhecem, são somente “passantes” que talvez nunca mais se vejam novamente. São pessoas imersas nas fantasmagorias, nas casas de sonhos e que, no entanto, no interior delas, podem alegoricamente as transformarem em experiências possibilitadoras da construção de outros futuros. (BENJAMIN, 1985).

Ainda, as reflexões benjaminianas sobre o conceito de memória, nos levam a pensar na memória com uma dimensão humana, articulada no tempo, no espaço e nas relações sociais, e com direito “à ida e à volta”, ou seja, entrecruzando os tempos do passado e do presente. A partir de suas obras, é possível perceber que as lembranças são disparadas por elementos amplos (como cheiro, sons, sabores), portanto, são constituídas não só pela dimensão racional e consciente, mas também são atravessadas pela percepção, intuição e sentidos.

Além disso, o autor nos aponta para o ato de lembrar como um compromisso social mais amplo, um ato político: lembrar o passado para questionar as relações do presente e pensar em novos rumos para o futuro (isto é, inventar outros futuros, que sejam menos desumanizados). No texto “Infância em Berlim por volta de 1900” (1993) Benjamin, apoiando-se em experiências infantis, entrecruzadas com as de adulto, movimenta os sentidos para inventar um mundo melhor, e, assim evitar a “catástrofe” – neste caso, para Benjamin, catástrofe seria perder a oportunidade de questionar o passado e o presente e mudar o presente e o futuro. Através de sua memória singular, o autor aponta para um despertar coletivo, possibilitando o tensionamento de diversos saberes, no diálogo com os sonhos, transformados em utopias.

Relacionando o processo de construção da Modernidade vinhedense com as memórias coletivas, a discussão da história local abre brechas para versões plurais deste processo, pois, como nos propõe o historiador marxista Edward Palmer Thompson (1981), a partir de evidências históricas é possível (re)construir experiências que sejam significativas ao olhar do pesquisador.

Além disso, o historiador marxista, a partir da lógica histórica, nos proporciona produzir conhecimentos na relação com o objeto, sem que anulemos nenhum polo: tanto o sujeito quanto o objeto são resguardados. Neste sentido, acredito que o método da “lógica histórica” deve ser utilizado na pesquisa como forma de potencializá-la, uma vez que deve ser usado em materiais

históricos, com o intuito de eliminar procedimentos auto-confirmadores e testar hipóteses quanto à estrutura, causação, etc. Thompson, ainda explícita, o valor que dá à teoria, concebendo-a como uma ferramenta exploratória do real, sendo que seu fundamento básico constitui a pesquisa dos “fatos humanos reais”.

Dessa forma, acredita Thompson que a produção do conhecimento histórico seja um ato dialogal – entre o sujeito e objeto-, ou seja, não está pronto *a priori*; isto permite perceber que tanto o sujeito esteja presente, com suas visões de mundo e seus valores, quanto o objeto seja respeitado, em suas potencialidades e limites materiais. Essa relação se dá na medida em que o sujeito, através de conceitos, categorias, perguntas, hipóteses, analisa o objeto, a partir de dados, empirias e evidências.

Especificamente sobre o processo de industrialização, Thompson (1987) aponta que este processo, articulado à Modernidade capitalista, é um processo dinâmico, que envolve lutas entre sujeitos que dominam e os que são dominados, sendo que estes últimos são produtores de resistências culturais, mesmo que essas resistências sejam sutis.

Merecem, também, destaque as contribuições advindas do movimento da *História Nova*, especificamente as reflexões sobre a produção do conhecimento histórico. Em 1929, os historiadores March Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel criaram a revista *Annales*, na França e, junto com ela, um novo movimento historiográfico. É importante explicitar que a *História Nova* se configura como um movimento, uma corrente, e não como uma escola, pois não possui características unidimensionais e princípios cristalizados, mas, sim, atravessa fases históricas distintas, as quais merecem ser investigadas nas suas especificidades, historicamente datadas.

A *História Nova* surge como uma corrente que visa combater a concepção positivista e a história marxista ortodoxa, as quais eram muito difundidas nas práticas historiográficas então dominantes. Para os positivistas, o conhecimento histórico era fundado apenas na colocação dos fatos de forma neutra, sendo que pesquisavam somente a história na dimensão política dos dominantes, dos grandes governantes e dos supostos grandes “heróis”. Ao contrário, para a *História Nova*, o conhecimento histórico não é concebido como neutro e nem pode ser dado *a priori*.

Além disso, os historiadores do movimento dos Annales:

Manifestam-se contra a separação do sujeito em relação ao objeto, no ato de produção do conhecimento histórico. Mais particularmente, defendem a reflexividade do sujeito cognitivo, afastando-se da concepção da verdade absoluta, a qual cabe ao cientista descobrir e aplicar – sempre de forma neutra – à vida social.

(GALZERANI, 1999, p. 650)

É importante ressaltar que essa tendência historiográfica também ficou conhecida como “a revolução francesa da historiografia”, nomeada assim por Peter Burke (1991), já que houve o aparecimento de novos objetos, métodos e linguagens, buscando abrir novas possibilidades de pesquisas e de produção de conhecimento.

Portanto, há uma ampliação do objeto de pesquisa: não só é estudada a história dos grandes políticos, dos intelectuais, dos supostos heróis, mas também se evidencia a história dos homens comuns, do cotidiano, do corpo, da alimentação, da leitura, do livro, da morte, dentre tantas outras temáticas, a partir de novos olhares metodológicos, como a concepção de mentalidades, de verdade, de tempo, de documento histórico, bem como o uso de novas linguagens, mais próximas dos homens comuns e se distanciando da formalidade acadêmica.

Após 1968, marco do movimento estudantil francês, houve uma quebra de valores e instituiu-se a pluralidade de tendências. O movimento, então, adquiriu uma feição especialmente sociocultural, em detrimento da história socioeconômica, através de inúmeros historiadores, dentre os quais, Jacques Le Goff, Paul Veyne, Peter Burke, Robert Mandrou e Georges Duby. É neste momento que se desenvolve fortemente, dentro desta tradição historiográfica, a “história das mentalidades” – mentalidade entendida na sua íntima articulação com o social, considerada não só como expressão do social, mas também como instituinte do social.

Segundo Jacques Le Goff (1976), citado por Galzerani (1999), a opção pelas *mentalidades* significa a rejeição de uma história economicista, de cunho analítico, abstrata e de caráter quantitativo. Representa a busca por “fazer uma história intelectual de não intelectuais”, visando abarcar as visões de mundo e as sensibilidades de homens e mulheres comuns, e entender as atitudes, pressupostos e ideologias presentes nos diferentes grupos sociais. Ao estabelecer diálogos com a Linguística, com a Psicanálise e com a Antropologia, esta vertente historiográfica amplia a própria imagem da produção do conhecimento histórico.

Desta forma, uma postura ativa do sujeito no ato da produção do conhecimento, em oposição à radical objetividade positivista, é colocada em prática por historiadores como March

Bloch, Lucien Febvre, Georges Duby, Paul Veyne, Michel Vovelle, Michel de Certeau, originando a concepção plural de verdade. Tais historiadores questionam a noção positivista e a concepção ortodoxa de verdade como algo absoluto, totalmente objetivo, e acreditam em uma verdade relativa, ou seja, na existência de várias “verdades” produzidas por um dado sujeito, datado em tempo e espaço histórico. Nesta nova concepção de verdade há uma preservação do juízo de valor subjetivo, o qual é limitado na relação com o objeto – sendo que o subjetivismo radical de alguns autores pode vir a ser um problema metodológico.

O historiador brasileiro Saliba (1993, apud GALZERANI, 1999), seguindo as pegadas de Roland Barthes, o qual procura discutir as implicações da imagem de verdade absoluta na construção do conhecimento, destaca o “efeito real” produzido pelo discurso historiográfico positivista, que implica no apagamento de características subjetivas, dos próprios historiadores. Ainda, acredita que este “efeito real”, ao acionar a imagem paradigmática do “aconteceu”, em uma sociedade profundamente marcada pela indústria cultural, torna-se extremamente marcante nas produções historiográficas. Nesta perspectiva, o acontecimento, que é sempre produto de uma construção subjetiva, aparece como verdade absoluta, imutável e sagrada. Sendo assim, conclui Saliba (1993, apud GALZERANI, 1999), o acontecimento compromete tanto a validade das verdades históricas, como também o próprio sentido histórico das sociedades.

Ao “efeito real” do discurso histórico, fundado na aceção positivista historicamente instalada desde o final do século XIX, e explícita, inclusive pelo rótulo de “ciência”, corresponde a convenção de ficcionalidade do discurso literário (sobretudo enquanto construção romântica oitocentista). Enquanto o “efeito real” do discurso histórico contribui para a total anulação do sujeito cognitivo, a convenção da ficcionalidade do discurso literário proporciona o apagamento das dimensões objetivas da construção literária.

Segundo Georges Duby (1986) citado por Galzerani (1999), há uma grande diferença entre história e romance, no sentido de que a ficção histórica obrigatoriamente está ligada ao vivido, contudo, a forma de abordagem não é muito diferente. O historiador conta uma história forjada recorrendo a certo número de informações corretas. (DUBY, 1986, apud GALZERANI, 1999). Desta forma há uma mudança na aceção de ciência: mesmo que a história seja um conhecimento, já que é baseada em metodologia, não é totalmente objetiva, já que se relaciona com o sujeito. Compreendem-se, assim, as expressões de Michel de Certeau e de Paul Veyne, os

quais referem-se à história como “ficção histórica” e “romance verdadeiro” (GALZERANI, 1999, p. 5).

Por sua vez, o historiador Peter Gay (1990), citado por Galzerani (1999), não acredita que a diferença entre história e literatura se situe na busca da verdade, pois, se para o historiador essa busca é uma obrigação, romancistas e poetas estão longe de desdenhá-las. Para Gay (1990 apud GALZERANI, 1999), a diferença entre história e literatura se situa na distinção entre verdade poética – obtida através da intuição – e verdade histórica, a qual utiliza técnicas rigorosas de produção de conhecimento. Isto significa que, enquanto a verdade poética é limitada pela liberdade do artista, o limite da verdade histórica é dado pelos fatos reais. De acordo com Gay, “o que não se requer da arte é exatamente o que é requerido pela história: descobrir, por mais chocante que seja a descoberta, como era o universo velho, ao invés de inventar um universo novo” (1990, apud GALZERANI, 1999, p. 6).

Por outro lado, o sociólogo Richard Sennet (1988) citado por Galzerani (1999) convida-nos a refletir sobre o intimismo, o narcisismo e a subjetividade radical presentes na cultura contemporânea, uma vez que o autor enfoca o esfacelamento da esfera pública, dado pelos avanços capitalistas. Estas características culturais implicam em leituras do objeto que se distanciam dele próprio, ou seja, configuram leituras idealizadas, que não se relacionam com as experiências vividas aqui focalizadas. Leituras estas, não só de professores e alunos, mas de sujeitos sociais em geral, no ato de produzir conhecimento.

De acordo com Thompson (1981), os adeptos das vertentes estruturalistas, funcionalistas e idealistas anulam o polo objetivo na construção do conhecimento histórico: ao formularem suas produções reflexivas não fundamentam sua pesquisa em um diálogo com o objeto de análise, historicamente dado, mas, sim, utilizam a teoria com fim em si mesma, e não como ferramenta exploratória do real.

Seguindo os vestígios de Peter Gay, é importante reconhecer que a garantia da “objetividade” se dá na própria subjetividade do pesquisador – paixão, afetividade, psique. Entretanto, o autor nos alerta que o processo de construção subjetiva no interior da narrativa literária não significa que os dados históricos possam ser inventados ou utilizados de forma arbitrária.

A partir de meados da década de 1980, na França, muitas das temáticas antes abordadas pela História das Mentalidades começaram a ser abordadas pela História Cultural, a qual revela

outra perspectiva de trabalho em torno do conceito de cultura, como sendo um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar e entender o mundo. Nesta perspectiva, a cultura é uma forma de expressar e de traduzir a realidade que se apresenta de forma simbólica e, assim sendo, permite que os sentidos atribuídos às palavras, às coisas, às práticas e aos sujeitos sociais apresentem-se de forma codificada, constituindo significado e apreciação valorativa. Ainda, este enfoque da cultura, ao ultrapassar os limites da erudição como única definição conceitual, constitui um espectro mais amplo, pois admite inúmeros componentes do viver humano: práticas, saberes, valores, sensibilidades, racionalidades e representações. Isto é, a História Cultural abarca tudo que se refere à criação humana socialmente constituída.

Segundo Sandra J. Pesavento (2004, p.77-78), um dos aspectos que mais dão visibilidade a esta corrente historiográfica é a renovação dos campos de pesquisa, e um destes campos investigativos é o relativo às cidades. Os pressupostos da História Cultural permitem, à pesquisa, problematizar a cidade enquanto objeto de reflexão, pois, para além do estudo baseado nos processos económicos e sociais, esta vertente amplia as fontes e os problemas a serem focalizados, possibilitando trabalhar com discursos e representações sobre a cidade (assim sendo, trabalhar com o imaginário urbano).

Metodologicamente, além dos fundamentos teóricos já apresentados, a pesquisa se embasou em outros autores que abordam em seus trabalhos o tema cidade, Modernidade, educação das sensibilidades, culturas escolares, história oral, história da educação e formação docente. Ainda, esta pesquisa desenvolveu-se a partir da análise de documentos, como jornais que circularam no passado, imagens visuais da paisagem e de moradores de Vinhedo, bem como entrevistas e questionários realizados com antigos moradores da cidade e com professoras que atuaram nas primeiras séries iniciais, no período de 1970 a 1990.

As entrevistas realizadas de forma oral tiveram vários momentos. No total, foram seis entrevistados. O primeiro desafio que se enfrenta em qualquer trabalho de História Oral é dificuldade de gravar as vozes focalizadas. Segundo Portelli (1997, p. 7-24), o primeiro momento com o entrevistado é de extrema importância, pois é na troca de olhares entre entrevistado e entrevistador que a confiança se estabelece. Por isso, nos primeiros encontros, não gravei as

¹ Dos entrevistados de forma oral, Odila Frediani, 79 anos e Maria Edelinda de Paula Pisoni, 70 anos, são professoras aposentadas que atuaram nas primeiras séries iniciais nas escolas de Vinhedo, de 1970 a 1990. Os outros são vinhedenses ou antigos moradores, que vivenciaram, vários momentos do processo de crescimento e industrialização da cidade: Francisco Gallo, 85 anos, Odila Frediani, 79 anos, José Antônio Fávaro, 60 anos, Selma Gallo, 53 anos; e Magali Maria Ferragut, 53 anos.

entrevistas. Primeiramente esclareci os principais objetivos dessa minha pesquisa, sem falar de gravação. A partir das histórias que os entrevistados me contaram, pude constituir um material rico para construir um roteiro e continuar a entrevista nos próximos encontros. Somente quando senti que a confiança estava estabelecida, propus gravar nossas conversas.

Em geral, os entrevistados não se opuseram às gravações, exceto duas² professoras aposentadas. Por isso, ocorreu a opção pelo questionário escrito (anexo I e II) e essas professoras contribuíram com a pesquisa respondendo a perguntas, sob a forma escrita³.

As entrevistas constituíram uma forma de adentrar o universo escolar, a fim de identificar práticas e culturas escolares e de buscar estabelecer relações das mesmas com o crescimento urbano e industrial da cidade. Ainda, houve conversas com moradores antigos da cidade, para entender como o processo do crescimento de Vinhedo foi vivido e sentido pelos mesmos.

As imagens visuais utilizadas como documentos históricos fazem parte do acervo pessoal do memorialista José Zechin, e foram apresentadas a mim de forma digitalizada⁴. Encontrei nas mesmas a potencialidade de documentarem uma história visual que evidencia o crescimento, desenvolvimento e progresso de Vinhedo, ao mesmo tempo em que revelam paisagens, traços arquitetônicos, modos de viver e de trabalhar que não mais existem na cidade, pois foram demolidas, modificadas ou transformadas ao longo do tempo.

Na pesquisa dos jornais⁵, percebi que, muitas vezes, os periódicos representavam memórias deixadas por apenas uma minoria social, ou seja, a elite intelectualizada da cidade que

² Maria Aparecida Aun Penteado, professora aposentada, 83 anos e Angélica Herminia Pisoni Ré, professora aposentada, 75 anos.

³ Não sei o motivo dessas recusas, no entanto, acredito que o fato de eu pertencer a duas famílias tradicionais de Vinhedo (sendo que um primo de terceiro grau já foi prefeito da cidade, Jonas Ferragut, e tenho vários outros parentes que trabalham em cargos públicos), tenha intimidado as entrevistadas, acreditando erroneamente, que eu estivesse vinculada, de alguma forma, a esse poder oficial e que, nessas condições, fizesse denúncias ou mesmo críticas. Creio que o fato de terem tido uma formação educacional mais tradicional e rígida e aberta a poucos diálogos pode ter dificultado a adesão das professoras em relação à participação nas entrevistas.

⁴ Vale lembrar que ele é um colecionador de registros iconográficos sobre a cidade, notadamente de fotografias, e reuniu muitos deles no livro “Cores e Sabores de Vinhedo” (2008). Como o livro busca recontar a história da cidade (por um viés econômico), as imagens concedidas relacionam-se tanto com os aspectos tradicionais da cidade antiga como com os modernos traçados urbanos. Ainda, é importante ressaltar que a seleção documental que realizei, foi a partir das fotos digitalizadas recebidas do memorialista Zechin, e que eu mantive os títulos impressos pelo mesmo.

⁵ As notícias de Vinhedo referente aos anos de 1951, 1952, 1953, 1954 e 1958, foram retiradas das seguintes fontes: a) Jornal Folha de Vinhedo: período entre 12 de janeiro de 1951 e 12 de dezembro de 1954; b) Jornal Vinhedense: período de 11 de maio de 1958 e 3 de agosto de 1958. Os exemplares consultados fazem parte do acervo pessoal de Antônio Medeiros Júnior, e estão, atualmente, sob a tutela de Amauri Von Zuben. É importante explicitar que, durante a pesquisa com os documentos citados, respeitei a grafia da época. Já no acervo que pertence à biblioteca municipal de Vinhedo, tive acesso às notícias que datam de 1979 a 1981, a partir das seguintes fontes: c)

participava ativamente da administração municipal, no geral, sujeitos pertencentes às classes dominantes, uma vez que é difícil encontrar nesses periódicos vozes de resistências ou críticas aos governos municipais. Ainda, no caso de Vinhedo, identifiquei que memórias “populares”, deixadas pelos trabalhadores, mulheres ou pelas classes socialmente desfavorecidas são escassas dentro destes “veículos” de comunicação, ou são difundidas através de uma perspectiva dominante.

Uma vez que essas memórias “populares” possuem indícios fragmentários, podem escapar ao historiador como “homem moderno”, letrado, “autoconsciente”, o qual pode pensar ser difícil entender pessoas diferentes dele próprio. Nesse sentido, focalizando uma produção da história de Vinhedo na qual as diversas vozes participem, me proponho a analisar a linguagem em sua ambiguidade (já que as palavras escondem, mas também revelam sentidos), na tentativa de preservar as diferentes séries discursivas em torno de um mesmo assunto, ou ainda, com a pretensão de identificar algumas séries que se excluem: algumas séries discursivas que não são ditas, ou seja, produzem uma ausência de vozes (GALZERANI, 1998, p. 14 - 20).

Para colocar em ação a proposta acima explicitada, recorro novamente ao historiador inglês Thompson (1987, p. 80 - 83) que, ao analisar as diferenças das culturas “refinada” e “plebeia”, enfatiza a “energia de autêntica auto-avaliação” da cultura plebeia. Isto é, afirma que a hegemonia historicamente não bloqueou as defesas, por partes dos pobres, nos seus modos de trabalho, de descanso e não os impedia de formarem seus próprios ritos, cantos e, tampouco, de possuírem suas próprias insatisfações ou visões de mundo. Assim, o historiador nos mostra que a hegemonia não impõe um domínio total sobre os governados/dominados, explicitando que todas as pessoas são capazes de produzir resistências, mesmo que de forma sutil.

A possibilidade de apreensão do mundo urbano vinhedense (no século XX), neste trabalho, tem a intenção de tomar os jornais, os depoimentos, as entrevistas e as imagens (todos utilizados como fontes históricas), não somente como eco do universo social, mas sim como instituintes deste universo, dialogando de forma efetiva com a constituição das identidades sociais e das concepções e sentimentos sobre a cidade moderna. Por conseguinte, o diálogo com as fontes de pesquisas privilegiadas tem, como objetivo, identificá-las como estratégias para compreender o fenômeno urbano, numa fase de intensas mudanças em Vinhedo.

Jornal da Cidade, período de janeiro de 1979 a abril de 1980; d) Jornal de Vinhedo, de fevereiro a março de 1980 e) O Vinhedense, de julho a novembro de 1981.

O trabalho com a fonte jornalística é extremamente rico no sentido das relações outras que podemos apreender. Assim, a pesquisa procura captar, nas páginas dos jornais, outros indícios capazes de potencializar a abertura de frestas para novas indagações sobre esta Vinhedo *moderna* no final do século XX, bem como elementos contextuais outros (nacional, mundial), sem desconsiderar o papel dos próprios jornais como formadores de opinião na sociedade local.

No geral, as fontes analisadas são priorizadas na pesquisa como tentativa de constituição de memórias ou identidades locais, que nos levem, a partir dos indícios, pistas, hipóteses, a reconstruir uma dada versão da história de Vinhedo, preservando a pluralidade de vozes e de visões, na relação com a escola e com as práticas escolares.

O trabalho desenvolve-se em quatro capítulos. No primeiro, analiso o material documental que focalizei nos jornais locais sobre a cidade de Vinhedo, debruçando-me sobre as fotos e os depoimentos, sem a pretensão de trazer uma única versão da história vinhedense, mas, sim, discutir o que as fontes focalizadas apresentam como desenvolvimento e crescimento da cidade, construindo uma certa ideia de progresso.

No segundo capítulo busco, a partir das mesmas fontes (depoimentos, fotografias e jornais), focar a história da cidade de Vinhedo no período de 1970 a 1990, a partir das relações sociais, sensibilidades e sociabilidades urbanas: o que muda na relação com o tempo, espaço e práticas coletivas?

No terceiro capítulo, há um breve histórico da instituição escolar, ao longo do século XX, trazendo as leis e reformas que embasaram a educação primária e, por fim, uma explicitação das relações entre a escola e a cidade nas décadas de 1970, 1980 e 1990, sem perder de vista como o avanço da Modernidade capitalista e os processos de urbanização e industrialização relacionaram-se com a educação das sensibilidades.

O quarto capítulo encerra-se com algumas reflexões proporcionadas pelo processo de pesquisa, em uma tentativa não de concluir esta narrativa, mas, sim, de identificar possíveis saltos qualitativos analíticos relativos à temática aqui focalizada e localizar contribuições relevantes para minha formação acadêmica.

CAPÍTULO 1 – CIRCULANDO PELA CIDADE

1.1 O progresso como mote da modernidade

- Mamãe, quem nasce em Vinhedo é uva?
 - Não filhinha. Quem nasce em Vinhedo é vinhedense, a uva nasce no vinhedo, entendeu?
 - Não entendi, mamãe!
 - Então vou explicar: está vendo estas parreiras de uvas na chácara do seu avô?
 - Sim, mamãe.
 - Isso se chama vinhedo.
 - Está vendo toda esta área ao redor da chácara?
 - Sim, mamãe.
 - Toda esta área faz parte da cidade de Vinhedo, que no leste faz divisa com Itatiba, no oeste com Itupeva, no sul com Valinhos e no norte com Louveira.
 - E onde eu nasci, mamãe?
 - Na chácara do seu avô.
 - Então, eu sou uva?
 - Não, minha filha, você é vinhedense, seria uva se fosse roxinha e tivesse forma de cacho com bolinhas. Entendeu?
 - Então, o Julinho é uma uva?
 - Não filha. Ele é seu irmãozinho.
 - Mas ele tem cachinho!
- (SOUZA, 2010, p.56) ⁶

Apesar de, hoje, o cultivo de uva não ser mais o principal motor econômico de Vinhedo, até aproximadamente 1960, a cidade desenvolveu-se de forma singular, a partir da agricultura; havia também criação de gado leiteiro e de frango, mas estas atividades representavam uma pequena parcela responsável pela circulação de capital. Sendo assim, a cidade possuiu uma economia agrária marcante, que se concentrava nas mãos de poucas famílias que aqui viviam (advindas da Europa, como, por exemplo, a família Gallo, Trevisan, Pesacarini, Ferragut, Paffáro). Até a década de 1970, Vinhedo tinha poucas indústrias, sendo a maior e que mais empregava os moradores a Fiação e Tecelagem Storani. Esse perfil econômico só começou a se transformar

⁶ A conversa entre mãe e filha está no livro “Eu amo Vinhedo, fruto de uma proposta lançada pela Prefeitura de Vinhedo, cujo intuito foi o de reunir histórias, contos, poesias e prosas contadas, cujo tema é o sentimento de amor à cidade. Para participar da seleção, o escritor deveria enviar seu texto para um conselho editorial, que foi responsável por selecionar oitenta textos, sendo que 25% deste total foram reservados a textos de alunos das sétimas séries das escolas municipais. (“Eu amo Vinhedo”. In: Vários Autores. Eu amo Vinhedo. Jundiá: Editora In House, 2010.)

cerca de 1970, quando atividades relacionadas ao comércio e à indústria começaram a se tornar expressivas.

Na década de 1950, apesar das práticas agrícolas circularem entre o cultivo de algumas frutas, de milho e de algodão, a produção de uva era apontada como a principal atividade que movimentava o capital do município. Segundo relatos de antigos moradores, a cidade era composta por inúmeros sítios, (Figura 1) os quais delineavam um cenário marcadamente rural para Vinhedo.



Figura 1 - Plantação de uva, 1953.

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Flagrante fotográfico de uma típica área de vinhedos. Os parreirais ao sol, em época de colheita exalavam um doce aroma ao entardecer. Da uva veio o grande impulso da agricultura da Rocinha, gerando a sua mais tradicional festa: a Festa da Uva. Essa plantação ficava localizada na área rural da cidade de Vinhedo. Antigos moradores relembram que, nessa época, a paisagem da cidade era, em sua grande maioria, assim: composta por parreiras.

A área rural composta por inúmeras plantações e por algumas granjas, representava a maior parte da cidade. Nesse espaço, as ruas eram de terra, com postes feitos de mourão e a iluminação precária. Não havia muitos carros, nem transporte público: o principal meio de transporte era a charrete.

A pequena área urbana alojava um pequeno centro comercial. Esse centro concentrava-se em duas ruas: a Rua Nove de Julho (Figura 2) e a Rua Humberto Pescarini. Nessa época (década de 1950 e 1960), havia, no chamado “centrinho”, um armazém, um bar, uma fábrica de balas, a Igreja Matriz de Sant’Anna, a Praça Sant’Anna, um campinho de futebol atrás da Igreja, uma farmácia e também algumas casas de famílias mais abastadas, que viviam na parte central e possuíam propriedades nas áreas rurais.



Figura 2 - Rua Nove de Julho, 1947

Fonte: Acervo do memorialista José Antônio Zechin.

A perspectiva do fotógrafo, ao focalizar a principal rua da cidade na época, desnuda para nós, leitores de hoje, um outro tempo, no qual os ritmos apressadas hodiernos inexistiam. Em 1947, a Rua Nove de Julho era a única rua da cidade pavimentada, ou seja, não era de terra, mas, sim, de paralelepípedos. Havia poucos estabelecimentos comerciais. O trânsito permitia que cachorros dormissem no meio da rua.

A limpeza das ruas era feita com carroças, comandada pelo fanático corinthiano Martins, o “Lixeiro”. O “Japi” Garcia entregava pão com uma carrocinha e o seu cavalo sabia onde parar. Hoje, a rua constitui o local com maior concentração de lojas da cidade.

Em geral, as famílias tiravam seu sustento da agricultura e também da criação de aves e vacas leiteiras. Quem trabalhava nessas propriedades geralmente eram os homens da família (pai e os filhos) e alguns meeiros – trabalhadores que plantavam nas terras dos patrões, de modo que, posteriormente, a colheita fosse dividida entre ambas as partes. As mulheres da família, em grande parte das vezes, não trabalhavam diretamente na roça, mas ajudavam na colheita. No caso das famílias que cultivavam uva, as crianças frequentavam o Grupo Escolar (geralmente dos sete aos onze anos, já que não eram todas que chegavam a frequentar o Ginásio) e também ajudavam a preparar os caixotes nos quais as uvas eram transportadas.

Como a plantação de uva representava uma grande fatia da economia e contribuía de forma significativa para o desenvolvimento da cidade, podemos verificar que o próprio nome Vinhedo -

que antes de se emancipar era um distrito de Jundiá e chamava-se Rocinha-, diz respeito a essa atividade:

Vinhedo, cujo nome é representado pela sua principal cultura, ‘uva de mesa’, com seus 7 milhões de pés divididos na maioria entre pequenos agricultores, é um fator decisivo na economia do município. O produto de ano para ano vem aumentando e é exportado para alguns estados do país. Este ano a produção foi das maiores, devendo atingir 1.700.000 caixas, num total aproximadamente de noventa e cinco milhões de cruzeiros, pois o preço obtido foi bom. Ouvindo alguns produtores, soube-se que no próximo ano é intenção (sic) modificar o sistema de venda, ampliando para o interior do estado, onde alcançará melhor preço. Amanhã por ocasião da ‘Festa da Uva’ os expositores brincarão o público, apresentando seus magníficos produtos.

(Folha de Vinhedo, 16 de janeiro de 1952, p.4)

Antes da produção de uva e de vinho, Vinhedo, antiga Rocinha, fez parte do ciclo cafeeiro. Foi no início do século XX que a cultura de café começou a declinar e surgiu o despertar da vinha. Conta-se que uma geada – a pior geada ocorrida em 100 anos – motivou os agricultores da região a pensar em outras maneiras de cultivar a terra. Assim, a monocultura de café gradualmente foi sendo substituída por outras plantações. (VIVEIROS, 2005, p. 40). Devido a grande presença de imigrantes e de descendentes de italianos ⁷, o cultivo de uva foi tornando-se o principal produto da agricultura local e o sucesso dos vinhedos ocorreu, primeiramente, devido ao fato de que os imigrantes italianos vindos para o Brasil possuíam a sabedoria e a técnica de fazer vinho. (MATTOS, 1958, p. 98).

Embora a cidade seja marcada pela cultura imigrante de italianos, os primeiros que aqui chegaram foram os alemães e suíços e assim teve início o desenvolvimento de agricultura local. Inicialmente, Rocinha era apenas um lugarejo; em 1840, transformou-se em vila e, em 1908 passou a ser distrito de Jundiá. Foi por volta de 1870 que os primeiros estrangeiros chegaram à

⁷ É importante ressaltar que na região houve também imigração de portugueses, suíços, alemães, espanhóis, dentre outros, que contribuíram para a constituição de culturas plurais, configurando uma identidade múltipla para a cidade. (Cf. ZECHIN, 2008)

⁸ “Já sabemos, por exemplo, que o distrito de Rocinha foi criado em 31 de outubro de 1908. Sabemos igualmente que a estação de Rocinha foi inaugurada em abril de 1872. Contudo, contam os velhos moradores do lugar que a fundação de Rocinha data de antes dessa época, pois muito antes da inauguração da estação da estrada de Ferro da Paulista, já existiam casas na localidade, que, por sinal, se situavam onde hoje chamamos muito acertadamente de Rocinha Velha.” (Folha de Vinhedo, 13 de agosto de 1952, p.1).

vila: os alemães Karl Mattenhauer, vindo da Colônia, e sua mulher Dorothea, procedente de Bonn⁹.

Contudo, foi a chegada dos imigrantes italianos que representou a salvação da plantação local, pois os mesmos trouxeram a prática da policultura e, em pouco tempo, começaram a produzir vinho, grapa e cerveja. A cafeicultura, neste momento, começou a decair.

Rocinha começou a crescer autonomamente, uma vez que Jundiá tratava o distrito como lugar de menor importância e não se preocupava com seu desenvolvimento. Novos problemas começaram a surgir, em relação à água, energia, manutenção de estradas, impostos, dentre outros, e os rocinhenses começaram um movimento para se desligar de Jundiá. Em 1948, um processo¹⁰ foi encaminhado à presidência da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, com o pedido de autonomia de Rocinha. O movimento de emancipação foi conduzido por 22 pessoas (Figura 3), que se organizaram em uma comissão composta por vários profissionais: fazendeiros, industriais, comerciantes, advogados, um bancário, um farmacêutico, o único motorista do único táxi que atuava na cidade e o padre Favorino. Quem ocupou o cargo de presidente da comissão foi o médico Abraão Aun, integrante da colônia sírio-libanesa. Por já ter exercido o cargo de subprefeito por longo período, sua posição de presidente foi justificada pela vivência nessa urbe,

⁹ Somente a partir de 1880, Rocinha começou a receber imigrantes italianos.

¹⁰ (...) A cidade possui iluminação elétrica fornecida pela Empresa Luz e Força de Jundiá S.A., serviço telefônico, agência postal, posto policial, guarda noturna, cartório de paz e anexos, este instalado em março de 1909, quando da criação do distrito. A sua situação privilegiada constitui fator preponderante no progresso que vem caracterizando o seu desenvolvimento. Rocinha é uma cidade já próspera e rica, mas que vem sofrendo em seu desenvolvimento os obstáculos irremovíveis da centralização administrativa, dependendo para tudo das providências da sede municipal, muito distante. Na sua parte urbana alinham-se magníficos prédios, tanto residenciais como recreativos e industriais (...) numa área aproximada de 100.000, cortada por cinco ruas e seis avenidas, uma praça ajardinada e rua central calçada. Possui ao todo mais de quatrocentos prédios, e edificação própria recém construída, para a Subprefeitura; duas praças de esporte, clube recreativo da Associação Rocinhense, funcionando em importante sede recentemente construída; importante cinema da firma Irmãos Niero, de instalação luxuosa, recentemente edificado na Praça do Jardim; Igreja Matriz em vias de grande reformas. Seu comércio é constituído de oito empórios, cinco lojas de fazendas e armarinhos, três sorveterias, padaria e confeitaria, cinco bares, quatro barbearias, tinturaria, farmácia, três açougues e outros de somenos. Sua indústria consta de uma fábrica de tecidos de algodão da firma B. Storani S.A.; grande fábrica, com refinaria, de óleos vegetais, da firma Indústria Brasileira de Óleos Vegetais, com grande máquina de beneficiamento de algodão com desvio ferroviário próprio, ocupando estas duas indústrias, para mais de quinhentos operários; três fábricas de chapéus de vários tipos; uma fábrica de sandálias; duas oficinas de ferreiros com fabricação de carroças e de instrumentos agrários; feccularia, uma garagem com oficina de consertos e posto de gasolina anexo; grande fábrica de massas alimentícias e uma máquina de beneficiar arroz. (VIVEIROS, 2005, p. 69 - 69)

o que lhe proporcionou o conhecimento dos problemas enfrentados por Rocinha ¹¹. (VIVEIROS, 2005, p. 64 – 70)

Historicamente datada, segundo a perspectiva oficial, a emancipação de Vinhedo ocorreu no dia 24 de dezembro de 1948, quando foi publicado o decreto-lei nº233. Contudo, não se pode esquecer que esta conquista foi um processo longo, não ocorreu instantaneamente, uma vez que envolveu tensões e conflitos, nos quais interesses, significados, desejos, ideais achavam-se “em jogo”. Nesse dia, o comércio e as fábricas fecharam suas portas; uma missa foi rezada por Artur Ricci, com o auxílio do padre Favorino, e os moradores participaram de uma caminhada – acompanhada pelos quatro carros que existiam na cidade.



Figura 3 - Plebiscito realizado em 1948
Fonte: Acervo do memorialista José Antônio Zechin.

O Plebiscito para decidir a emancipação política de Rocinha foi realizado em 24 de outubro de 1948. Nessa foto, o olhar do fotógrafo priorizou focalizar alguns eleitores famosos em ação. Da esquerda para a direita podemos ver Aristides de Paula (sentado), Antônio Matheus Filho, Humberto Pescarini e sua mãe, votando. Como ninguém mais queria pagar imposto para Jundiaí, a população, em sua maioria, foi favorável a esse movimento. Havia somente um pequeno grupo que não aprovava a autonomia de Rocinha. A apuração dos votos foi realizada em Jundiaí: 1.563 eleitores votaram a favor e somente 94 eleitores votaram contra.

¹¹ Vale questionar se, realmente, os problemas que ele detectou em Rocinha representavam todas as classes sociais que compunham a cidade e, se, após a emancipação de Vinhedo, quais foram os problemas apontados para serem solucionados.

Assim, após a emancipação, há indícios de transformações marcantes para a cidade. O novo padre que assumiu a paróquia no dia 1º de fevereiro de 1948 foi o Favorino Carlos Marrone, na época com trinta anos de idade. Ao se juntar aos defensores da emancipação, Favorino também acelerou as obras da nova matriz, a qual foi inaugurada um ano após sua chegada. Com o crescimento da população, a velha igreja (Figura 4) estava ficando pequena para abrigar todos os católicos, os quais constituíam a maioria da população.

A religião representava para a maioria dos vinhedenses algo muito valioso. A maioria das famílias, as quais eram compostas por descendentes de italianos e espanhóis, era católica e, quem não era, era visto com “maus olhos”. As relações sociais se davam, sobretudo, a partir da Igreja. As famílias se encontravam e conversavam não só nas missas – aos sábados e domingos, onde homens e mulheres deveriam sentar separados-, mas também nos eventos organizados pela Igreja, como a festa da padroeira e a procissão da sexta-feira santa.



Figura 4 - A velha Igreja Matriz de Sant'anna, 1947.

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Flagrante da “velha” igreja situada na Praça de Sant’anna. Com o crescimento da cidade, o número de fiéis também cresceu e a Matriz estava pequena para abrigar a todos. Na foto a visão da Avenida 2 de abril, data em que se comemora a emancipação do município. A terra batida da rua deu lugar ao asfalto da avenida.

Na foto, ao lado direito, o que foi um dos bares mais famosos da cidade, o Gato Preto, de Ernesto Graetki, inaugurado em 1952. Tinha o requinte de alugar mesas para os clientes assistirem os jogos de futebol pela televisão. Na esquina, à direita, ficava o Bar do Ponto (por causa do ponto de táxi). À esquerda, onde hoje está uma banca de revista, ficava o armazém de secos e molhados de Henrique Pisoni.

Como já citado, o padre Favorino foi quem acelerou as obras da nova Matriz (Figura 5). Para isso, Favorino contou com a ajuda dos fiéis: ele conta que houve dois casos interessantes nesse movimento. O primeiro foi o de uma senhora que ganhou na loteria e dividiu o prêmio com a Igreja; e o segundo, a promessa cumprida de seu amigo que, durante a infância em Campinas, declarara o desejo de ser engenheiro e prometera construir a igreja de Favorino, quando este também relatou, ainda criança, que seu sonho era ser padre. Fora isso, as boas colheitas nos vinhedos e as doações feitas durante a missa também contribuíram para a construção da nova igreja.



Figura 5 - Padre Favorino segura maquete da nova igreja, s/d
Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Registro fotográfico no qual o fotógrafo constrói a imagem do Padre Monsenhor Favorino Carlos Marrone segurando a maquete da nova igreja, que deveria ser maior, para assim abrigar uma quantidade maior de católicos.

Tendo em vista o apoio da população para que a nova Matriz fosse construída, é possível perceber que, para muitos, essa construção representou simbolicamente a própria independência da cidade nova, uma vez que essa foi idealizada por um dos membros do movimento emancipacionista. Apesar de a nova igreja ter significado para muitos uma aspiração em direção ao progresso e ao desenvolvimento de Vinhedo, surgiram, também, resistências quanto à destruição da igreja anterior. É o caso do depoimento de Jonas Ferragut, que, depois de ter sido

prefeito municipal, escreve uma matéria contra a destruição da primeira capela do município, com valores próximos ao romantismo.

Vivemos numa época em que a humanidade não possui tempo para conservar em seu espírito as coisas do passado. Quanto mais o homem se apega à realidade, ao dinheiro, menos valor ele dá aos sentimentos. A própria alma hoje em dia, segundo alguns, é objeto do passado. Mas o homem, embora querendo abster-se do pretérito, tem que necessariamente recorrer a ele para seu aperfeiçoamento, guardando sempre uma parcela de sentimentos. O povo de Vinhedo é dono de muitos. Caso típico é o da Capela da Santa Cruz. (...) Conservemos a Capela e as festas e no porvir nossos filhos se lembrarão de nós.

(O Vinhedense, 8 de junho de 1958, p.4).

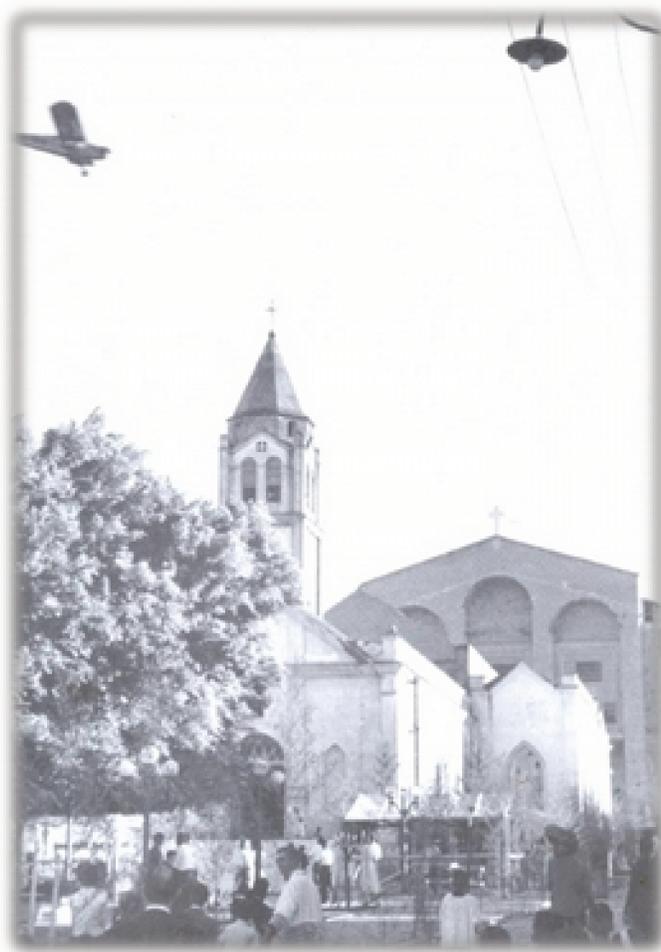


Figura 6 - Igreja Matriz de Sant'anna, 1958
Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

A igreja nova foi construída num terreno na frente da Praça de Sant'anna, e sua dimensão corresponde quase ao dobro do tamanho da antiga. Nesse flagrante fotográfico o autor captou o momento no qual a imagem de Sant'anna está sendo transferida da igreja velha para a nova Matriz de Vinhedo. Não ficaram ausentes dessa representação os símbolos máximos do progresso nessa época: o avião e a iluminação elétrica.

No depoimento de Jonas Ferragut, acima apontado, claramente revela-se um apelo para a conservação das tradições passadas. Embora ele não fale diretamente da construção da nova Matriz de Sant'Anna, aponta um processo semelhante de transformação da Capela da Santa Cruz. O novo aparece como anulação do passado, como perda de antigas tradições. Vinhedo ainda não possuía uma trama urbana moderna, embora já fosse 1950. Contudo, as transformações sofridas ao longo do tempo, sobretudo no período do avanço da Modernidade capitalista, foram sendo responsáveis, cada vez mais pela perda de algumas tradições e pela busca do novo como o “sempre igual”, como nos aponta o filósofo Walter Benjamin (1993, p. 71 - 143). Para Benjamin, a comunicação e o intercâmbio de experiências vividas é escassa na sociedade capitalista, predominando vivências (muitas vezes automatizadas) entre homens partidos – e não entre sujeitos inteiros. Com o desenvolvimento das forças produtivas e das novas possibilidades técnicas (sobretudo no século XIX), as relações e sensibilidades sociais foram transformando-se, uma vez que o trabalhador isola-se no processo de produção; seu ritmo torna-se o ritmo da técnica; e o “novo” é buscado como o “sempre igual”. Dessa maneira, o autor nos faz refletir sobre nossas práticas e, até que ponto temos sido autômatos buscando pelo “novo” como o “sempre igual”? (GALZERANI, 2002, p.57-66)

De acordo com Gagnebin (1997, p.143), o conceito de “moderno”, ao se tornar sinônimo de “novo” acabou por assumir uma dimensão necessária para a nossa compreensão do que seria “Modernidade”, mas também assumiu uma dinâmica interna que ameaça o desfalecimento da sua relação com o tempo. A autora aponta que o novo está, por lógica, destinado a se transformar no seu antônimo, ou seja, no “não-novo”, no obsoleto e, por conseguinte, o moderno designa um espaço de atualidade cada vez mais limitado. Em outras palavras, o moderno fica antigo rapidamente, e, a linha de demarcação entre os dois conceitos – novo e “não-novo”-, até então clara, começa a ficar cada vez mais fluida. Assim, ao se definir pela novidade, a Modernidade assume uma característica que a constitui e a destrói, ao mesmo tempo. (GAGNEBIN, 1997, p. 143)

Para Walter Benjamin (1983, p. 60 - 69), a questão do tempo predominante na Modernidade relaciona-se com a perda da “tradição”, pautada nas “experiências” dos sujeitos. Experiências passadas ao longo das gerações, o que faz com que hoje, apresentemos dificuldades para: a) apreender outras sensibilidades através da ressignificação das vivências; b) historicizar

tramas urbanas e dar sentidos outros ao passado – sentidos que sejam capazes de criar alternativas que nos possibilitem refletir sobre o relacionamento dos homens, no espaço e no tempo.

Ainda, no diálogo com Benjamin, é necessário ter em vista que as relações culturais entre os grupos sociais da época eram dinâmicas e dialéticas, tomando o cuidado para não fazer análises simplistas como, por exemplo, conceber o processo de modernização da cidade como uma luta desigual entre um grupo dominante que impôs sua concepção histórica a um grupo dominado. Desta forma, é importante perceber que as concepções dominantes podem, muitas vezes, se mesclar com as visões dominadas e, assim, gerar movimentos de resistências culturais, mesmo que esses movimentos apareçam nas brechas do sistema.

Na mesma linha, o historiador Edward Palmer Thompson (1998) acredita que a hegemonia cultural quando se impõe com sucesso não impõe ao mesmo tempo uma visão de vida totalizadora. (THOMPSON, 1979 apud GALZERANI, 1998). Desta forma, o autor nos aponta que a premissa de que a hegemonia outorga um domínio total sobre os governados, implantando categorias de subordinação a ponto de não se sentirem aptos a se libertarem, não é uma premissa verdadeira, mostrando, assim, que todas as pessoas são capazes de produzir resistências, mesmo que de forma sutil.

Outro acontecimento importante ocorreu em 1951: a I Festa da Uva De Vinhedo. Criada como forma de lazer, mas, também, com o intuito de movimentar a economia da cidade, tornou-se um grande evento no calendário do Estado de São Paulo, uma vez que atraía (e continua hoje a atrair) visitantes de toda a região, promovendo relações culturais entre as cidades. O local da exposição da primeira festa foi a fábrica de óleo comestível Argos. O discurso de inauguração contou com muitas personalidades, dentre elas, o governador do Estado de São Paulo, na época, o Sr. Adhemar de Barros. (Figura 7)



Figura 7- Discurso de inauguração da I Festa da Uva, 1951

Fonte: Acervo do memorialista José Antônio Zechin.

A fotografia mostra uma visão do governador do Estado de São Paulo, Sr. Adhemar de Barros, no momento de seu discurso durante a inauguração da I Festa da Uva, no qual prometeu construir um local apropriado para as festas seguintes.

Durante o evento, realizaram-se concursos que elegiam, por exemplo, a melhor fruta, a melhor embalagem, promovendo, assim, uma competição entre agricultores e visitantes. Ainda, eram escolhidas, dentre as vinhedenses, uma rainha e duas princesas para representar o evento, tradição que se mantém até hoje e é disputada entre as moradoras, pois, além do prêmio em dinheiro, representa certo “status”. (Figura 8)



Figura 8 - Rainha da Festa da Uva de Vinhedo, 1966

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

A rainha Maria Ivone Von Zuben posa para a foto, na 16ª Festa da Uva. Na fotografia é possível perceber pelas mãos delicadas dessa “rainha” que ela não era uma trabalhadora da roça. Normalmente, as rainhas e princesas da Festa da Uva eram as mulheres das famílias mais bem situadas economicamente de Vinhedo, uma vez que o estereótipo de beleza privilegiado era o eurocêntrico, encontrado nas moças de descendência europeia e não nas que provinham da miscigenação brasileira.

Em consequência da Festa da Uva, a cidade começou a receber viajantes interessados em conhecer a produção agrícola, divertir-se, passear e, também em ter contato com a cultura da região – já que esse evento rememorava, e rememora ainda, alguns aspectos antigos de Rocinha e mostrava, também, visões e sensibilidades do seu presente. O depoimento de um turista, extraído do Jornal Folha de Vinhedo, revela a percepção que tinha da cidade, na década de 1950.

No outro dia que aqui estive de passagem distinto cidadão proprietário de um sítio para repouso, localizado entre Itatiba e Campinas. Viera atraído pelas notícias da realização da magnífica festa da uva. Desejava conhecer a sede de nosso município, os seus homens, as suas indústrias e os detalhes sobre o cultivo de frutas. Percorreu alguns sítios e fazendas ficando satisfeítíssimo (...). Após visitar as pequenas indústrias, tivemos o prazer de levá-lo a conhecer a grande fábrica de tecidos Sant’anna. (...) A saída, no pátio fronteiro, o nosso visitante declarou-nos: - Tenho viajado inúmeras vezes pela Paulista, de Campinas ou de Valinhos para São Paulo e, francamente, não fazia idéia de que Vinhedo fosse a cidade magnífica que acabo de visitar; pensei em tratar-se de um povoado subordinado a esta grande indústria. Mas, diante do que me foi dado ver, ou seja uma cidade limpa, com água e esgoto, ruas e avenidas espaçosas, clima excelente e habitada por gente hospitaleira, levo daqui a melhor das impressões. E, antes de se despedir dos circunstantes, o nosso amigo, fixando o eucaliptal fronteiro¹²,

¹² Pelo fato de os eucaliptos secarem as vertentes de água e infertilizarem as terras, já que depois de plantados, não nasce mais nada sobre o local, procurei descobrir quem era o proprietário desse eucaliptal, que, além de tudo, impedia a visibilidade da cidade, mas não consegui obter essa informação. Contudo, através dos depoimentos da pesquisa, via história oral, pude descobrir que se plantou muito eucalipto em Vinhedo, para se vender a madeira para

exclamou: Ah! É por isso que, das vezes que por aqui tenho passado, de trem, com destino a São Paulo, não divisava a bela sede do município de Vinhedo! E é lamentável – E por quê? Caro amigo – interrogou um dos nossos companheiros – Porque como na Rússia Soviética, que não pode ser vista por estar detrás de uma “cortina de ferro”, a sua formosa Vinhedo não é conhecida porque está encoberta por uma ‘cortina verde.

(Folha de Vinhedo, 20 de março de 1952, p.1)

O visitante, embora pareça um pouco exagerado ao exaltar tantas qualidades da cidade na época, aponta imagens amalgamadas do rural e do urbano que Vinhedo apresentava então em sua paisagem. Exalta Vinhedo pelo seu bom clima, por ser uma cidade limpa, urbanizada e por ter um povo hospitaleiro, mas aponta que seria necessário retirar a “cortina verde” de eucaliptos que impedia a visão plena do município, para que a cidade pudesse ser vista e, assim, caminhar mais célere em direção ao progresso.

A derrubada da “cortina verde” pode ser relacionada com a sugestiva imagem de “destruição criativa”, proposta por David Harvey (1994), como forma de melhor compreender a Modernidade e as conotações de progresso a ela atribuídos. Para Harvey, a Modernidade não somente significou uma ruptura com as condições históricas precedentes, como também pode ser caracterizada por processos interrompidos de rupturas e fragmentações internas. Dentro desses processos internos, aqueles caracterizados como “destruição criativa”, presentes em muitos projetos de reformulação urbana, são exemplos dessa tensão que a distingue. A imagem da destruição criativa é significativa para que se possa compreender a Modernidade, pois originou os dilemas práticos enfrentados para a consolidação e implementação do projeto modernista. “Afinal, como poderia um novo mundo ser criado sem se destruir boa parte do que viera antes? Simplesmente não se pode fazer um omelete sem se quebrar os ovos”. (Harvey, 1994, p.26). Tomando como exemplo a reformulação urbana de Paris, a qual ocorreu na metade de século XIX, é possível destacar que os bulevares de Haussmann só puderam ser construídos, porque as velhas habitações medievais foram destruídas. Utilizando a metáfora de Harvey, foi necessário “quebrar os ovos” para que o novo pudesse ser construído.

Esse impulso de destruição criativa também pode ser encontrado no seguinte poema, sem autoria, publicado nos anos 1950. No que diz respeito à reformulação urbana em Vinhedo, ele nos aponta algumas mudanças físicas da cidade.

a caldeira das indústrias e, também, para se usar a madeira na construção de casas. (Conforme depoimento de Francisco Gallo, 85 anos, aposentado como policial rodoviário, gravado em abril de 2014).

Vinhedo, terra bendita! / Vinhedo, terra da uva!
Terra de embira de sapo, / Terra de mato sapúva.
Vinhedo está crescendo, / Mas já foi bem pequenina,
Hoje, é cidade média, / E já foi cidade menina.
Vinhedo é cidade minha, / Vinhedo é cidade tua,
Não tinha um calçamento, / E tinha valeta na rua.
Conheci Vinhedo á tempo, / Ainda era bem moço,
Tempo das ‘fossas fundas’ / E sua água era de poço.
Calçaram a rua do centro, / Ficou que valeu a pena;
Sumiram as valetas grandes / Para ficar valetas pequenas.
Suas ruas eram de terra, / Havia muita poeira,
Dentro de pouco tempo, / Calçaram a cidade inteira.
Como tudo se acaba... / Como tudo tem fim...
Arrancaram aquele cercado, / E fizeram um novo jardim.
Quem vê Vinhedo agora, / Chega a torcer o nariz.
Vai sair a Igreja Velha, / Mas já tem nova Matriz.
Ajudar as obras úteis, / Nunca, a ninguém aleja,
Vejam só a nova Igreja, / Dá para fazer inveja.
O grupo estava caindo, / Não se tinha onde estudar,
Mas uma forcinha foi feita, / E saiu o grupo escolar.
Vejam só prezado amigo: / Facilmente se arruma pae
Vinhedo tem sempre ido, / Porque só ‘agora é que vae’.
(Autor desconhecido. Poema retirado do jornal O Vinhedense, 25 de maio de 1958, p. 4)

Percebo, nessa manifestação, embates que envolvem a constituição da memória identitária da cidade e os indícios de transformações da paisagem urbana. É possível flagrar um crescimento do município e, concomitante a este processo, a ruptura com alguns aspectos do passado, os quais estavam sendo substituídos por características ditas como modernas que demonstravam o desenvolvimento (em andamento) da cidade.

Por se configurarem como *locus* de intensa sociabilidade, as cidades representam espaços nos quais despontam histórias e lembranças. Assim sendo, as paisagens urbanas, por conterem as marcas das relações dos sujeitos que nela se inscrevem, tornam-se indicadores de múltiplas temporalidades. Inserido dentro do avanço da Modernidade capitalista, o espaço urbano tornou-se cada vez mais crescente e fragmentado, constituído por tensão e contradições decorrentes deste processo. É necessário ter em vista que o desenvolvimento do capitalismo fortaleceu-se a partir da expansão industrial, datada nos fins do século XVIII, na Europa, e começou a progredir conforme avançou para outras partes do mundo. Sua expansão envolvida pela defesa da autonomia do sujeito com base na razão esclarecedora, e pela constituição de um discurso de “novos tempos” esteve consubstanciada no que se denominou de Modernidade.

A partir do final do século XIX, o ideal de Modernidade intensamente veiculado no Brasil foi elemento decorrente e impulsor da expansão do sistema capitalista. Dentre outros pressupostos, este ideal transmitia a ideia da celebração do tempo presente com vistas a um futuro de progresso e prosperidade universais.

Ao mesmo tempo em que embalada por esta ideia de progresso e prosperidade, a expansão do sistema capitalista também foi um processo contraditório e ambíguo. Contraditório no sentido de desigual, pois se configurou numa distribuição diferente das riquezas geradas pelo sistema. Ambíguo no sentido da expansão da barbárie. Para Walter Benjamin essa barbárie é tanto positiva como negativa, porque se configura numa destruição, mas, também, numa promessa para o começo de um novo.

É possível flagrar em Vinhedo, concepções modernas e a expansão do sistema capitalista já na década de 1950. De acordo com o jornal Folha de Vinhedo, na década de 1950, Vinhedo possuía o seguinte perfil:

O município de Vinhedo, com 300 km² de superfície está situado a 84 km de São Paulo, servido pelas estradas Anhanguera e Paulista e Estrada de Ferro. Está a 730 metros de altitude, possuindo excelente clima, água em abundância, rede de esgoto em todo perímetro urbano, ruas sarjetadas sendo a principal calçada. Moderno grupo escolar abriga mais de 800 crianças, sendo que para o ensino secundário cogita-se a criação de um ginásio. Dois estabelecimentos bancários, Caixa Econômica Estadual, Coletoria Estadual, quatro clubes de esporte, duas associações beneficentes, três grandes indústrias e vinte pequenas. Existe na prefeitura municipal lei que isenta de impostos outras indústrias que se instalarem no município. Sua principal atração turística condiciona-se a grande Festa da Uva, realizada anualmente no mês Janeiro ou Fevereiro, quando inúmeras pessoas de todos os recantos do estado para aqui vem para apreciar as exposições de frutas e outras atrações que a festa oferece. Vinhedo possui 6 milhões de pés de uva. A população de Vinhedo eleva-se a 9 mil almas, sendo seis na zona rural e três na zona urbana. Dentre os seus inúmeros bairros, destaca-se Louveira, situado a 7 quilômetros da sede, possuindo grande número de residências modernas, comércio intenso, cerâmicas, olarias, oferecendo toda área uma visão magnífica de seus extensos parreirais de uvas finas.

(Folha de Vinhedo, 12 de janeiro de 1951, p. 2)

A partir da pesquisa com as fontes (os jornais, as imagens visuais e os depoimentos orais), percebi que Vinhedo, a partir de 1950, mas, sobretudo entre os anos de 1970 a 1990, foi uma cidade pautada pela ideia do progresso e da modernidade.

Para quem escreveu o artigo acima citado, o ideal de cidade progressista, moderna, aqui anunciado, capaz de amalgamar a dimensão urbana e a rural, é sinônimo de urbanização,

comércio, indústria, bancos, lazer, beneficência, esporte, educação escolar, embelezamento. Ao mencionar as “ruas sarjetadas”, busca, igualmente, desligar-se de um passado, no qual as mesmas eram de terra e agrega à aparência da cidade o valor beleza, o que contribui para o engendramento de um “novo” conceito estético na modernidade. Valor e conceito esses que se apoiam também, segundo o autor, neste município moderno na: “visão magnífica de suas extensas parreiras de uvas finas”, constituindo assim uma visão romântica.

A escola configura-se também, neste momento, como símbolo fundamental da modernidade, como forma privilegiada de se ter acesso ao conhecimento, muitas vezes em detrimento de outras experiências culturais do universo do “outro”, as quais são desvalorizadas ou desqualificadas. Nessa lógica, uma cultura letrada é um importante alicerce para a construção de uma cidade moderna.

O esporte aparece como suposta forma de preparar o homem moderno para o trabalho. Neste sentido, a Educação Física, presente nas escolas, também possui valor moderno. De acordo com Bauman (2001), o discurso legitimador da Educação Física tem uma estreita relação com o mundo do trabalho, de modo que o trabalho se apresenta como um elemento primordial de geração de sentido para a prática ou construção de uma sociedade ordenada. Na modernidade, a Educação Física elevou o trabalho a principal valor educativo, isto é: trabalho como eixo central, a partir do qual as práticas esportivas deveriam/devem estar organizadas. Neste sentido, o corpo é concebido como algo que pode ser aperfeiçoado, melhorado, fortalecido em sua capacidade física e essa atividade tem a finalidade de gerar corpos produtivos, eficientes, disciplinados e moldados para trabalhar. Uma vez que o trabalho está atado ao corpo do trabalhador, a aptidão física está diretamente relacionada com a produção. Assim, o modelo de saúde moderno é o de um homem em condições de realizar o esforço requerido pelo mundo do trabalho.

Sobre o conceito de Modernidade, dialogo com o filósofo alemão Walter Benjamin, autor que abordou, em muitos de seus escritos, as perspectivas culturais estabelecidas pelas sociedades capitalistas após o processo de revolução industrial. Para Benjamin,

O século XIX não soube corresponder às novas possibilidades técnicas com uma nova ordem social. Assim se impuseram as mediações falaciosas entre o velho e o novo, que eram o termo de suas fantasmagorias. O mundo dominado por essas fantasmagorias é – uma palavra-chave encontrada por Baudelaire – a Modernidade.

(Benjamin, 1985, p. 92)

Ao construir imagens relativas ao conceito de Modernidade, o autor a focaliza como expressão artística e intelectual constituintes de um projeto histórico, intimamente ligado à burguesia, que se consolida como contraditório, inacabado, mal resolvido e “produtor de ruínas”. Acredita que, embora o século XIX tenha sido marcado por novas possibilidades técnicas, questões como o esfacelamento do social, a dominação e a opressão de classes continuam latentes.

Para o autor, o conceito de Modernidade está fortemente ligado ao avanço do sistema capitalista. Neste sentido, questiona-se em relação às fantasmagorias incorporadas ao longo do processo de Modernidade capitalista, as casas de sonho, as ilusões, como por exemplo, realização de desejos através do consumo pessoal e da sensação de poder/ter em um universo em que as relações sociais são apagadas, bem como as dimensões temporais e espaciais. No entanto, ao considerar a dimensão cultural, as visões de mundo e as sensibilidades como constituintes das relações sociais, Benjamin amplia a concepção de sistema capitalista e nos permite entender as sensibilidades como construções historicamente dadas (e não como naturais ou psicologicamente compreensíveis). (GALZERANI, 2002, p. 54 e 55)

Logicamente, o progresso traz facilidades para as vidas das pessoas, que normalmente são seduzidas por essa ideia aliada a uma melhora na qualidade de vida. No entanto, não paramos para nos questionar: qual preço pagamos para termos uma cidade mais bonita? De quais valores e práticas abrimos mão para vivermos em um centro urbano, tecnológico? É a fantasmagoria¹³ do progresso, o qual aparece como avanço, como sinônimo de qualidade de vida, mas também domina a prática de todos, fazendo com que não consigamos olhar o outro como igual ou termos relações mais humanas, já que as filtramos pela aparência.

¹³ Termo originalmente criado por Etienne Gaspard Robertson, físico belga estudioso de fenômenos óticos. Segundo Jaeho Kang, professor da New School for Social Research em Nova York, fantasmagorie era o nome que Etienne dava ao seu espetáculo de fantasmas, uma exibição de ilusionismo. Benjamin emprega o termo para dizer das atualizações do passado no presente da Modernidade. Como “fantasmagoria”, Benjamin entendia a imagem que a mercadoria, ou qualquer objeto, produz de si mesmo; a “fantasmagoria” é a presença de uma ilusão, tal qual o espetáculo de fantasmas de Etienne. “A propriedade que recai sobre a mercadoria como seu caráter fetichista é inerente à própria sociedade produtora de mercadorias, não como ela é em si, mas como ela representa a si mesma e acredita compreender-se quando faz abstração do fato de que ela produz mercadorias. A imagem que ela assim produz de si mesma e que costuma designar como sua cultura corresponde ao conceito de fantasmagoria.”(Cf. BENJAMIN, 2006: 711)

1.2 O projeto de desenvolvimento urbano

Após a emancipação (1949) há indícios de um acelerado crescimento da cidade. Nos jornais e, muitas vezes, nas falas dos moradores, o crescimento de Vinhedo é endossado por um discurso de que esse crescimento conseqüentemente levaria a cidade ao desenvolvimento e ao progresso. Todavia, existem falas questionadoras, que problematizam essa acelerada industrialização e urbanização, apontando outros aspectos trazidos por tais transformações. É o caso do texto publicado por Anésio Brunelli (morador antigo da cidade).

O progresso de Vinhedo, elevando a cidade e tornando-a conhecida por todo nosso Estado, vai na sua ascensão devastadora, destruindo o muito de poético e romântico que nós, que sempre vivemos por aqui, sentimos em outros tempos. Afora as muitas destruições de sonhos passados, que o progresso já se incumbiu de derrubar, vai ele acabar, também como famoso ‘Pasto de Jacob’. Qual o filho de Vinhedo que não brincou, que não participou das peladas no pasto do Jacob? (...) Rasgando ruas, erguendo prédios, os homens atuais buscam, em ânsia quase incontida, atingir um nível de progresso jamais sonhado em outras eras. E são eles, os mesmos homens, que hoje acertadamente querem fazer da nossa velha Rocinha uma cidade bonita, que [sic] brincaram ontem, que ontem correram atrás das doces avezinhas para a sua inocência infantil estirpá-las ou prendê-las, que vão acabar com o pasto do Jacob. Adeus ao Pasto do Jacob.

(Anésio Brunelli para Folha de Vinhedo, 11 de março de 1953, p.1).

O Pasto de Jacob era um campinho para jogar bola, improvisado pelas crianças. Ele ficava atrás da “igreja velha”, e pertencia ao “Jacózinho” (Jacob Elias). Anésio Brunelli, além de uma preocupação com o progresso que alguns sonhavam para Vinhedo, aponta o conflito entre os novos sonhos que aspiravam ao progresso e os sonhos que são destruídos pelo mesmo. Assim, Vinhedo não só estaria passando por mudanças físicas, econômicas, mas também culturais, simbólicas, nas quais os sujeitos estariam formando novas experiências estéticas, conhecimentos, sensibilidades, ao mesmo tempo em que passam a ocupar os novos espaços. Ainda, nesse depoimento, pode-se captar uma sutil crítica ao progresso em tom romântico, no sentido de ser destruidor de algumas boas experiências vividas. Michael Löwy e Robert Sayre, em “Revolta e Melancolia, O Romantismo na contramão da Modernidade” (1995), analisam as concepções plurais do romantismo. Acreditam no romantismo como uma das principais formas de resistência da cultura moderna: uma visão do mundo global, manifesta na literatura, na arte, na política, na filosofia, na religião, na historiografia, etc; (GALZERANI, 1998, p.167 e 168). Ou mais

explicitamente, tais autores destacam a conotação de protesto que o romantismo assumiu contra o capitalismo moderno e/ou a civilização industrial.

Identificamos, também, no diálogo com as fontes documentais focalizadas, indícios de uma reformulação urbana: novos prédios foram construídos e ruas foram abertas – que, dentre outros objetivos, visavam deixar a “cidade bonita” (e também dinamizar a circulação de capital e de produtos). Logo, uma nova concepção estética vai se consolidando. Como nos aponta Brunelli, os sujeitos que visavam o progresso de Vinhedo queriam “embelezar” a velha Rocinha. Portanto, ao mesmo tempo em que essa nova concepção surgia, mesclada por experiências passadas e atuais, implicava na destruição do que havia de belo e romântico do tempo passado, concretizando um certo conflito entre as sensibilidades dos moradores, pois, enquanto há aspirações para uma cidade bonita, em um futuro próximo, também há lamentos pela perda do romântico e poético que a cidade possuía no passado.

Além disso, há sinais de mudanças nos hábitos cotidianos, como é o caso das brincadeiras infantis. Trazendo à tona experiências do passado, Brunelli as ressignifica com suas vivências do presente, o que lhe permite questionar quais seriam os novos lugares que as crianças dessa Vinhedo “moderna” poderiam brincar. Da mesma maneira que o Pasto de Jacob seria destruído, ruas seriam abertas em locais que até então serviam de lazer, casas seriam construídas em áreas agrícolas, e assim, o espaço da cidade iria se modificando. Daí a necessidade de se reeducar os comportamentos dos moradores, para que esses ocupassem os novos espaços da cidade.

Outras transformações são destacadas pelos vinhedenses, a partir de olhares diferentes. A primeira Prefeitura Municipal (Figura 9) foi construída e reformada diversas vezes. Ainda hoje, o prédio atual encontra-se no mesmo terreno, no entanto, ao longo de suas reformas, sua arquitetura foi marcada por modelos inspirados na capital do País, em Brasília (Figura 10).



Figura 9 - Prefeitura Municipal, 1949.

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Visão do prédio onde se instalou a primeira Prefeitura Municipal, no mesmo local da atual. Rua de terra batida, sem calçadas, bucólica cerca de madeira. Naqueles tempos, a água vinha de um poço (onde hoje se localiza o centro comunitário), sem tratamento, diretamente para a caixa atrás do prédio, além de outra subterrânea. Depois era distribuída em torneiras espalhadas pela cidade.



Figura 10 - Prefeitura Municipal, 1966.

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

As primeiras modificações no prédio da prefeitura ocorridas na gestão de João Porto Netto são flagradas nessa imagem fotográfica. É possível identificar as bandeiras do Brasil e do Estado de São Paulo hasteadas. A bandeira de Vinhedo, instituída como símbolo do município, foi criada só em 1979. Desde então, é hasteada diariamente no Portal da cidade.

Além de reformulações urbanas, as imagens de desenvolvimento propagadas pelos jornais tinham, na indústria, um sustentáculo importante. Já na década de 1950, os jornais foram responsáveis por veicular a ideia de que a cidade, ainda “menina”, deveria deixar seu passado e presente agrícolas para poder se desenvolver. Embora não existisse o Distrito Industrial (que só foi criado em 1973), o município contava com políticas de incentivo à instalação de indústrias:

Industriais de outras cidades e até mesmo do exterior, percebendo as vantagens que esta próspera cidade lhes oferece, além de favorável posição topográfica, os meios de comunicações pela Companhia de Estradas de Ferro Paulista e Via Anhanguera, não hesitaram em adquirir terrenos para instalar suas indústrias, sendo uma tecelagem de rami e outra de tapetes. Dezenas de casa serão construídas, e a Câmara local em recente lei as isenta dos impostos por tempo determinado. Com este promissor futuro, na certa, convergirão para cá, mais e mais forasteiros e a nossa querida Vinhedo os abraçará fraternalmente.
(Folha de Vinhedo, 16 de janeiro de 1952, p.1).

A notícia apresenta a previsão de um futuro “promissor” (segundo o jornal) no setor industrial, uma vez que, além das vantagens que Vinhedo oferecia em relação à sua localização, ao clima e ao transporte, a prefeitura promulgara uma lei que, por tempo determinado, isentaria as indústrias de pagar impostos.

Ao mesmo tempo em que o espaço começa a se industrializar, a base da economia deixa, aos poucos, de ser agrícola.

Neste sentido, as áreas rurais (antes compostas por sítios e fazendas) começaram a se incorporar ao perímetro urbano, o que culminou no seu alargamento. Esta incorporação começou a ser colocada em prática logo após a emancipação de Vinhedo (1949), tornando-se prioridade para os novos administradores¹⁴.

Ao ampliar a área urbana, além do aumento de capital via arrecadação de impostos, identifica-se no papel do Estado uma ação que não é neutra, uma vez que ele exerce seu poder de regulação desse espaço e pode, ou não, beneficiar seus administradores. Uma hipótese de beneficiamento direto dos administradores municipais pode ser apontada no caso do Dr. Abraão

¹⁴ “A delimitação do perímetro urbano é uma medida que vem se impondo de há muito tempo e parece que agora vai sair. Uma comissão já foi organizada pela mesa da Câmara para tratar do assunto, e segundo estamos informados, ela está interessada em que o trabalho fique pronto tão logo seja possível. Trata-se inegavelmente de uma medida das mais acertadas, pois o acanhadíssimo perímetro que temos não pode continuar. Os bairros residenciais estão começando a se impulsionar, justamente nas zonas consideradas suburbanas.” (Folha de Vinhedo, 23 de julho, de 1952, p.1).

Aun, que, em 1953, era presidente da Câmara Municipal (e ex-prefeito de Vinhedo) e legislou em causa própria, aprovando um loteamento do qual era beneficiário.

Garanta seu futuro. Adquirindo um lote de terreno em prestações suaves.
Proprietários da Soc. Civil e Imobiliária Nova Vinhedo LTDA., Dr. Abraão Aun, Miled Kalil Aun, Carmelo Consolo, Francisco Penteado Filho, João Galvão Anderson e Álvaro Penteado. Corretores: Odilon de Souza, Alaor Leite Pimentel e Pedro Constante Donato.

(Folha de Vinhedo, 26 de agosto de 1953, p.4).

As notícias apontavam para uma rápida industrialização e as transformações na geografia de Vinhedo consistiam na conversão de terras agrícolas em áreas de moradia. No entanto, até meados de 1960, a agricultura ainda era marcante: em 1959, Vinhedo tornou-se o maior produtor de uvas de mesa do Estado, ao colher 16 milhões de quilos da fruta, o equivalente a 2 milhões de caixas, principalmente da espécie Niágara Rosada. Ainda neste ano, os agricultores da cidade também obtiveram excelentes resultados nas colheitas de outras frutas – maçãs, caquis, goiabas e laranjas – cereais e leite. Contudo, é a partir da década de 1960 que a produção de uva vai diminuindo: em lugar dos dois milhões de caixas produzidos em 1959, o número reduziu-se para 1,3 milhão em 1965. (VIVEIROS, 2005, p.72-73)

Em 1966, foi criada, às pressas, a Casa da Lavoura, com o objetivo de prestar assistência técnica aos agricultores, uma vez que o fungo de nome científico *glamarella* estava ameaçando as plantações e os agricultores exportavam, além de uvas, outras frutas para São Paulo, Rio de Janeiro, Santos e Belo Horizonte. Pode-se detectar, aqui, um indício do avanço da Modernidade nessa urbe: a construção da Casa da Lavoura, pautada por conhecimentos técnicos/científicos/instrumentais para corroborar o progresso da agricultura, que, até então, pautava-se nas experiências de vida dos agricultores.

É no período de 1970 a 1990 que podemos identificar o crescimento de um viver urbano consolidado pelo avanço do sistema capitalista. Isso se dá porque é nesse período que as atividades ligadas à indústria e ao comércio começam a alterar o perfil econômico, social, político e geográfico da cidade. As abruptas transformações que aconteceram no período focalizado não ocorreram ocasionalmente: foram frutos de um longo projeto político de desenvolvimento, cujas raízes se remetem à época da emancipação. Além disso, as

transformações socioespaciais foram as mais assimiladas pelos moradores da região que as identificam, sobretudo, na administração dos prefeitos José Carlos Gasparini.¹⁵

Ao comentar sobre sua atuação administrativa, José Gasparini – como é conhecido na região – discorre sobre suas vivências e explicita que as diretrizes que ele previa para Vinhedo se relacionaram com experiências que viveu no exterior. De acordo com o ex-prefeito, assim que assumiu seu cargo, a associação paulista dos municípios enviou um convite para que fosse fazer um curso em Miami. Chegando à cidade, ele e os demais prefeitos ficaram três dias em cada departamento da prefeitura. Conta que ficou abismado com a quantidade de departamentos que havia: saúde, educação, segurança, transporte, aeroporto, água, esgoto, dentre outros. Para Gasparini foi uma maravilha ter essa experiência, pois viu que eles tinham toda essa estrutura numa parte do país que tem muito menos recursos naturais que o nosso. O que tinham melhor que Vinhedo era apenas o mar! “Mas Vinhedo tinha tantas outras coisas boas que a natureza oferecia... Orlando, então, era um brejo: até as pedras tiveram que ser feitas de concreto porque não havia. Lá, a natureza não foi generosa”. Era tudo artificial. Voltando para Vinhedo, ele pensou: “estamos localizados a setenta quilômetros de São Paulo, uma cidade de 10 milhões de habitantes. As duas melhores estradas do país passam por Vinhedo, a Anhanguera e a Bandeirantes. Uma ferrovia passa dentro da cidade. O aeroporto de Viracopos é a dezoito quilômetros daqui. Um clima maravilhoso, um lugar turístico muito bom. Vinhedo tem potencial, só falta, então, fazer infra-estrutura para trazer aquele pessoal de São Paulo para cá”.¹⁶

Sendo assim valoriza-se para Vinhedo um modelo estrangeiro, com orientações burocráticas que dialogam com os pressupostos dominantes da racionalidade técnico-científica de um dos centros do capitalismo mundial ou centros de Modernidade. Diante disso, o projeto de desenvolvimento para a cidade (que vigorou no mandato de Gasparini, mas, também, no de Jonas Ferragut) consistia em criar condições e infraestrutura com o objetivo de atrair moradores. Segundo “Zé” Gasparini, ele viu aquilo em Miami e pensou: “não é possível! Nós estamos dormindo. É por isso que tem no hino nacional aquela frase: ‘um gigante deitado em berço esplêndido’. Com um potencial desse, não é possível!”. Diante dessa indignação, chegou à conclusão de que precisaria convidar as pessoas para conhecer Vinhedo: “olha, nós estamos aqui,

¹⁵ O prefeito José Carlos Gasparini, ou como era chamado pelos vinhedenses, “Zé” Gasparini, atuou como prefeito de 1977 a 1983 e de 1989 a 1992. Revezando com ele, o prefeito Jonas Ferragut assumiu a prefeitura municipal de 1983 a 1988 e de 1992 a 1996. Ambos eram filiados ao PMDB e totalizaram 16 anos consecutivos no poder.

¹⁶ Conforme depoimento dado por José Gasparini, 60 anos, retirado de PIRES, 2004, p. 107.

pode vir...”. Outra coisa que, de acordo com seu depoimento, viu e o deixou impressionado foi o centro de Nova Iorque, que estava “um lixo”: os moradores com dinheiro foram morar num raio de oitenta quilômetros da cidade e “Nova Iorque ficou uma desgraça, uma bagunça, cheia de assaltantes”. “Zé” Gasparini conta que ficou apavorado: “o lugar estava mais feio que a avenida paulista”. Então, na década de setenta, quando assumiu a prefeitura, pensou: “vai acontecer a mesma coisa em São Paulo que aconteceu em Nova Iorque, porque o ser humano é igual em qualquer lugar no mundo. Ele vai querer sair do centro de São Paulo para vir nesse raio de oitenta quilômetros (onde fica Vinhedo). Porque, para ir trabalhar em São Paulo, como uma estrada boa dessa, vai ser um passeio...”¹⁷

Como explicita o ex-prefeito, seu projeto de desenvolvimento era norteado por duas ideias: atrair moradores da região que pertenciam às classes dominantes e/ou trazer muitas indústrias (e, conseqüentemente, operários) para a cidade.

Então eu tinha dois pensamentos: trazer bastante indústria, bastante operário, ou pegar o pessoal de São Paulo que tinha muita grana, vamos dizer. Em 10 milhões de habitantes, se 2% tiver grana, são 200.000 pessoas na mão. Eu tinha 200.000 clientes para oferecer Vinhedo para eles. E o que eu precisava: eu precisava de água, de pronto socorro, de hospital, eu precisava de saneamento, esgoto, eu precisava de segurança e educação. Ai eu optei realmente ao invés de trazer indústrias, que não dão tanto recurso, porque, vamos ser sinceros, nesse país se sonega muito. (...) Vinhedo tinha potencial, faltava só atrair clientes.
(José Gasparini, ex-prefeito de Vinhedo, 60 anos)¹⁸.

Dentre os dois modelos que poderia escolher, “Zé” Gasparini optou por criar infraestrutura na cidade, afim de “atrair o pessoal de São Paulo que tinha muita grana”. É importante também perceber na fala de Gasparini, que ele considera os possíveis novos moradores como clientes, ou seja, como consumidores de serviços e mercadorias, mas também do tempo, do espaço e das relações. Vale lembrar que, na década de 1950, a imagem de desenvolvimento que circulava para Vinhedo era a de um futuro industrial promissor. Embora o prefeito declare que este modelo de desenvolvimento (pautado na industrialização) não foi sua prioridade, ele também executou ações que visavam à instalação de mais indústrias na cidade. Segundo ele, “se o cara da indústria vem para Vinhedo, vê uma boa cidade, em franco progresso, com toda infraestrutura, o gerente também vai querer vir morar aqui”. Quem quiser instalar uma

¹⁷ Idem, p.108.

¹⁸ Idem, Ibidem, p. 108.

empresa, quiser exportar, o aeroporto de Viracopos “está aí”. Então, a ideia foi se preparar para isso. “Zé” Gasparini comenta que foi visitar algumas indústrias e começou a trazê-las para cá. Além disso, começou a fazer os loteamentos de terra fechados, para alocarem casas de moradia.

19

Com relação aos loteamentos fechados (condomínios para a construção de casas para moradia), a aliança entre os proprietários de terra e aqueles que tinham a intenção de investir no mercado imobiliário foi fundamental para que o projeto da conversão de terras agrícolas fosse colocado em prática. Como aponta “Zé” Gasparini, os condomínios São Joaquim e Marambaia foram os primeiros loteamentos fechados da cidade. Depois vieram outros, como o Vista Alegre e o Jardim Paulista.

A gente autorizou os investidores, e nós fomos muito felizes, porque veio uma pessoa de São Paulo aqui, o seu Checon, e convenceu dois fazendeiros aqui, o dono da Fazenda São Joaquim e a Fazenda Marambaia que estava no banco e o dono dela tinha quebrado. Seu Luciano de Carvalho, que foi Secretário de Educação uma vez, ele quebrou e o pessoal fez loteamento. E aparece um outro de mais cabeça ainda e deu 12 alqueires para o Banespa dentro do condomínio para usar o nome do banco para vender os terrenos. Porque naquele tempo ninguém sabia onde era Vinhedo. E o pessoal do banco, os funcionários, os gerentes, quando iam emprestar o dinheiro, apertavam um pouco: ‘eu empresto, mas compra um lotinho lá em Vinhedo.’ – ‘mas onde é Vinhedo?’ – ‘é em tal lugar, pertinho aqui, é baratinho.’ Era tão barato naquele tempo, e o pessoal começou a comprar. Primeiro o Marambaia, depois o São Joaquim e depois o Vista Alegre. Só para você ter uma ideia, hoje, o maior gerador de empregos na cidade são os condomínios. Começa desde o corretor, e vai até o caseiro, jardineiro, eletricitista, rapaz que vende piso, grama.

(José Gasparini, ex-prefeito de Vinhedo, 60 anos).²⁰

Neste momento (década de 1980), os recortes dos jornais anunciavam a criação dos loteamentos como fator responsável por trazer o desenvolvimento urbano. Através da reformulação do espaço, Vinhedo começava a construir uma trama urbana.

A Checon & Nishikawa traz para Vinhedo o desenvolvimento urbano: a morada dos executivos – Fazenda São Joaquim e Estância Recreativa atestam esse sucesso”

Transformar Vinhedo num dos municípios mais arrojados no setor urbanístico e habitacional parece ser mesmo a missão que se propôs a firma Checon & Nishikawa, uma empresa com vinte e seis anos de experiência no

¹⁹ Idem, Ibidem p. 108.

²⁰ Idem, Ibidem, p. 109.

setor. E todos, agora, estão a serviço de Vinhedo e sua comunidade. Atualmente a Checon & Nishikawa é a responsável pelos dois mais bonitos e bem estruturados empreendimentos da região: Morada dos Executivos – Fazenda São Joaquim – e Estância Recreativa Banespa. No primeiro, em apenas sessenta dias o departamento de vendas da empresa conseguiu vender setecentos e setenta lotes que compõem o conjunto (...). Tanto na Morada dos Executivos quanto na Estância Recreativa Banespa, a Checon e Nishikawa teve o cuidado de instalar um complexo abastecimento de água (...). E o reflexo da atuação da empresa em Vinhedo já é notório. Mais casas de ótimo nível para a população, crescimento natural da receita do município e reconhecimento pelo trabalho realizado.

(Jornal da Cidade, 02 de abril de 1980, ano III, p.3)

O primeiro plano diretor da cidade foi elaborado no mandato do prefeito “Zé” Gasparini, mas aprovado somente em 1984, durante a administração de seu sucessor Jonas Ferragut. A partir do depoimento do ex-prefeito, identificam-se altos ganhos financeiros de parte dos grupos interessados no desenvolvimento imobiliário da cidade, os quais puderam fechar o perímetro de seus respectivos loteamentos. Ele conta que teve que fazer um plano diretor, depois de ver o que tinha lá nos Estados Unidos sobre plano diretor, sobre estação de tratamento de esgoto, estação de tratamento de água, dentre outros. E, fazendo isso, o resultado foi o esperado: “o pessoal que veio para cá, trazia um amigo, um familiar e aí os lotes foram sendo vendidos”. Assim, a prefeitura autorizou os investidores a fecharem o perímetro do loteamento. Como loteamento fechado, os proprietários teriam que pagar IPTU, de todas as ruas e de toda a área verde, e isso significava um montante monetário muito elevado. Então a prefeitura “abriu mão” de parte deste imposto, em troca dos investidores fazerem o serviço de água, esgoto, asfalto, segurança e limpeza dentro dos condomínios. Contudo, com o dinheiro do IPTU que foi pago, a prefeitura investiu em infraestrutura, melhorando escolas, instalando pronto-socorro, escola profissionalizante.²¹

Para atrair moradores das classes médias e privilegiadas de São Paulo, “Zé” Gasparini reorganizou a cidade espacialmente, utilizando padrões de segregação, a fim de retirar a população mais pobre das localidades próximas aos condomínios:

[...] Um outro proprietário de um outro loteamento, o Vista Alegre, deu 2 alqueires e eu fiz 101 casas lá. Tinha 80 barracos lá, eu fui com o Maluf [Paulo Maluf, ex-governador do Estado de São Paulo], no plano Nosso teto, fiz 101 casas. Tirei o pessoal da favela e botei lá dentro. Então Vinhedo não tinha mais barraco. Lá no bairro Três Irmãos. Então, eu falei para o proprietário: ‘você vai fazer um loteamento, eu faço as casas, elimino as favelas, que é ruim para a cidade, e quando eles tiverem dentro das casas vai valorizar o seu loteamento. Então é isso que aconteceu, Vinhedo não tem mais favela por causa disso,

²¹ Idem, Ibidem, p.114.

naquele tempo [primeiro mandato] (...). Então essa que foi a chave também. Então pusemos casas populares no bairro da Capela, porque estava próxima do distrito industrial. Fui eu quem criou o distrito industrial. O plano diretor, nós fizemos nessa época. Foi o Dr. Matheus junto comigo. Porque ele instalou a Gessy naquele local e eu fiz o decreto, fizemos o distrito industrial lá. Casa popular na Capela. E o lado de cima da linha do trem deixamos para os condomínios. Que é a zona leste da cidade, ficou para os condomínios. A zona oeste para as casas populares e distrito industrial, a zona sul ficou para a agricultura (indo para Louveira), e Valinhos, que é zona norte nossa, nós estávamos já quase encostado na divisa.

(José Gasparini, ex-prefeito de Vinhedo, 60 anos).²²

Assim, vários agentes passaram a atuar na organização socioespacial da cidade: as indústrias procuravam terrenos grandes e baratos, localizados no Distrito Industrial. O setor terciário adensou-se nas áreas mais centrais da cidade, contribuindo, também, para a valorização do local. As casas populares foram alocadas de forma a se afastarem do centro, surgindo, assim, uma nova periferia, constituindo bairros operários próximos às indústrias. Os condomínios foram alocados na zona leste. A divisão do solo urbano havia se transformado em rentável empreendimento, subvertendo uma alocação já existente do solo, agora sujeita aos interesses do capital e conduzida, também, ao sabor do lucro das empresas de loteamento.

Segundo Jacques Ranciere, os diversos tipos de estética compõem o que o autor chama de “partilha do sensível”:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível, fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nesta partilha.

(RANCIERE, p.15, 2005)

Assim, a estética encontra-se a partir da partilha do sensível, tensionada com a política (que o autor articula a uma visão mais ampla do ser) e capaz de transformar práticas sociais. O regime estético é, então, definido como uma forma de articular modos de fazer e de se comportar. O ex-prefeito tentou assim dividir a cidade de acordo com as classes econômicas e, sobretudo de acordo com as sensibilidades e experiências vividas. Contudo é difícil esfacelar essas sensibilidades, uma vez que, a partir da dominação é possível criar resistências. Assim sendo, o

²² Depoimento retirado de PIRES, 2004, p. 115.

esforço para controlar a circulação de pessoas dentro da cidade, não funciona, uma vez que as classes mais desfavorecidas economicamente acabam frequentando as áreas das classes privilegiadas, mesmo que seja para a prestação de serviços.

Algumas falas expressam com clareza, que, a partir nas décadas de 1970 e 1980 a cidade começa a se transformar abruptamente: a entrada de capital na cidade, a estética do trabalho, novas sensibilidades e visões de mundo são apontadas pelos próprios moradores, que vivenciaram estas transformações e tomaram consciência das mesmas. Estas narrativas de memórias colocam em relevo a cidade de Vinhedo, vivida e percebida em suas transformações, numa dada leitura do passado que também confere sentidos ao momento presente.

[Vinhedo] Começou a mudar na época do Zé Gasparini. Era tudo quieto, passeio, família. Aí o Zé entrou como prefeito. Isso foi mais ou menos em 85, 86. Aí ele revolucionou tudo, já fez uma viagem para os Estados Unidos. Já fez, virou e desmontou. Daí ele fez uma lei e uma norma que Vinhedo tinha que ter condomínio fechado. Então o próprio Banespa, que ganhou a fazenda Marambaia, porque o dono fez empréstimo por causa do gado, já fizeram condomínio. E acharam uma coisa boa. (...) E aqui, o Zé Gasparini, só loteamento, só condomínio fechado. Tanto que saiu muito e continua ainda saindo.
(Mariangela Storani, agricultora, 53 anos).²³

Começou a revolucionar mesmo há uns 26 anos atrás [1978]. Vinhedo era uma cidade agrícola. Só tinha indústria do Storani, que fazia tecido, a Carborundum e a cerâmica Jatobá. Em volta era tudo propriedade agrícola. Depois foi criado o distrito industrial e a primeira indústria a se instalar lá foi a Gessy Lever. Foi aí que começou. O José Gasparini, quem abriu a avenida Independência, o distrito industrial e revolucionou Vinhedo nessa parte. Levou casa própria para Capela. Depois deram prosseguimento ao seu trabalho. O Jonas [Ferragut] continuou, depois o Gasparini voltou e agora o Milton [Serafim] nos últimos 8 anos.
(Zé da Pinta, agricultor, 57 anos).²⁴

Na década de 1980, Vinhedo estava na lista dos municípios mais desenvolvidos do país. Segundo o departamento de Pesquisas do Grupo Visão, a cidade ocupava o 16º lugar no quadro geral.²⁵ O jornal exalta a administração de “Zé” Gasparini, já que, para conseguir essa posição, “foi realizado um intenso trabalho pela Assessoria Econômico-financeira do prefeito”. Segundo tal publicação, o prefeito, com seus estudos, conseguiu colocar a arrecadação municipal per

²³ Depoimento retirado de PIRES, 2004, p. 105.

²⁴ Depoimento retirado de PIRES, 2004, p. 105.

²⁵ De acordo com “O Jornal de Vinhedo” (27 de fevereiro a 13 de março de 1981).

capita em 10º lugar e o valor adicionado de ICM, em 6º lugar. Ainda, aponta que os recursos colocados à disposição do Departamento de Água e Esgoto certamente deverão fazer com que no ano seguinte a posição de Vinhedo melhorasse nesses dois itens, além do relativo aos telefones, com instalação de novos aparelhos. Vinhedo nunca, antes, havia figurado entre os 500 municípios mais desenvolvidos do país e o jornal aponta que foi graças ao grande interesse do prefeito municipal que o Grupo Visão resolveu enviar o questionário para que a Prefeitura pesquisasse os dados para as devidas tabulações, que acabaram apontando a cidade como a 16º mais desenvolvida do país.

A partir de algumas inaugurações, também é possível perceber que Vinhedo passou por profundas transformações, iniciando um viver urbano consolidado pelo avanço do sistema capitalista. Em 1962, é fundada a Irmandade da Santa Casa de Vinhedo (Figura 11), maior hospital da cidade, facilitando a vida dos moradores, que já não precisavam mais se deslocar para outras localidades quando necessitavam de serviços ligados à saúde.²⁶ Dentre as várias instituições surgidas na cidade, a partir da segunda metade do século XIX, o hospital, como local de assistência à pobreza enferma, também configura uma possível representação material das contradições inerentes ao sistema socioeconômico e político em vigor, caracterizado pela desigualdade social. Ainda, representa a razão, o saber científico, acadêmico, em detrimento do saber popular e das técnicas alternativas de tratamentos e remédios, usadas pelas famílias que até então não tinham acesso aos hospitais.

²⁶ O terreno foi doado pela família de João Corazzari, que foi subprefeito na antiga Rocinha. Parte dos materiais para a construção foi doada pela família Anésio do Amaral.



Figura 11 - A Irmandade Santa Casa de Vinhedo, 1962
Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Perspectiva da Irmandade da Santa Casa de Vinhedo inaugurada em maio de 1962. O fotógrafo destaca, também, a Avenida Independência com sua iluminação elétrica que, na época ainda era apenas uma rua de terra, com poucas construções e pouco movimento, tanto de pedestres quanto de carros. Nesta esquina vazia está hoje a clínica médica do Dr. Meirelles. O projeto inicial do prédio foi feito pelo Dr. Mascarenhas, da Faculdade de Saúde e Higiene Pública da USP. Os médicos, Dr. Abraão Aun e Dr. Manoel Matheus Neto foram figuras importantes nesse empreendimento. As críticas da época: por que fazer um hospital no meio do mato? Por que tão grande assim? O primeiro plano de saúde da cidade cobrava cinco mil-réis por família e, às vezes, chegava a atender todos os moradores de uma fazenda. Faziam-se partos à noite, à luz de querosene. Muitos vinhedenses nasceram assim.

No ano de 1966, instala-se a Transportadora Sant'anna, para suprir as necessidades de transportes de outra empresa, a Carborundum (empresa de abrasivos), o que nos leva a pensar nessa transportadora como um símbolo da circulação de capital e de produtos, circulação essa que começa a crescer. Em 1967 a primeira gráfica é inaugurada: Gráfica Vinhedo, atendendo, assim, à população que antes não dispunha, ou não necessitava, deste tipo de serviço. Além disso, expressa a construção nesta urbe de um mundo cada vez mais letrado e, desta forma, mais moderno. (ZECHIN, 2008, p. 89-92)

Em 1970, é feita a Tubulação do Rio Capivari (Figura 12) e instalada a Estação de Tratamento de Água e Esgoto no bairro Planalto e, também neste ano, é construído o primeiro asilo de Vinhedo. É importante ressaltar que o asilo é tido como um forte símbolo da Modernidade: as famílias não possuem mais tempo de se dedicarem aos mais velhos por causa do

trabalho e, conseqüentemente, de uma vida “corrida”. Ao mesmo tempo em que o mais velho é anulado em sua experiência, o asilo explicita a questão da civilidade na Modernidade: a questão da assistência, que preserva a dimensão da aparência. Isto é, embora as pessoas não tenham mais tempo para dispor aos idosos, não é “bem visto” pela sociedade abandoná-los ou maltratá-los, por isso os mesmos passam a ser internados em instituições. As instituições, por sua vez, vão ao encontro da lógica capitalista, pois se configuram como mais uma forma de trabalho, de prestação de serviços e, sobretudo, de geração de lucros.



Figura 12 - Construção da tubulação de água do Rio Capivari, 1970.

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Esta foto foi produzida com o nítido objetivo de registrar o advento e a expansão da Modernidade no município de Vinhedo. Mostra um trecho da construção da tubulação de água do Rio Capivari, que vinha do São Joaquim até a caixa d’água, na Administração do Dr. Jair Mendes de Barros, bem como o condomínio Marambaia ao fundo. Contudo flagra, ao mesmo tempo, numa configuração multifacetada, a existência de práticas tradicionais ou provincianas na região, ao captar, também, numa das pedras perto dos trabalhadores, uma antiga arapuca feita de ripas de bambu.

Ainda na década de 1970, é instalada a iluminação elétrica em alguns bairros. Pode-se dizer que a cidade “escura” começa a se iluminar através dos clarões do progresso. A população, em quase sua maioria, mostra-se favorável ao melhoramento público, pois passam a ter ruas e

praças iluminadas. A cidade adquire uma nova feição relacionada ao viver urbano, principalmente à tarde e ao escurecer, situação na qual moradores, famílias, transeuntes se fazem mais presentes nos espaços públicos, antes escuros. Além disso, neste ano, ocorre a chegada de duas importantes empresas para a cidade: Bom Beef e Torton. Em 1972, é instalado o sistema de ônibus circular; em 1973, é criado o Distrito Industrial e construído o primeiro condomínio, o Marambaia.

Em 1975, também é aberta uma nova passagem na Via Anhanguera, que dava acesso ao bairro da Capela: assim como o município, este bairro começa a crescer rapidamente. Configura-se assim, uma nova forma de acesso à cidade, sobretudo para aqueles que estavam de passagem ou utilizavam Vinhedo apenas como dormitório e viajavam diariamente para as cidades vizinhas. Além disso, representava mais uma alternativa de circulação do capital na relação com outros municípios.

Em 1978, é fundada a Associação Comercial e Industrial de Vinhedo (ACIVI), o que demonstra o crescimento do comércio como forma de renda. Em 1982, é fundado o Fórum Distrital da Comarca de Vinhedo e a Rodoviária “Antônio Zechin”. Nesse mesmo ano, ocorre a abertura de novas avenidas, proporcionando mobilidade ao trânsito e a maior circulação de pessoas e capital.

Percebe-se que Vinhedo começa a adquirir uma nova feição. Mas o que isso significa? Uma nova feição marcada pelo avanço do processo de modernização capitalista, a transformar rapidamente a cidade, até então de base essencialmente agrícola, em um centro com maior diversificação econômica, a partir do aumento do número de fábricas e da expansão da rede de comércio e serviços. O progresso aparece, aqui, como mote central da “nova” subjetividade histórica, marcado pelo signo da razão, símbolo este que caracteriza a constituição da ideia de Modernidade e, conseqüentemente, dos discursos modernos. Assim, a história passa a ser entendida como caminho da emancipação humana, num futuro que será marcado pelos ritmos da ciência e da técnica. Vale ressaltar que tal concepção de progresso foi engendrada historicamente também em nosso país, na relação com o ideário sobretudo positivista e liberal. Neste sentido, nesta localidade e no momento histórico ora focalizado, o progresso, como sinônimo de Modernidade, é endossado pelo discurso político, pela imprensa e pela maioria dos moradores de Vinhedo como sinônimo de qualidade de vida, isto é, arruamento, calçamento, transporte público, iluminação, rede de água e esgoto, novas construções arquitetônicas, embelezamento da cidade,

dentre outros aspectos. Essas mudanças relacionam-se com transformações estéticas (na perspectiva de uma conduta estética) que podem ser identificadas a partir das relações espaciais, temporais e sociais, ora estabelecidas.

Dessa forma, esse desenvolvimento próprio de Vinhedo, em que o eixo econômico não foi tomado totalmente pela industrialização, faz com que a cidade - encravada entre São Paulo, a maior capital da América Latina, e Campinas, que em 1930 já se caracterizava por ter uma sociedade essencialmente urbano-industrial - possua estéticas singulares, as quais se relacionam com os modos de pensar, de fazer e de interagir dos vinhedenses, bem como tensiona sonhos, sensibilidades, racionalidades e dimensões conscientes e inconscientes.

CAPÍTULO 2 – PERSCRUTANDO OUTROS TEMPOS E RELAÇÕES SOCIAIS

2.1 A memória como imaginário social



Figura 13 - Meiros, 1993

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

A foto é bastante simbólica e traduz com clareza as transformações urbanas, ora analisadas. É quase um adeus. Nela, aparecem Pedro Fávaro e Eugênio Ormeneze com caixas de uva, na plantação da família Trevisan, com a cidade ao fundo. Este local deixou de ter uvas e hoje transformou-se num grande loteamento. Sinal dos tempos que ficarão apenas na memória.

Vinhedo há muito tempo não é mais Rocinha. A produção de uvas não é mais a principal atividade econômica. O desenvolvimento industrial chegou, transformando esse pequeno lugarejo numa próspera comunidade. Em 1967, Vinhedo tinha 352 propriedades rurais, 40 indústrias e 60 estabelecimentos comerciais. Tem o lado bom, tem o lado ruim. Agora a cidade tem mais

empresas, mais negócios, mais empregos, mais escolas, mais oportunidades. Mas já não tem mais bandas nem os tradicionais times de futebol. As carroças viraram carros, o bucolismo das ruas de terra foi substituído pela frenética agitação das avenidas asfaltadas, o verde cada vez mais é trocado pelo cinza concreto, ninguém mais usa chapéu e as pessoas pouco se conhecem.

A cidade mudou (Figura 13). Restaram lembranças. Restaram saudades. Que delícia é ouvir as memórias dos mais velhos! Memórias de um tempo que já passou, que às vezes parece tão distante, e às vezes, tão vivo. Essas narrativas instigam a memória tanto dos que contam como dos que ouvem, ou seja, daqueles que as viveram no passado e dos que não as vivenciaram, mas que usam toda a imaginação para produzi-las e tentar compreendê-las. Para aqueles que se dispõem a falar e a ouvir, o passado mistura-se com o presente e as experiências, que a princípio parecem irrelevantes, vão adquirindo vida, melodia, movimento.

Para essa discussão se fazem necessárias algumas observações em relação à memória. A memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações relacionadas a fatos vividos num tempo passado.

Nos estudos de Maurice Halbwachs (1877-1945), a memória é pensada a partir de uma dimensão que ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias de um indivíduo nunca são suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Assim, não existe memória puramente individual, uma vez que todo indivíduo interage e sofre ação da sociedade. (HALBWACHS, 2006). Segundo o autor, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada.

Considerando inicialmente o caráter psicológico da memória, é natural a ideia de que “lembrar” de algo requer a existência de um acontecimento e de um ator. Nessa perspectiva, é que se encontra a noção individual de memória, na medida em que se entende que é preciso existir uma pessoa que participou do fato, seja como ouvinte ou como ator, que se lembre do mesmo e que possa relatá-lo e guardá-lo. Tem-se, então, a noção de memória como faculdade de armazenamento de informações e pode-se classificá-la como “memória individual”.

A partir disto, surge a afirmação de que é preciso que haja um testemunho para que um fato se perpetue e se torne memória para um grupo. Segundo Halbwachs (2006), recorre-se a esse testemunho “para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já tivemos alguma informação” (HALBWACHS, 2006, p. 29). Ainda segundo o

mesmo autor, “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (HALBWACHS, 2006, p. 29). Contudo, é necessário haver uma relação harmoniosa entre o testemunho do “eu” e o testemunho do “outro”, no sentido de que ambos devem se entender como fazendo parte de um mesmo grupo e, o evento vivido e recordado, deve ser comum aos membros desse grupo.

Sendo assim, os estudos empreendidos por Halbwachs trazem tal contribuição para a noção de memória, apresentando os quadros sociais que a compõem. Para ele, mesmo que aparentemente particular, a memória remete a um grupo; o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo na sociedade, já que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

A memória individual não desaparece, contudo está enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes, e isso permite que haja uma transposição da memória de sua natureza pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva.

Há, portanto, uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, visto que não será possível ao indivíduo recordar de fatos de um grupo com o qual suas lembranças não se identificam.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.

(HALBWACHS, 2006, p. 39)

Dessa maneira, a constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência, seja na família, na escola, em um grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. O indivíduo participa, então, de dois tipos de memória (individual e coletiva) e isso se dá na medida em que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Ao mesmo tempo, “na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual” (HALBWACHS, 2006, p. 42) que permite a reconstrução do passado de forma que haja particularidades nas lembranças de cada um. Isso significa que, mesmo fazendo parte de um grupo, o indivíduo não se descaracteriza e consegue distinguir o seu próprio passado.

Dessa maneira, a memória coletiva engloba a memória do grupo e cada componente desse grupo com ela se identifica. O grupo é portador da memória e esta é consensualizada mediante as relações que se estabelecem dentro do próprio grupo. É no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças e elas estão impregnadas das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências (HALBWACHS, 2006).

Aqui a história oral como metodologia fez-se necessária para flagrar sensibilidades e sociabilidades urbanas no período focalizado. Ao mesmo tempo essa metodologia é capaz de proporcionar a construção de outros olhares sobre a cidade, uma vez que essa metodologia de pesquisa consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas, que muitas vezes não são priorizadas como testemunhas do passado, mas que podem contribuir com suas narrativas sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea.

Antes de iniciar as entrevistas, é importante considerar que um dos grandes desafios da metodologia de história oral é a aproximação entre entrevistador e entrevistado.²⁷ De acordo com Portelli (1997, p. 7-24), o primeiro ponto é entender a entrevista como uma troca de olhares, onde ambos os envolvidos estão investigando e sendo investigados. Dessa forma, a entrevista deve ser entendida como uma experiência mútua: “uma entrevista é uma troca de dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Os dois sujeitos interagindo, não podem agir juntos a menos que

²⁷ É por isso que há alguns passos a serem seguidos antes de se gravar as entrevistas. Este método exige técnicas que lhe são específicas (tanto na coleta de dados, como na transcrição dos depoimentos). Ainda, segundo Alberti (2006, p.170), a história oral tem como principal vantagem derivar do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, tornando o passado concreto e a entrevista uma forma eficaz da disseminação da informação sobre o que aconteceu. Essa característica reforça a responsabilidade e o rigor de quem a colhe, interpreta e divulga a entrevista, já que se deve ter em mente que não se está fazendo um “retrato do passado”. A memória reivindicada nas entrevistas não é apenas um depósito de sentidos, mas, sim, um processo ativo de criação de significados.

alguma espécie de mutualidade seja estabelecida”. (PORTELLI, 1997, p.7-24.) Sendo assim, é nessa troca de olhares que a confiança entre os participantes se estabelece, e a entrevista ocorre de maneira natural, sem que o entrevistado se preocupe em elaborar respostas complexas que não se relacionam com as suas experiências passadas.

Assim é importante refletir não apenas sobre as entrevistas, de forma isolada, mas também a entrevista no seu conjunto, ou seja, que se faz na relação entre depoente e entrevistador. Ainda, o autor nos alerta que é importante ter em mente que a história oral conta mais sobre significados do que sobre eventos. Sendo assim, as entrevistas podem revelar aspectos desconhecidos de eventos até mesmo conhecidos, que, muitas vezes, na frieza dos documentos escritos, não emergem com a mesma força como o fazem no relato oral. “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1981, p.26).

Durante as entrevistas, vem à tona a memória como imaginário social, constituído de representações. Quem rememora revela memórias vividas e concebidas, visões particulares, construídas no convívio social, e também dados da cultura local. Na prática, trabalhar a história oral como forma de reconstruir as memórias significa fortalecer a voz dos diferentes sujeitos, bem como e suas experiências históricas, no processo de construção das práticas sociais.

A partir de depoimentos de homens e mulheres, que vivenciaram as transformações na cidade, procuro discutir sobre as sensibilidades e sociabilidades urbanas: o que muda na relação com o tempo, o espaço e as práticas coletivas?

Meu pai tinha doze irmãos, sete mulheres e cinco homens. As mulheres quando casavam, mudavam do sítio. Já os homens casavam-se e construíam suas casas ao redor da casa dos pais, vivendo da produção do próprio sítio. O lucro da lavoura era dividido pelo pai entre as famílias dos filhos homens. A agricultura e criação de frango e porco, para subsistência também era dividida com os filhos. Me lembro que quando tinha meus nove para dez anos, meu pai e os irmãos dele compraram uma Kombi. Até então fazíamos compras no armazém da cidade. Depois que compraram a Kombi, começamos a ir para Campinas num supermercado grande, chamado Eldorado. Iam uma ou duas pessoas de cada uma das cinco famílias, e cada vez uma criança era escolhida para ir junto. Aguardava a minha vez ansiosamente. O mercado era lindo, ou pelo menos eu enxergava assim. Toda frente de vidro, com um elevador para ir ao piso superior onde havia roupas e brinquedos. Achava o máximo! Era o dia da compra do “mês”. Assim denominado pela família. Havia três coisas que eu ficava ansiosa para pegar: danone, bolacha waffer de morango e um chocolate, que vinha num tubinho, tipo moedinhas, embalados um a um com papel prata. Esse chocolate durava dias em meu guarda-roupas. Quer dizer, se meu irmão não roubasse... ele sempre comia o dele muito rápido, e depois pegava o meu escondido. O danone durava dias na

geladeira... tudo isso para mim era um luxo. Lembro também que durante o caminho, dentro da Kombi, todos ficavam olhando o velocímetro, para meu tio não passar dos oitenta quilômetros por hora que era a velocidade permitida. Hoje, sou tão adepta a comida natural, sem conservantes: legumes, frutas e verduras, porque na época que morava no sítio tínhamos com fartura. Iogurte e bolachas, quase nem como mais. Mas lembro de segurar aquela rodela de chocolate na boca para ir derretendo bem devagarzinho. Que delícia!

(Depoimento de Magali Maria Ferragut, 53 anos, comerciante, abril de 2014)

O depoimento acima, carregado por sentimentos e emoções da depoente e no qual é possível detectar um tom de saudade do tempo passado, é indiciário de alguns aspectos da cidade na década de 1970. Quais os significados dessa pequena narrativa?

Essa memória, que funde elementos da adultez e da época da infância, contada por uma mulher de meia idade, integrante da classe média, nos faz refletir sobre algumas mudanças no comportamento, nos valores e nas práticas sociais ao longo dos tempos, (vividos, igualmente pela classe média) ocorridas nos anos 1960 e 1970, do século XX.

Hoje, é muito fácil ir ao supermercado. Antes, era necessário viajar para outras cidades e o dia da viagem era como que um importante evento na vida das pessoas. Não só iam ao mercado: para comprar roupas e calçados também era necessário se deslocar, não havia opções em Vinhedo. As roupas ou eram costuradas pelas mães ou compradas em Campinas e em São Paulo. Hoje, os produtos industrializados estão em todos os cantos de Vinhedo. Pois é, a cidade cresceu.

Será que o prazer de comer um simples chocolate ainda é o mesmo de antigamente? E nossa alimentação, o quão é saudável? Antes, a agricultura de subsistência era a base da alimentação dos vinhedenses. Os domingos, para produtores da uva e meeiros, eram dias sagrados nos quais toda a família reunia-se para almoçar. Era muita fartura, de tudo aquilo que vinha da própria terra: arroz, feijão, verduras, legumes e frutas. Tudo sem agrotóxico. O sabor: uma delícia! Muito diferente de hoje em dia, onde os alimentos possuem agrotóxicos, hormônios e conservantes. “A carne, muitas vezes, era guardada em banha na lata para ser conservada, quando ainda não havia geladeira. Do porco, faziam chorizo e linguiça. Além da alimentação, o vinho artesanal era muito bom! As crianças podiam beber suco de vinho, que era o vinho diluído na água. Elas ficavam calminhas, calminhas...”.²⁸

²⁸ Conforme depoimento de Selma Gallo, 53 anos, comerciante, gravado em abril de 2014.

Com a correria do dia-a-dia, fica cada vez mais fácil comer os produtos prontos e sobrecarregados de conservantes. Para se ter uma alimentação verde, viva, é necessário, além de condições econômicas, se programar, não no sentido de ter um horta (difícil de se encontrar nas residências de hoje em dia), mas é preciso estar com a “feira” sempre em dia, pois frutas, verduras e legumes são produtos perecíveis.

As tarefas simples ainda são feitas com a família reunida? Ou hoje são necessários motivos mais fortes, que apenas uma ida ao supermercado para que pais, filhos, tios e primos possam se encontrar? E os radares? Hoje, existem muitos, mas a tecnologia empregada para que os descubramos está cada vez mais avançada: carros que disparam um alarme quando se passa da velocidade permitida ou o GPS que avisa quando há algum deles no caminho. As comidas industrializadas também são constantes nas prateleiras de mercados, padarias e loja de conveniência.

Hoje, é voz corrente que com o crescimento da cidade, algumas tradições foram se perdendo, como é o caso da “excursão familiar” para ida ao mercado em outra cidade. Ao mesmo tempo em que algumas tradições se transformam, a vida foi ficando mais fácil, os comércios mais acessíveis e as distâncias entre as cidades mais curtas. Contudo, essas facilidades urbanas são conquistas de apenas uma pequena parcela da população: os privilegiados.

Em Vinhedo, podemos perceber que a trama urbana moderna foi se consolidando, a partir de 1970, com o crescimento demográfico, a abertura de novas ruas, a construção de condomínios, a substituição da economia agrícola para uma economia industrial, comercial e de serviços, o aumento da circulação de ônibus, carros e pessoas, a ampliação de vagas nas escolas, dentre outros aspectos, mas, também, com o avanço das contradições sociais.

Essas transformações foram percebidas pelos moradores, que apontam o primeiro mandato do prefeito José Carlos Gasparini, em 1973, como a época em que a cidade passou por transformações expressivas (de acordo com a pesquisa nos jornais, livros e através dos depoimentos orais)²⁹. As fontes orais, neste caso, não devem ser pensadas como verdades absolutas, mas, sim, como indícios, na relação com o contexto, legitimando ou não o que está

²⁹ Conforme depoimento gravado com Francisco Gallo (85 anos, aposentado, ex-policia rodoviário, gravado em abril de 2014), Odila Frediani (79 anos; gravado em junho de 2013 e março de 2014), Maria Edelinda de Paula Pisoni (70 anos; professora aposentada, em abril de 2014), José Antônio Fávaro (60 anos; funcionário público, gravado em abril de 2014), Selma Gallo (63 anos; comerciante, gravado em março de 2014) e Magali Maria Ferragut (53 anos, comerciante, gravado em abril de 2014).

sendo discutido. Faz-se necessário, a partir dos depoimentos individuais e isolados, promover o diálogo com outros documentos, procurando cortejar informações advindas de outras fontes.

De acordo com Bosi (1979), lembrar, na maioria das vezes, não é reviver, mas sim uma ação de refazer, reconstruir e repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Assim, a memória não é sonho, é trabalho. Contudo, não podemos esquecer também da forte dimensão inconsciente, imersa em sonhos ou utopias da própria memória. (BENJAMIN, 1989, p.123-137). Embora muitas lembranças sobre fatos antigos nos pareçam nítidas e vivas, elas não são a imagem que experimentamos no passado, uma vez que não somos os mesmos de então e nossas percepções, ideias, juízos da realidade e de valor já se alteraram em relação ao tempo da lembrança. Recordar, como uma forma de reconstruir fragmentos de si e do objeto recordado, expressa-se como ato de ressignificação de si e da história narrada.

No final do século XIX, Rocinha ainda era uma pequena vila, dependente de Jundiaí. Relembrando as histórias de seus avós, Francisco Gallo conta que tudo começou (ou seja, formou-se a vila de Rocinha) na estrada da Boiada com a Avenida da Saudade. Nesse local, havia uma casinha, e essa casa tinha uma roça de milho. Então, os tropeiros que passavam pela Estrada da Boiada, que na época era uma “picada”, trazendo gado do interior, para ser abatido em São Paulo, paravam para descansar na rocinha – nome que eles usavam para se referir à roça de milho. Então, o local, inicialmente, passou a ser usado como uma espécie de pouso.

E essa rocinha era uma palhoça, uma casinha, e também o pouso de tropeiros. E ela continuou por muito tempo, porque meus avós, eles eram colonos na fazenda Rio da Prata e pra casar minha avó veio descalça, parou na casinha para trocar de roupa, lavar os pés e depois, se não me engano foi para Campinas casar. Então essa Rocinha continuou por muito tempo. E a estrada da Boiada era a estrada principal que ligava as cidades vizinhas daqui. Depois da Estrada da Boiada foi construída a estrada de Ferro. Minha avó contava que essa estrada foi construída por escravos. E minha bisavó que era suíça, contava que eles batiam muito nos escravos. Ela dava muita bronca nos capatazes, porque eles surravam muito os escravos, muitos até morriam de tanto apanhar. Minha bisavó contou que formou até um quilombo aqui em Vinhedo, não sei em qual local, mas formou, porque muitos escravos fugiam e se escondiam na mata.

(Depoimento de Francisco Gallo, 85 anos, aposentado, ex-policial rodoviário, gravado em abril de 2014)

Depreende-se também, dessa narrativa, um certo orgulho do depoente ao registrar o ato louvável de sua bisavó, ao recriminar os capatazes que açoitavam os negros escravos.

Rocinha, como distrito de Jundiaí, foi criada em 1908, mas muito antes dessa data a vila já era povoada: a partir de 1880, começou a receber imigrantes italianos. Por conta da chegada dos trilhos da estrada de ferro, Rocinha estava se desenvolvendo e já possuía um comércio característico de povoado e boas terras. Emmanuel Matheus foi um dos primeiros imigrantes que veio pra cá. Ele construiu um armazém de secos e molhados, que todos chamavam de “venda”. Era a “venda do Matheus”. E lá tinha um pouquinho de tudo: comida, botas, tecidos e material para a lavoura. Era na esquina da rua que hoje se chama Manoel Matheus com a Rua Monteiro de Barros. Primeiro veio o Manoel Matheus que abriu essa vendinha. Depois veio o Vicente Rotella, que também estabeleceu venda na Rocinha Velha, que hoje é o bairro da Barra Funda. Teve também o José Zechin que instalou outro armazém³⁰.

Antes de ser dono do armazém, o primeiro emprego de Emanuel Joaquim Matheus, foi o de matador de formigas saúvas, uma vez que essa espécie representava grande ameaça para a lavoura brasileira. Depois de matar muita formiga, Matheus montou seu armazém na vila. De acordo com seu livro contábil, em 1896, ele vendeu muito azeite, óleo de rícino, açúcar cristalizado, pólvora, panelas de ágata, ceroulas, chapéus, calças de casimira e até cerveja da marca “Antarctica”. (VIVEIROS, 1996, p. 55)

Também foram registradas, em 1896, algumas resistências no enfrentamento talvez do primeiro problema de trânsito dos rocinhenses. Tratava-se de um muro que fechava o caminho entre a estação de trem e a vila. Os moradores, descontentes, protestaram solicitando que a Câmara de Jundiaí enviasse alguém para derrubar o muro. Em primeiro de junho do mesmo ano, o dono de matadouro Alberto Krum, protestou pela redução do imposto por cada cabeça de gado abatida, pagos ao município de Jundiaí. Ele alegava que as autoridades jundiaenses não tinham tido gasto algum com os melhoramentos feitos no abatedouro: o investimento fora todo feito por ele. Outra briga por causa de impostos quase acabou em tragédia. Envolvia os açougueiros da vila, que ameaçaram usar seus instrumentos de trabalho para protestar. Felizmente, o conflito não ocorreu. (VIVEIROS, 1996, p.70-72)

As manifestações do desejo de se desligar de Jundiaí, expressas por meio de conflitos, protestos, tensões e acordos, contribuíram para que a vila, ainda pequena, começasse a se desenvolver autonomamente. Com o passar dos anos, mais imigrantes se estabeleceram em

³⁰ Conforme depoimento de Francisco Gallo, 85 anos, aposentado, ex-policia rodoviário, gravado em abril de 2014.

Rocinha – muitos vieram porque já tinham algum parente aqui situado. A população local cresceu mais ainda quando começaram os casamentos entre italianos, alemães, suíços, espanhóis, portugueses e brasileiros.

No início do século XX, o Distrito de Rocinha contava com 11 milhões de pés de uva, e as fabriquetas de chapéus e sandálias empregavam a população sem que os trabalhadores tivessem que “bater ponto”. Segundo contam os antigos moradores, isso ocorria porque as pessoas trabalhavam nas praças (Figura 14) e calçadas da cidade, ou seja, fora do espaço formal da fábrica e/ou indústria. Sendo assim, o controle do tempo de cada trabalhador era bem menos rígido.



Figura 14 - Praça de Sant'Anna, 1917

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Imagem da Praça de Sant'Anna num dia de festa e orações. Tal local era utilizado, também, para a fabricação de chapéus e sandálias. Podemos observar a pequena igreja e um prédio público da época. Os arcos de bambu enfeitavam o local. As crianças e adultos da foto, provavelmente, eram cidadãos de Vinhedo: com certeza pessoas que já se foram, mas que deixaram histórias.

Em 1913, Eleutério Rodrigues, que era proprietário da Casa Telefônica de Campinas, instalou um centro telefônico em Valinhos. Nesta mesma época, Manoel Joaquim Matheus, morador da Rocinha, também mandou puxar uma linha de telefone para o Distrito e propôs a criação de um centro telefônico. Para que o negócio fosse possível, o Manoel Matheus cedeu casa, telefonista e até um encarregado. Consta que o primeiro telefonema para Campinas foi dado pelo velho Pisoni, solicitando um médico para a esposa, dona Angélica. A empresa progrediu, sendo posteriormente adquirida por Gumercindo Vieira da Rocha, em 1921. Só em 1975 foi encampada pela Telesp. Na década de cinquenta, havia uma mesa telefônica com capacidade para

200 terminais, mas os assinantes eram apenas 90. Os telefones tinham no máximo dois algarismos e cada um possuía seu próprio fio. As ligações demoravam dias e depois horas, e havia até uma sala de espera para os usuários. Muito diferente do que temos hoje. A pressa e a tecnologia permitem-nos falar com pessoas do outro lado do mundo em segundos. Naquela época, a telefonia celular ainda era inexistente (ZECHIN, 2003, p. 188).

Com o surgimento de novas fábricas (em 1920, foi construída a Fiação e Tecelagem Storani) e abertura de novos estabelecimentos comerciais, Rocinha foi crescendo econômica, espacial e populacionalmente e, também, ampliando suas contradições socioculturais. Ao mesmo tempo em que a cidade cresceu, a demanda por educação, saúde e moradia também cresceu. Contudo, as classes menos privilegiadas tiveram (e têm) pouco acesso ou muita dificuldade para obter esses serviços.

Conta-se que o dono da empresa Storani, seu Benedito havia sido colono na Fazenda Conceição Barreiro e só conseguiu fundar sua fábrica porque encontrou ouro na casa da fazenda, enquanto cavouca o alicerce, e acabou ficando rico. Benedito Storani foi casado com Joana Foresto Storani e sua família teve outros negócios na cidade, como criação de gado, plantação de café, usina de cana e também outras fábricas instaladas na cidade de Jundiaí. A tecelagem Storani foi a primeira grande indústria de Rocinha e encerrou suas atividades em 1970.



Figura 15 - B. Storani S/A Comercial, Industrial, Agrícola e Pastoril, 1925.
Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

O fotógrafo focaliza o prédio da empresa de fiação e tecelagem, com sua fachada padronizada e as janelas que se reproduzem ao infinito (expressão de uma visão de progresso que não teria fim). Tal empresa dedica-se ao o

beneficiamento do algodão em caroço, passando pela preparação de mantas e fios, até chegar à tecelagem com a produção de brins e gabardines de finíssima qualidade.

A Estrada de Ferro da Paulista inicialmente foi construída em Rocinha para transportar café, que deveria chegar até o porto de Santos para ser exportado. Somente depois, os trens passaram a transportar passageiros, e, assim, a propiciar mais movimento à estação de trem. Essa circulação de pessoas e de produtos foi responsável, também, pelo desenvolvimento e crescimento da cidade.

Dona Odila Frediani lembra que utilizava o trem (Figura 16) quase todo os dias, pois ia para Campinas estudar no colégio Cesário Mota (colégio no qual fez o ginásio e a Escola Normal).



Figura 16 - Estação Ferroviária, 1947.

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Flagrante da estação Ferroviária de Rocinha, inaugurada em 1872³¹. Foi ponto de muitas partidas e chegadas. Os professores do Grupo Escolar Professor Cláudio Gomes chegavam de Campinas e eram levados de táxi até a escola. Trabalhadores e estudantes iam e vinham de trem. Esse era responsável pelos apitos que acordavam a cidade, mas que também marcavam as horas. Ao fundo, é possível observar como era esta região, que agora é ocupada pelo condomínio residencial Jardim Paulista.

³¹ Cf. Folha de Vinhedo, 13 de agosto de 1952, p.1.

Segundo Odila, era muito prazeroso ir de trem, pois viajava junto com as amigas e podiam ir sentadas, conversando e contando sobre suas vidas. Tinha um trem que saía às sete horas da manhã, mas ela e suas irmãs sempre estavam atrasadas. Como moravam perto da estação, bastava descer a rua correndo que conseguiam embarcar. O motorista do trem, que já sabia dos atrasos, quando avistava as meninas correndo, fazia uma pausa maior e as esperava chegar. Já em Campinas, para ir até a escola, utilizavam bonde ou iam caminhando. Ela achava muito engraçado que, na hora do intervalo, as meninas que moravam em Campinas sempre queriam trocar de lanche: “minha mãe dava o lanche pra gente levar: era omelete, lanche com bife, não tinha nada dessas coisas de padaria, industrializadas. As meninas queriam sempre trocar o lanche, porque o nosso era bom, era sempre pão feito em casa, era mais gostoso”. Como era mais gostoso, a menina de Vinhedo acabava não realizando a troca. Ainda, dona Odila se lembra que, muitas vezes, ia a pé até a escola e utilizava o dinheiro do bonde para passar numa padaria, a “Minerva”, e comprar bolacha, biscoito de polvilho, coisas que não havia em Vinhedo³².

Hoje ainda há o trilho de trem, que faz o transporte de cargas, mas é bem menos utilizado do que na época do café. O transporte de passageiros acabou há muito tempo.

Além dos trens, as carroças eram muito utilizadas para as pessoas se locomoverem. Para ser motorista de carroça, era necessário tirar uma carteira de habilitação (Figura 17).

³² Conforme depoimento de Odila Frediani, 79 anos, professora aposentada, gravado em abril de 2014.

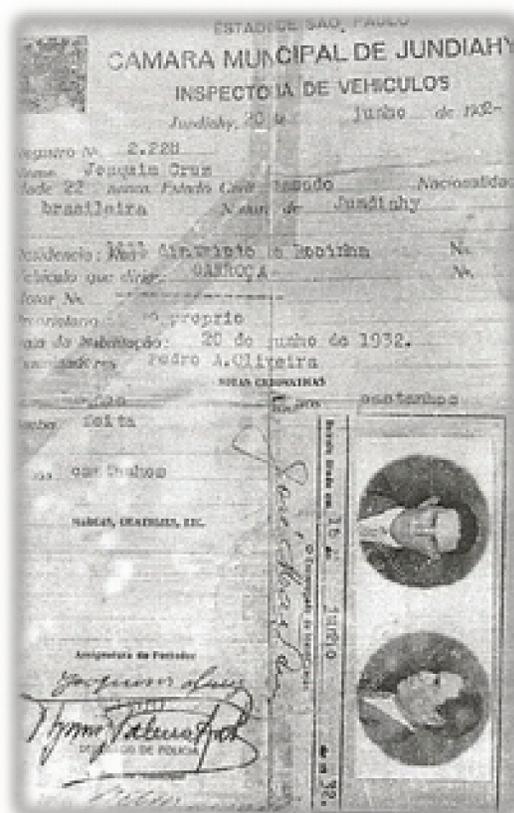


Figura 17 - Carteira de Habilitação, 1932.

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Esta carteira de habilitação era de Joaquim Cruz e dava ao condutor licença para dirigir carroças. A data é de 20 de junho de 1932, e foi emitida pela Câmara Municipal de Jundiahy, Inspeção de Veículos. Na região tal carteira só era obtida em Jundiaí ou Campinas. Era chamada de Carta de Cocheiro e o documento exibia fotos de frente e perfil.

O condutor que fosse apanhado sem a carta era multado. O cavalo tinha que estar sempre bem ferrado, era obrigatório passar sebo nos arreios, tinha que ter o “descanso” que ajudava a manter os arreios erguidos no caso da carroça ficar parada, para assim não maltratar o animal que a estava carregando. O breque era feito com cordas. (ZECHIN, 2003, p. 191)

Além das carroças, em 1932, um táxi já circulava em Rocinha (Figura 18). Mas eram poucas as pessoas que utilizavam esse serviço: somente aquelas mais abastadas e algumas autoridades. Também os professores que se deslocavam de outra cidade, ao descer na estação de trem, tomavam táxis. Salvo tais exceções, no cotidiano, os moradores caminhavam muito a pé para andar pela cidade. O primeiro taxista a circular motorizado por Rocinha foi Naime Ajar.

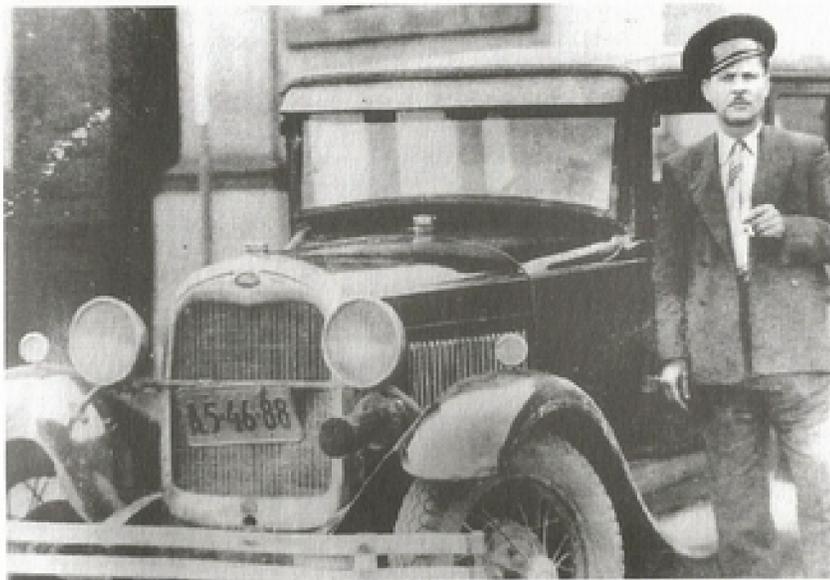


Figura 18 - Um dos primeiros táxis de Rocinha, 1932
Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Um dos primeiros táxis a circular em Rocinha foi o do taxista Naime Ajar. O modelo era o famoso Ford “Bigode”. Se repararmos abaixo do farol, podemos ver a buzina na parte externa. O carro preto era considerado muito chique. Mais chique ainda era o motorista, que deveria usar terno e gravata para exercer a sua profissão.

Era difícil ver carros circulando pela cidade – “às vezes, você podia ficar horas andando pela rua, sem ver nenhuma movimentação de veículos motorizados”³³- mesmo quando a Rodovia Washington Luís passava pela Rua Nove de Julho. Isso por volta da década de 1950. Antes de ser a principal rua do comércio, a Nove de Julho possuía residências, e essas casas foram construídas bem na beiradinha da estrada. Segundo conta Francisco Gallo, existia muito terreno, mas a mentalidade da época não pensou em fazer recuo. E depois, quando tiveram que fazer calçada na Nove de Julho, a rua ficou estreita, por conta da falta de recuo das casas. Atualmente, a rodovia não passa mais por dentro de Vinhedo. Mas, quando passava, o carro mais conhecido que fazia essa trajetória era um Ford, apelidado de “Ford Bigode”, da família do Fernando Costa³⁴, que foi interventor de São Paulo e possuía fazenda em Pirassununga. Eles viajavam quase toda semana para a fazenda e passavam por Vinhedo. Por ser o interventor, tinha sempre uma buzina que tocava quando ele estava passando na Washington Luís (hoje Nove de

³³ Conforme depoimento de Francisco Gallo, 85 anos, aposentado, ex-policia rodoviário, gravado em abril de 2014.

³⁴ Interventor federal do estado de São Paulo, durante o Estado Novo, no período de 04 de junho de 1941 a 27 de outubro de 1945.

Julho) e todos saíam de suas casas para ver. Na esquina da Rua Nove de Julho com a Rua Santos Dumont, moravam as filhas dos Von Zubern, que eram todas solteiras. Quando o motorista do interventor via aquelas meninas, bonitas, jovens, e solteiras, ele buzinaava ainda mais para as moças.³⁵ Por conta do acidente no qual o interventor Fernando Costa faleceu ter acontecido aqui em Vinhedo, sua família propôs, após a emancipação do Distrito, nomear a cidade de Fernando Costa. Contudo, a proposta não foi aceita e o nome nem chegou a ir para votação. Mas hoje existe a Rua Fernando Costa, como homenagem.

Com o aumento do número de veículos motorizados, no final da década de 1940, é inaugurado em Rocinha o primeiro posto de combustível (Figura 19), para assim suprir a demanda local.



Figura 19 - Primeiro Posto de Combustível, 1946
Fonte: acervo do memorialista José Antonio Zechin.

Pela representação da inauguração do primeiro posto de combustível na cidade, elaborada pelo olhar do fotógrafo, dá para perceber que naquela época tudo era motivo de festa. Neste posto, as bombas de gasolina eram movimentadas manualmente. No vestuário masculino, os chapéus sempre presentes, junto com as calças brancas.

Antes (década de 1930), havia uma bomba de gasolina na Rua Nove de Julho com a Dois de Abril, no entanto, era somente uma bomba, sem os aparatos dos modernos postos (tampouco as lojas de conveniência 24 horas). O proprietário deste primeiro posto foi Emídio Carbonari. Hoje, o negócio funciona no mesmo local, mas o atual dono é Aristides Gallo.

³⁵ Conforme depoimento de Francisco Gallo, 85 anos, gravado em abril de 2014.

Com a diversificação da agricultura, o aparecimento de pequenas fábricas e indústrias e com o crescimento populacional, o Distrito de Rocinha começou a expandir-se e a enfrentar certos problemas, dentre eles, o descaso de Jundiaí. Conta-se que Vinhedo era pouco desenvolvida, porque Jundiaí não deixava o Distrito crescer. Foi a partir da emancipação que Vinhedo começou a progredir ³⁶.

Em 24 de outubro de 1948, houve um plebiscito em Rocinha. Os cidadãos do velho Distrito de Paz, criado em 1908, teriam que votar a favor ou contra a emancipação política e administrativa, em relação à cidade de Jundiaí.

Eu votei nesse plebiscito: alguns votaram contra. Mas a maioria era a favor da independência, porque Jundiaí não dava muita assistência pra cá... Principalmente no que diz respeito às estradas... Os sitiante aqui reivindicavam muito a conservação das estradas... Eles pagavam impostos para Jundiaí e não tinham o retorno do investimento em Rocinha. Então houve o plebiscito... A Rua 24 de outubro é em homenagem ao dia do município... O dia 2 de abril é feriado, como sendo o aniversário da cidade, porque foi no dia 2 de abril a primeira sessão da câmara de Vinhedo e por isso que ficou feriado... O Dr. Abrahão Aun foi eleito o prefeito e foram eleito 12 vereadores: sete de Vinhedo e cinco de Louveira, porque Louveira, na época era um povoado e passou a ser Distrito de Vinhedo. Então tinham uma seção eleitoral lá e o pessoal também votou em Louveira. Acho que os votos contra foram de Louveira, porque havia uma rivalidade entre Vinhedo e Louveira, principalmente no futebol... Então acho que o pessoal de Louveira não queria ver Vinhedo se desenvolver. Vinhedo, depois que ficou livre de Jundiaí se desenvolveu bastante, viu?! E Louveira também começou a se desenvolver quando ficou livre de Vinhedo.

(Depoimento de Francisco Gallo, 85 anos, aposentada, ex-policia rodoviário, gravado em abril de 2014)

A partir dos relatos, é possível compreender algumas concepções que a população teve sobre diversos eventos. No caso da emancipação de Vinhedo, é necessário destacar que estavam em jogo também interesses políticos combinados à ansia do desenvolvimento da cidade. Todos os envolvidos no movimento de emancipação da cidade eram conhecidos e representavam a elite intelectualizada: ou seja, representavam o grupo de pessoas mais letradas da cidade (Figura 20).

³⁶ Conforme depoimento de Odila Frediani, 79 anos, gravado em abril de 2014.



Figura 20 - Emancipadores, 1949

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Da esquerda para a direita: Julio de Paula, Antônio Elias, Humberto Pescarini, Henrique de Barros Leite, Manoel Fernandez, Milton de Souza Meireles, Paulo Storani, Antônio Vendramini e Prof. Birilo.

Os outros cidadãos que constituíram a comissão eram: Alcides Guarido, Aristides de Paula, Antônio Medeiros Júnior, Agenor de Mattos, Antônio Zechin, Antônio Maria Torres Filho, Mylton de Souza Meirelles, Favorino Carlos Marrone, Carmelo Consolo, Jacob Mattenhauer, Gumercindo Rocha, Luiz Rotella, Manoel de Sá Fortes Junqueira Júnior, Odilon de Souza e Epifânio Salustiano de Souza.

A foto expressa a construção dos “heróis locais”. Isso porque, os emancipadores são apresentados como aqueles que se organizaram e lutaram corajosamente para desanexar Rocinha de Jundiá. São lembrados pela população por sempre estarem vestido de terno e chapéu, com muita pompa.³⁷

Ao trabalhar com a memória de homens comuns, identifica-se como uma das contribuições da história oral é a da ampliação da concepção de depoentes autorizados, ou seja, segundo Paul Thompson, “o gravador tem permitido que a fala da gente comum – sua habilidade narrativa, por exemplo - seja, pela primeira vez, seriamente compreendida” (Thompson, 1992, p.41). Neste sentido, cada depoimento deve ser tratado como uma versão sobre o acontecido, a qual expressa possibilidades para a reconstrução de percepções, comportamento e modos de vida cotidianos. A memória, assim, aparece como produto de um trabalho de ressignificação, na qual o presente e o passado aparecem amalgamados. Ela vem à tona, conforme é fabricada.

³⁷ De acordo com depoimento de José Antônio Fávoro, 60 anos, funcionário público, gravado em abril de 2014.

Após a emancipação, Vinhedo começou a sofrer mudanças. Contudo, é nas décadas de 1970, 1980 e 1990 que essas mudanças são identificadas com maior intensidade pela população. Mas é um ano depois da emancipação que a Festa da Uva começa a ser realizada. As primeiras festas da uva eram organizadas na praça de Sant'Anna, na frente da Igreja, depois eram preparadas no meio da Avenida Independência. Só em 1988 é criado o Parque Municipal Jayme Ferragut, com o intuito de abrigar esse evento.

No começo assemelhava-se às quermesses: uma festa pequena, com poucas barraquinhas de comida: uma de churrasco e uma de doce. Havia leilão de uva (que acontecia no coreto da praça) e o jogo de bingo, que na época se chamava tômbola. Para as crianças, vendiam-se bexigas e alguns brinquedos. “Não era como é a festa de hoje: com shows de famosos, inúmeras opções de comida e bebida, um fluxo enorme de visitantes e o parque de diversões com brinquedos como montanha-russa e roda-gigante”.³⁸

Algumas lembranças ficaram guardadas na memória do vinhedense José Antônio Fávaro. Uma delas era a função de seu amigo Altair, que uns três meses antes de começar a festa, ia com a perua da prefeitura para muitas cidades, colando cartazes para divulgar o evento, porque naquela época não tinha outro meio de comunicação: a propaganda era feita boca-a-boca ou nesse esquema de colar os cartazes. Ainda, José se lembra que quando a festa já havia crescido um pouco, lá para a década de 1970, começaram a vir artistas de fora apresentando os seus shows e a Rita Cadillac foi uma das apresentações. O palco foi montado, e a Rita estava no auge do sucesso. Para a época foi um pouco revolucionário, pois as famílias da cidade ainda eram muito religiosas e conservadoras. Depois disso, a festa começou a expandir-se cada vez mais e a avenida passou a não comportar mais tanta gente. Percebeu-se, então, a necessidade de construir um parque para abrigá-la.

Outro ponto que chama a atenção na festa até hoje são as rainhas e as princesas da Festa da Uva. A primeira rainha da festa da uva foi Graziela Mingarelli (Figura 21):

³⁸Idem.



Figura 21 - Primeira Rainha, 1950

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin

A foto mostra o desfile da Rainha Gaziela Mingarelli, rainha da primeira festa da uva. Do lado esquerdo, onde há uma valeta, seria construído o campo do rocinhense. A rua de terra percorrida pelo jipe puxando o carro da rainha é a John Kennedy. Atrás onde se vê os demais veículos do desfile é a Rua Humberto Pescarini. Ao fundo, os morros de mata da Fazenda Cachoeira, local onde hoje se encontram vários condomínios residenciais.

Dona Odila Frediani foi a segunda rainha da Festa da Uva, em 1951. Ela conta que, naquela época, eram escolhidas para serem rainhas e princesas as meninas filhas dos produtores de uva. No entanto, eram as filhas daqueles que se destacavam na produção, ou seja, famílias privilegiadas da cidade, com poder aquisitivo maior e, por isso, as escolhidas sempre eram as meninas com cabelos mais cuidados, com rostos sem marcas de sol, mais bem vestidas - e não as meninas que realmente trabalhavam na roça, plantando uva.

Francisco Gallo comenta sobre essa escolha:

Acho que a primeira rainha da uva ela está viva hoje em dia, eu conheço ela... é a Dona Odila Frediani. Eu me lembro que ela foi a primeira! Na festa, normalmente as famílias mais abastadas se sobressaíam em tudo: no leilão, na quermesse... Um exemplo é a família Frediani... Então por isso a Odila foi rainha,

porque sua família era tradicional e a maior produtora de vinhos de Rocinha. Mas ela era bonita também, foi merecido! Eu me lembro dela muito bonita: loira, cabelos compridos, uma pele lisinha... foi muito merecido!

(Francisco Gallo, 85 anos, aposentado, ex-policia! rodoviário, abril de 2014).

Dona Odila conta que seu pai foi um dos primeiros produtores de vinho de Rocinha. Chegou aqui com quatorze anos, em 1891. Na estrada da Boiada, ele e a irmã possuíam um pequeno armazém e um açougue. Passado algum tempo, comprou 18 alqueires de terra e começou a fabricar uva para fazer vinho. Além do vinho de uva, ele também fabricava vinho de laranja, uma bebida que, apesar de forte, era muito apreciada na época.

Além da festa da uva, na década de 1950, era comum os jovens, para se divertirem, se reunirem no jardim Praça de Sant'Anna após a missa. Depois da missa, havia o "footing", ali na praça: as moças andavam na parte interna do jardim, num sentido e os rapazes, andavam por fora, no sentido oposto, e ficavam flertando.

Era muito bom! Eu ia, minha mãe deixava! Não tinha perigo nenhum naquela época... Meus irmãos iam também... Os homens olhavam, davam risada, tinha alguns até que piscavam! Se a gente desse um sorrisinho eles vinham falar com a gente... Mas eu e minhas amigas não dávamos nem bola! Normalmente a gente já tinha cada uma seu namoradinho... Foi um tempo muito bom! Eu acho que minha infância e juventude foi maravilhosa!

(Odila Frediani, 79 anos, professora aposentada, abril de 2014).

Francisco Gallo lembra também que havia alguns rapazes que não iam para a Igreja: iam direto para o "footing". Ele conta que, naquela época, algumas pessoas não seguiam a religião católica, contudo eram hostilizadas pelos religiosos. A intolerância com outras religiões pode ser consequência do fato de que a região de Rocinha/Vinhedo, recebeu, já na sua fundação, muitos imigrantes italianos adeptos, em sua grande maioria, da religião católica. A bisavó de Francisco, que veio da Alemanha, era luterana, mas não podia se manifestar. Segundo sua avó, a religião católica era praticada de forma autoritária na região. "Em Rocinha, havia lugares que não possuíam paróquia, mas tinham padres."³⁹

Gallo rememora, ainda, que havia um pouco de fanatismo com relação a isso: não havia muito respeito com as outras religiões. Evangélicos e espíritas eram visto como "coisas do

³⁹ Conforme depoimento de Francisco Gallo, 85 anos, aposentado, ex-policia! rodoviário, gravado em abril de 2014.

demônio”. Seu avô materno, que era caboclo, também não tinha religião. Mesmo assim, ele seguia a Igreja católica, pois era a única tolerada⁴⁰.

É importante, aqui, discorrer sobre a questão da credibilidade das fontes orais. Para Paul Thompson, a questão da credibilidade merece uma discussão mais ampla, uma vez que, muitas vezes, a importância do relato oral está no processo de construção simbólica do acontecido, realizada pelo depoente. Assim, a história não diz respeito apenas a fatos, estruturas ou comportamentos, mas, também sobre como eles são vivenciados e lembrados na imaginação. É da própria história que parte aquilo que as pessoas imaginam que aconteceu, e também o que acreditam que poderia ter acontecido. Para o autor, a imaginação de um passado alternativo e, conseqüentemente, de um presente alternativo, é tão fundamental quanto aquilo que de fato aconteceu. (THOMPSON, 1992, p.41)

Sendo assim, é necessário ter em vista que os relatos discorrem sobre sua visão do passado, a partir do momento presente. A questão da intolerância religiosa é apontada pelos entrevistados como uma característica da sociedade vinhedense até meado dos anos 1980. Contudo, temos que ter em mente que essa não é a visão de todos da época. Provavelmente, para aqueles criados dentro da religião católica, essa intolerância fosse percebida de outra forma, ou talvez nem percebida.

⁴⁰Idem.

2.2 “Nunca mais aquelas esquinas”: indícios de outros tempos nas vozes dos memorialistas

Nas décadas de 1960 e 1970 do século XX, o núcleo urbano de Vinhedo era pequeno. As ruas eram, em sua maioria, de terra, e algumas eram calçadas com paralelepípedos: normalmente, as ruas centrais eram revestidas com paralelepípedos, como a Rua Nove de Julho, mas, saindo desse “miolinho” central, todas as demais ruas eram de terra. O centro quase não possuía casas: as que existiam, longe umas das outras, mesclavam-se com os terrenos vazios, formando a paisagem central. Saindo dessa área, o que predominava eram as propriedades rurais. Assim, de forma um tanto quanto rápida, a cidade mudou! Os sentimentos dos moradores oscilavam entre o choque e a admiração, entre o susto e a alegria de ver a cidade expandindo-se.

Antes, os bairros eram isolados e muito distantes uns dos outros. Os caminhos da cidade, pode-se dizer, eram pouco povoados e sem movimentação de pessoas e veículos: para ir de um bairro ao outro, andava-se numa rua ou estradinha e até se chegar a outro bairro, não havia quase nada do que hoje vivemos na trama urbana moderna. Nada de casa, comércio, carros ou pessoas. Mas, com certeza, havia uma pedra no meio do caminho. Não só pedras, como terra, animais, flores, mato e outras tantas experiências que foram apagadas pelo tempo. Nas ruas de terra, calmas e sem movimento, as crianças podiam brincar de bola. Se não tivesse bola ou outro brinquedo, a própria terra da rua propiciava a diversão.

Depois das ruas terra, surgiram as pavimentadas com paralelepípedo e só depois as asfaltadas. Com o asfalto, vieram também as ruas e avenidas que passaram os vários pontos da cidade: o bairro da Nova Vinhedo, que era pequeno, pequenininho mesmo, adquiriu novas passagens com a construção da Avenida Independência. Essa avenida, que cruza a cidade inteira, interligou diversos bairros antes isolados.

Assim como a Independência, muitas outras ruas e avenidas só foram construídas porque houve a desapropriação de grandes propriedades. Por conta das transformações socioespaciais, houve alguns desentendimentos entre os proprietários de terra e o poder municipal. Como conta o ex-prefeito “Zé” Gasparini, os mais antigos da cidade, donos das grandes propriedades não queriam “doar” parte de suas terras para a abertura das avenidas.⁴¹

O ex-prefeito caracteriza as famílias, sobretudo as de origem italiana, que foram resistentes as transformações, da seguinte maneira:

⁴¹ Conforme depoimento de José Carlos Gasparini, 60 anos, retirado de PIRES, 2004, p. 116

Aqui tinha a família Pescarini. A família Trevisan que eram aqueles italianos que vieram para cá todos analfabetos e que carpiram café no lugar dos escravos. Depois eles compraram as propriedades quando as fazendas de café quebraram. Eles foram comprando pequenos sítios. Então esse pessoal que conseguiu tudo na raça, imagina, analfabetos com grande trabalho, eles têm um medo da mudança incrível. Sabe que eu conheço a Itália, eu fui ver aquilo, se você ver o zoneamento de Roma há 2000 anos atrás, você fica abismado. Aquilo tudo dividido, a parte de esporte, de serviço, de lazer. Daí eu perguntava: ‘como é que nossos avós não viram isso na Itália?’ Vieram para cá, faziam casas encostadas no rio (...). Imagina se eles tivessem visto Roma! Mas não viram. Moraram na parte sul da Itália, ou na parte norte (...). Se eles tivessem conhecido Roma, eles teriam feito uma Vinhedo muito melhor. Coitados. Com a ignorância deles, com analfabetismo, eles fizeram até demais. Vieram para esse mato aqui, lutaram como um cão, se defenderam como puderam. Mas eu só sinto que alguém tivesse dito para eles: ‘olha gente, deixa aí uma marginal na beirada de cada rio, porque isso aqui vai dar enchente. Isso aqui vai crescer, a capital está ali.’”
(José Gasparini, ex-prefeito de Vinhedo, 60 anos)⁴²

No diálogo com o depoimento do ex-prefeito, podemos flagrar uma imagem depreciativa, mas ambivalente, que forja, então, a respeito dos primeiros imigrantes italianos: de um lado eles representavam os substitutos dos escravos na plantação de café, analfabetos e, portanto, sem nenhum tipo de instrução. Por outro lado, não podiam ser responsabilizados por não quererem as mudanças, uma vez que não haviam vivido na capital da Itália e não conheciam uma cidade grande e desenvolvida. Assim, foram necessárias estratégias para vencer as oposições e transformar as mentalidades dos antigos moradores.

Se você abrir uma rua no terreno vizinho, você imagina quanto isso não vai valorizar. Porque naquele tempo a terra não valia nada, o que valia para eles era uma caixa de uva, uma caixa de maçã. A terra não valia nada. E fora que eles tinham uma noção de posse, de domínio, que era uma coisa medonha. Os nossos pais, eles brigavam por causa de 20 cm de divisa (...). Não deixa abrir a rua. Eu passava com a motoniveladora, ia abrindo as ruas e o mourão dos terrenos deles iam caindo e eles vinham aqui xingar. Depois eu ia abrindo mais um pouquinho. A estrada era de 4, 5 metros. Eu ia passando a motoniveladora e ia arrancando as cercas, caindo, eles vinham aqui gritar, xingavam. Então, com o sítio daquele tamanho, com as propriedades, com os sítios grandes que eles tinham naquela época, eles se incomodavam por causa de 2 metros de largura da estrada. Davam trombada na estrada, porque não passava dois carros. Teve um aí que a mão ficou até atrofiada por causa de acidente na estrada. E eu usava sempre esse cara: ‘vocês não estão vendo que o sujeito ficou aleijado por causa disso? Eu quero abrir estrada para vocês, para melhorar, para valorizar. Você não está vendo as consequências da mudança que você não quer?’”
(José Gasparini, ex-prefeito de Vinhedo, 60 anos)⁴³

⁴² Idem, p. 117.

⁴³ Idem, Ibidem, p. 117.

Com a abertura das ruas, a iluminação pública dos espaços públicos, bem como a implantação da rede de água e esgoto, uma feição diferente foi sendo construída em Vinhedo. Já na década de 1980, eram poucas as ruas que não eram calçadas e a rede de esgoto só não chegava aos lugares mais afastados.

Pelas imagens visuais, é possível perceber estas transformações socioespaciais (Figura 22 e Figura 23):



Figura 22 - Imagem de Rocinha, início do século XX
Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Pelo foto podemos ver como era Rocinha no início do século XX: apenas uma pequena área povoada ao centro, e ao longo da paisagem grandes propriedades de terra, sendo que não eram todas que se destinava a produção agrícola.



Figura 23 - Vista Aérea, s/d

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Essa foto constrói uma representação da moderna cidade de Vinhedo, a partir da visão aérea, provavelmente no final dos anos de 1990 ou início dos anos 2000. É possível perceber que grande parte do perímetro urbano é ocupado por construções, bem como por ruas e avenidas que promovem a circulação de capitais e pessoas.

A vinda de novos moradores também teve maior impulso na administração do “Zé” Gasparini, que “abriu” a cidade, foi responsável pela construção de condomínios fechados e diminuiu impostos para as empresas que quiseram se instalar aqui. Ele exigia que se contratassem profissionais de Vinhedo para trabalhar nessas empresas, caso houvesse tais profissionais. Caso contrário, poderiam ser contratadas pessoas de outras localidades. Mas, como a cidade teve um crescimento industrial muito grande, a demanda de mão-de-obra também foi elevada, atraindo muitos trabalhadores de São Paulo. Também veio gente de São Paulo com capital para investir em Vinhedo⁴⁴.

É possível observar que, de 1970 a 2000, a população de Vinhedo quase quadruplicou: se na década de 1970, a população era cerca de 12.000 habitantes, nos anos 2000 o número de habitantes de Vinhedo girava em torno de 47.000 pessoas⁴⁵.

⁴⁴ Conforme depoimento gravado com Magali Maria Ferragut, 53 anos, em abril de 2014.

⁴⁵ Fonte: Fundação IBGE. Censos Demográficos de 1970 a 2000.

Os novos moradores que possuíam grande poder aquisitivo, a princípio, mudaram-se para Vinhedo, mas continuaram a usar os serviços das outras cidades, como médicos, dentistas, escolas. Contudo, o crescimento da cidade também fez com que novos profissionais locais começassem a atuar com maior profissionalismo.

Nesse processo de crescimento, algumas práticas mais antigas e tradicionais foram se perdendo, assim como novas práticas começaram a surgir. O aumento do trânsito, da violência e do desrespeito hoje são reclamações constantes dos moradores. Mas as facilidades que o crescimento proporcionou também são identificadas.

A população encarava todas essas transformações, que começaram a partir de mais ou menos 1975, de uma forma boa... Mas ao mesmo tempo eu percebo que foi um choque pra cidade... Eu percebo que aquele pessoal pacato que morava aqui não estava preparado pra essa mudança tão rápida... Foi coisa de 10/15 anos que mudou tudo! Tanto é que muita coisa que a gente está tendo problema agora, como por exemplo, o trânsito, na época não foi pensado porque não achou que a cidade pudesse crescer tanto... Por exemplo, não tinham a noção que ia ter essa mudança na cidade...

(José Antônio Fávoro, 60 anos, funcionário público, abril de 2014)

Atualmente, Vinhedo possui hospitais, médicos, sistema de transporte público e todo tipo de comércio. Não é mais necessário se deslocar para Campinas, ou São Paulo, para se comprar um móvel, um carro, ou até mesmo comida. Mas nem sempre foi assim.

Até meados de 1960, 1970, a maioria das famílias residentes em Vinhedo ou possuíam sítios ou trabalhavam nesses sítios: sendo assim, o lucro familiar vinha de atividades “da roça”. Ainda, havia a agricultura de subsistência, ou seja, plantavam-se frutas, verduras e legumes e criavam-se galinhas, bois e porcos para abastecer o consumo familiar. Francisco Gallo, 85 anos, conta que o que não era produzido no sítio, era comprado nos armazéns, como, por exemplo, farinha de trigo, açúcar, sal, e que, durante um bom tempo, os armazéns vendiam fiado, com a condição de se pagar quando o cliente conseguisse lucros da colheita. E se, por exemplo, a colheita daquele ano não desse muito lucro, a dívida automaticamente ficaria para o ano seguinte e o cliente poderia pagar, sem juros, quando pudesse ⁴⁶. A prática de “marcar na conta” existiu durante um bom tempo na cidade: hoje, apenas algumas lojas ainda possuem esse hábito. No entanto, com a vinda de grandes redes de lojas comerciais e com o crescimento da cidade, onde

⁴⁶ Conforme depoimento de Francisco Gallo, 85 anos, aposentado, ex-policia rodoviário, gravado em abril de 2014.

as pessoas já não são tão conhecidas umas das outras, esse costume foi sendo substituídos pelos boletos bancários, cheques pré-datados e cartões de débito e crédito.

Eu lembro que, com o crescimento de Vinhedo, o que se perdeu foi a prática de marcar na conta. Eu lembro que na padaria você não pagava o que você comprava: você pagava no final do mês, quando vinha seu salário. Então tinha uma caderneta lá, com uma página pra cada pessoa. Na loja de roupa do Eliseo Coco era a mesma coisa: conta que você pagava depois de um mês, dois... quando você não tinha dinheiro, marcava na conta... Eu lembro muito disso... E não era considerado fiado, era o natural... Porque as pessoas não tinham dinheiro o mês inteiro... Porque não tinha cartão, não tinha cheque, a maioria não tinha nem conta em banco... Era tudo na base da confiança. Tinha calote, mas não era muito. As pessoas eram mais honestas. Tinha alguma pessoa contratada do seu Eliseo que sempre batia na porta de uma vizinha minha, pedindo pra ela ir acertar a conta lá na loja. Tinha alguma coisa de inadimplência sim, mas no geral marcávamos na caderneta e depois aparecíamos para pagar: pagava uma parte, voltava mês que vem pagar a outra. Quando abriu o supermercado do Brunelli, aqui, o supermercado também marcava na conta. Se você tinha dinheiro na hora você pagava, se não, não. Nessa época a cidade já tinha crescido um pouco, as pessoas já tinham um pouco mais de dinheiro vivo, em espécie, mas eu lembro que eles faziam crediário para o pessoal do sítio. Porque eles só iam ter dinheiro quando vendesse a safra... Só quando eles colhiam e conseguiam vender as frutas, verduras (às vezes, vendiam até para o próprio mercado) eles tinham dinheiro... Eu acho que isso que passou muito...

(Depoimento de Selma Gallo, 53 anos, comerciante, gravado em março de 2014)

Até o final da década de 1970, Vinhedo não possuía um mercado grande como o Eldorado, de Campinas. O primeiro supermercado, parecido com o das grandes cidades, foi inaugurado em 1978, o Supermercado “Matheus”⁴⁷. Antes disso, muitas famílias viajavam para fazer as compras. E, mesmo quando as pessoas não possuíam carros, viajavam de trem, à procura de produtos que ainda não chegavam à cidade pequena. Dona Odila Frediani, de 79 anos, conta que, quando era criança, ficava ansiosa para abrir os caixotes enormes que seu pai trazia do mercadão de São Paulo. Ao abri-los, o cheiro forte de bacalhau e queijo infestava a casa, mas ela adorava. Ela, as irmãs e as mães saboreavam calmamente os queijos, um pouco mais finos, que encontravam dentro do caixote. Ela conta que, no seu tempo, precisou viajar muito para Campinas de trem, para comprar roupas e calçados e também estudar na Escola Normal⁴⁸.

De acordo com o memorialista Zechin (2003), não só a cidade foi se transformando, mas também as práticas dos sujeitos que a habitavam. Com nostalgia e emoção, seu relato nos faz

⁴⁷ ZECHIN, J. A. *Cores e Sabores de Vinhedo*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2008.

⁴⁸ Conforme depoimento de Odila Frediani, 79 anos, professora aposentada, gravado em junho de 2013.

entender um pouco sobre como foi viver em Vinhedo nos anos 1970. Ele conta ter saudades das esquinas da Barra Funda (bairro muito antigo da cidade), que foi onde passou sua infância e adolescência.

Saudades das esquinas da Barra Funda com seus bares e armazéns de secos e molhados, das pessoas que não mais existem com muitas histórias a contar. Havia tempo para conversar e esperar o tempo passar. Havia tempo para esperar passarem as moças que trabalhavam na fábrica Têxtil do Storani, lá pelas três da tarde. Alguns amigos meus se casaram com algumas moças daquelas.

Nunca mais as esquinas da Barra Funda, o Zé Rotella tomando bagaceira e o cachorro Cacique esparramado na calçada, bonachão e quieto (...). O Bem Rocha meio enfezado chamando-os, os mais adolescentes e cabeludos, de viados, só porque ouviam os Beatles e o Roberto Carlos numa impressionante vitrola portátil Sonata.

Nunca mais as esquinas da Barra Funda, de onde saíamos para as visitas noturnas no Jardim Itatinga, levados pelas mãos experientes do Zé Maria. Esquinas onde planejaram muitas vezes as férias no rancho do Orlando Delgado, em Itanhaém. E lá, onde o Lalo Demarchi escrevia cartas de amor para o Ariovaldo Bracalente fingindo-se de Beth Mosca, paixão dele. Também era daquelas esquinas que os amigos saíam para jogar nas fazendas, naqueles campos cheio de bosta de vaca. E eles tinham que jogar um dia inteiro para ganhar uma mísera taça de campeão do torneio, mas que servia muito bem para depois beber pinga ali nas esquinas. Ah, como nós acreditávamos em tudo o que acontecia naquelas esquinas da Barra Funda. O Lôlo Imperato, o Bem Rocha e o Abrãozinho, todos já idos deste mundo, fazendo representação de filmes de faroeste nas madrugadas, usando como armas as tabuletas indicativas do cemitério nos dias de Finados. A Avenida da Saudade era de terra, com muito mato em volta, e nos dias de enterro baixavam-se as portas dos estabelecimentos comerciais em sinal de respeito. E na Rua Santa Cruz passou muito boi, muita boiada, que entrava pelos desavisados portões abertos das casas, assustando crianças e adultos.

Ah, que saudade, que saudade, que saudade! Agora, nunca mais as concretas esquinas da Barra Funda. Ficaram para trás amados parentes e inesquecíveis amigos.

(ZECHIN, 2003, p. 144-146).

Ficaram para trás também as quermesses, as festas de carnaval, as apresentações das bandas. A Festa da Uva já não é a mesma de antes. O “footing” no jardim da Praça Sant’Anna acabou há muito tempo. Os bailes no clube Rocinhense também. Apesar de ser considerada uma cidade turística, hoje Vinhedo já não tem tantas formas de lazer como antes. Há alguns restaurantes e bares, mas a população com maiores condições econômicas e socioculturais, em sua maioria, vai até Campinas, Jundiaí ou São Paulo frequentar os restaurantes, bares e as baladas mais movimentadas.

Quem passa na cidade, no local em que hoje se encontra o Supermercado Infanger, não imagina que lá já foi um tanque (Figura 24), que pertencia à família Corazzari e fazia parte da

diversão, aos finais de semana, do povo de Vinhedo. Isso acontecia porque, nesse tanque, podia-se passear de barco. Francisco Gallo, 85 anos, lembra-se de ter vistos muitos homens importantes da cidade sentados nos barcos. Ele mesmo nunca teve a oportunidade de experimentar esse passeio⁴⁹. Neste sentido, o depoimento vislumbra uma visão nostálgica situada em experiências vividas como membro da classe média.



Figura 24 - Passeio de Barco, 1935

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Fazia parte da diversão de parte da população o passeio de barco. Hoje, no lugar desta represa, há um pequeno córrego, sendo impossível imaginar esta cena. Uma cena bucólica com homens de terno e chapéu. Nada restou. Águas que se foram para sempre.

É importante destacar também o futebol como moderna forma de lazer dos rocinheses. A primeira Associação Esportiva a se dedicar ao esporte foi criada em 1909, três meses depois de a Vila da Cachoeira receber o título de Distrito de Paz de Rocinha. O Rocinhense é um dos clubes mais antigos do Brasil ainda em atividade. Como referências comparativas, a Ponte Preta, de Campinas, surgiu em 1900, o Paulista de Jundiaí, em 1909, o Corinthians, em 1910 e o Palmeiras, em 1914.

Contam que o clube surgiu a partir de uma ideia do professor Romeu Moraes, diretor do grupo escolar local, na época. Outras pessoas também ajudaram a colocar em prática essa ideia e o nome Rocinhense logicamente surgiu do nome do Distrito de Rocinha. No início, a associação

⁴⁹ Conforme depoimento de Francisco Gallo, 85 anos, aposentado, ex-policiaI rodoviário, gravado em abril de 2014.

dedicou-se somente à prática de futebol. O primeiro jogador local que se destacou profissionalmente foi o goleiro Valdir, que jogou pelo Juventus, de São Paulo, em 1940 e havia antes integrado o quadro do Rocinhense. Depois dele, chegaram à seleção brasileira, em 1978, o goleiro Carlos Roberto Gallo e o zagueiro Fernando Polozzi.

Em 1933, a família Monteiro de Barros doou ao clube uma área de terra para ser construído o primeiro campo de futebol do Rocinhense. Antes, nas proximidades da atual Matriz de Sant'anna, havia um campinho menor, chamado de “pastinho de Jacob”. Foi com esse impulso que o futebol passou a ser uma atividade muito difundida, desde a época da Rocinha. Até hoje, é possível encontrar inúmeras escolinhas de futebol na cidade, mas os jogos amadores de domingo são escassos.

José Antônio Fávaro conta que começou a jogar futebol com dez ou doze anos. Porque, segundo ele, até a década de oitenta, ou os vinhedenses jogavam futebol ou assistiam aos jogos, ou seja, não havia muitas opções de lazer. Domingo à tarde, na televisão, só passava o Silvio Santos na TV Paulista, então aos domingos muitas pessoas da cidade iam assistir aos jogos amadores para não ficar em casa assistindo televisão.

Eu comecei a jogar menininho, com dez, doze anos... e hoje eu não sou muito adepto ao futebol mais, mas eu fico pensando que naquela época eu jogava, e joguei pra vários times, mas na época você fazia duas coisas no domingo a tarde: ou você jogava futebol, ou assistia futebol! Não tinha outra opção, outra coisa para se fazer... Hoje tem tanta coisa pra fazer... Hoje nem se faz mais jogo amador na cidade, de domingo à tarde... Antes o grande evento daqui eram os jogos amadores de domingo. Teve uma época que eu joguei meio profissional, em 1972 e 1973, no juvenil da Ponte Preta. Daí eu já entrei pra trabalhar na Carborundum... Porque na época jogar futebol não era profissão ou forma de ascensão social... Mas eu tenho saudade dos campinhos de futebol! Nossa, era gostoso! Tinham dois campos, do Santana e do Rocinhense... Mas quando eu era criança, não jogava pelo clube, então não podia frequentar. Aí eu lembro que jogava na rua, com o pessoal que morava perto... Eu lembro que a gente também fazia jogos: “ah, hoje vai ter jogo contra o grupinho da Rua da Formiga...” Era gostoso... Eram meus amigos, né?! A maioria já faleceu. Tenho saudades de quando eu era jovem... A gente vai ficando velho, vai ficando amargo...

(José Antônio Fávaro, 60 anos, funcionário público, abril de 2014)

Ele conta que parou de jogar futebol porque entrou para trabalhar na Carborundum, uma indústria de abrasivos, que, segundo ele, “era a oportunidade de emprego mais sonhada pelos vinhedenses: todos queriam trabalhar na Carborundum, pois era a única multinacional da cidade”.

A partir do relato, é possível identificar uma prática diferente entre o futebol amador e o futebol profissional, esta última articulada à Modernidade capitalista. Isso porque, no futebol

amador o que é prestigiado é a brincadeira coletiva, o prazer do movimento do corpo, e não o lucro.

Não só em Vinhedo, mas também no restante do país (em momentos distintos), conforme houve o crescimento urbano acentuado das regiões, os campos de várzea foram diminuindo, e as partidas organizadas pelas próprias crianças, no meio da rua ou em algum campinho improvisado, deixaram de ser frequentes. No futebol moderno, basicamente tudo é ensinado: o aprendizado do futebol desloca-se para as escolinhas dos clubes. É nas divisões de base dos clubes profissionais que ocorre o processo de ensino de futebol e, conseqüentemente, a profissionalização do jogador. Sendo assim, o futebol brasileiro se transformou em produto da Modernidade. Seu desenvolvimento segue a dinâmica similar dos outros setores da sociedade, nos quais a modernização implica na intervenção da ciência no treinamento e na preparação dos atletas.

Decorrente da modernização têm-se a produção social do jogador de futebol, que consiste em um processo de disciplinamento, adaptação, socialização, adestramento, desenvolvimento e aperfeiçoamento das potencialidades físicas e técnicas do atleta. Esse processo acontece, sobretudo, com o advento dos centros de treinamento. Trata-se, então, de um processo disciplinador, pedagógico e civilizatório, caracterizado pela regulamentação, controle, institucionalização e racionalização. Assim sendo, o jogador é produzido socialmente, e recebe uma formação profissional em instituições especializadas. (ANTUNES, 1994)

Outra forma de lazer, que foi se transformando ao longo do tempo é o carnaval. Muitos pensam que o carnaval é uma festa pagã, inventada pelos brasileiros. Mas não. Essa festa vem de muito longe: existe desde a Antiguidade, séculos antes de Cristo, com o surgimento da agricultura, quando os homens passaram a comemorar a fertilidade do solo e das boas colheitas. Em 1545, no Concílio de Trento, o carnaval foi reconhecido como uma manifestação popular de rua. No Brasil, essa festividade chega junto com os portugueses, em 1723. O primeiro registro de baile no Brasil é de 1840. Quarenta e cinco anos depois surgem os percussores das atuais escolas de samba, mas a primeira escola só foi fundada em 1928, no bairro do Estácio, no Rio de Janeiro, com o nome “Deixa Falar” (ZECHIN, 2003, p. 56).

Nas ruas de Rocinha, os foliões podiam pular carnaval à vontade! O prazer estava na brincadeira, no movimento do corpo e no prazer das relações sociais. Assim, as fantasias, a aparência, o lucro não era o mote principal da festa, mas sim a diversão. Tanto é que, no começo, os vinhedenses saíam às ruas vestidos com as roupas do dia-a-dia. Somente depois, começaram a

surgir os clubes e as escolas de samba, e a compra de fantasias para desfilarem passou a se instituir como prática.



Figura 25 - Carnaval de Rocinha, 1933.

Fonte: acervo do memorialista José Atônio Zechin.

Perspectiva do carnaval de Rocinha, na Rua Nove de Julho com a Rua 2 de abril. Na foto, os foliões usam roupas habituais e não fantasias. Por um tempo, o carnaval de rua foi extinto em Vinhedo. Há uns cinco anos atrás, os moradores tentaram retomar essa prática, organizando blocos para saírem nas ruas e comemorar a festa.

Com o carnaval vai acontecendo um processo semelhante ao do futebol: a festa vai sendo articulada cada vez mais à Modernidade capitalista.

Na cidade de Vinhedo isso pode ser percebido com os bailes de carnaval que passaram a ser realizados nos clubes e não mais nas ruas e hoje na compra de adereços e fantasias, para o desfile nas ruas. Nestes bailes as pessoas precisavam comprar convites para entrar e algumas eram barradas na fila.

O melhor carnaval da região, segundo os moradores, acontecia no clube Rocinhense (Figura 26). Contudo, até meados de 1970, era proibida a entrada de negros na festa, mexplicitando de forma escancarada a hierarquização social, articulada ao preconceito social

existente. Segundo José Antônio Fávoro, “na portaria, eles [negros] eram barrados, de forma bem explícita. Hoje, se essa situação acontecesse, o clube seria fechado, o presidente preso. Mas naquela época, não!”⁵⁰.

Era uma coisa constrangedora. Eu lembro, tinha umas pessoas negras que eu conhecia que eram barradas na porta. Negro não podia ficar sócio do clube, não podia entrar... Eles ficavam todos parados, olhando na porta. Foi difícil quebrar essa barreira. Inclusive alguns jogavam pelo clube do Rocinhense: jogava no time, mas na hora de entrar na festa, no social, não podia. Isso foi grave! Eles jogavam bem! Mas depois de jogar, tinham que ir embora, já o resto do time ia para parte social do clube. Na época baile era um evento grandioso. O carnaval de salão, que tinha na época, também era famoso... Nossa, eu fui lembrar disso, até me arrepia, era constrangedor! Eu lembro tinha o Tunicão, que jogava bola. Quando nós morávamos no sítio ele morava no sítio de baixo... Depois ele também veio com a família morar na cidade. E eu lembro que o Tunicão não entrava. O irmão dele não entrava também. Só que naquela época o negro não se revoltava, não tinha nenhum movimento: eles aceitavam. Talvez, assim, aparentemente eles aceitavam, mas por dentro acho que existia alguma revolta... Nossa eu falo disso e me sinto mal até... eram pessoas conhecidas, sabe?!

(José Antônio Fávoro, 60 anos, funcionário público, abril de 2014).

⁵⁰ De acordo com depoimento de José Antônio Fávoro, 60 anos, funcionário público, gravado em abril de 2014.



Figura 26 - Foliões, 1936

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

A foto mostra foliões de 1936, com camisetas do clube Rocinhense. Se repararmos na mão de um deles e no bolso de outro é possível ver os famosos lança-perfumes, que foram proibidos posteriormente, em 1961, por recomendação do jornalista Flávio Cavalcanti, seguida de um decreto do então Presidente Jânio Quadros.

Ainda, em Vinhedo, na década de 1970, com a criação da Escola de Samba Unidos do Garganta Seca, Escola de Samba Unidos da Vila João XXIII e Escola de Samba Unidos da Capela, começou-se a realizar o carnaval considerado oficial da cidade: com desfiles de rua e disputas entre as escolas.

Neste momento, o capitalismo vai transformando as relações carnavalescas na cidade de Vinhedo (assim como aconteceu em muitas regiões brasileiras, em tempos passados). No Brasil, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, as Escolas de Samba ganharam notoriedade com o ingresso de grandes foliões vindos da classe média, a partir do início da década de 1960. Durante algumas décadas os desfiles obedeciam às formas definidas pelas próprias escolas, sem grandes pressões no tempo dos seus desfiles. Contudo, essas expressões artísticas sofreram grandes mudanças ao longo do tempo. Todas, do ponto de vista qualitativo, são flagradas na necessidade

de diminuir o tempo de suas exibições, marcado e controlado pela racionalidade técnica. (VON SIMSON, 1991).

Conforme as exigências de mercado se impõem sobre as exigências culturais da criação e da arte, o samba se transforma, o ritmo da bateria se torna frenético, e as organizações dos desfiles ocorrem milimetricamente: cada detalhe é medido, calculado, pensado e administrado como em um espetáculo industrial.

Segundo Sérgio Cabral (1996), na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, no final dos anos 1950, instituiu-se oficialmente a figura do carnavalesco na escola de samba, que se tornou, depois de um tempo, a figura mais importante na organização dos desfiles: toda a concepção do enredo, das fantasias e da estrutura comercial de uma Escola de Samba passa pela aprovação do carnavalesco. Assim, quem ganha a disputa é o carnavalesco. Neste sentido, a velocidade do ritmo dos desfiles explicita a força com que a produção da troca de valor e o comércio se relacionam com as formas de expressão humana, para além das condições materiais.

Nos anos de 1990, essas mudanças são mais evidentes, e é a partir desse momento acaba o prazer da brincadeira e o carnaval adquire uma prática consumista: aos poucos, se transforma em consumo visual, já que as pessoas pagam caro para desfilar ou assistir ao espetáculo grandioso de cores. A festa também passa a se relacionar com a aparência das fantasias e o status que as pessoas que as usam adquirem em detrimento da vivência/experiência do carnaval. (VON SIMSON, 1991).

Desta forma, o carnaval indica um processo histórico de transformação da ação humana na lógica da mercadoria e segrega a população entre aqueles que podem ou não consumir a festa. No caso de Vinhedo, essa segregação acontece, sobretudo, nas classes desprivilegiadas economicamente e em relação aos negros. Por parte das famílias tradicionais, havia uma intolerância racial muito grande, mesmo que na cidade não houvesse muitos negros, pois a imigração foi, em sua grande maioria, europeia.

A intolerância religiosa, já referida em páginas anteriores, também era presente nos comportamentos dos mais velhos.

Naquela época [até década de 1970, 1980] se valorizava mais os bens materiais (no que diz respeito as relações sociais): as famílias mais bem abastadas só se relacionavam entre si. Não tinham amizade com o pessoal dos bairros mais pobres. Eles não gostavam. Eles marginalizavam as pessoas mais pobres. Hoje em dia, essa segregação nas relações sociais, eu acho que é menor. Pelo menos no

meu círculo de amizades. Antes as pessoas em Vinhedo eram muito preconceituosas com negros. As famílias, principalmente de descendência europeia eram muito, muito preconceituosas. Quando alguém se casava com um negro era comentário na cidade inteira. Havia poucos negros aqui. Por exemplo, na minha sala tinha um negro na época. Hoje, as pessoas estão com menos preconceito, mas ainda o preconceito é muito grande. Principalmente nas pessoas mais velhas. Preconceito racial, religioso. Tinha uma pessoa aqui, a dona Maria que ela era espírita. Eu fiz, quando eu me casei, eu fiz a minha tiara com ela: ela fazia rosas em tecido brancas. Eu não pude contar para minha família que foi ela que fez, porque ela era espírita. Minha família não ia gostar, ia ficar brava comigo, não ia deixar eu usar.

(Magali Maria Ferragut, 53 anos, comerciante, abril de 2014).

Quem não era católico era chamado de “crente”. Em geral, os crentes não eram bem vistos pelos moradores: “a gente falava assim: ‘aquela família é de crente, credo!’”. Como se fosse uma coisa do outro mundo... mas a gente não sabia direito sobre a religião deles não...”⁵¹ Na cidade, cerca de 80% da população era católica. As crianças aprendiam cedo: desde pequenas não podiam faltar nas missas, nem na hora de guarda, nas sextas-feiras santas.

Eu não podia faltar na sexta-feira santa na hora de guarda que minha família fazia religiosamente das quatro às cinco da madrugada. E todo ano eu ia, eram as mesmas famílias que estavam lá, das quatro às cinco da madrugada, com os seus filhos. Para mim era estranho, porque eu nunca sabia quanto tempo eu tinha que revezar entre ficar de joelho, ficar em pé e ficar sentada. Na época eu achava que era um ritual essa troca de posição. Muito mais tarde eu fui descobrir que era para não cansar: que se eu quisesse eu poderia ficar só sentada, só em pé ou só de joelhos. Mas eu fazia o que meus pais faziam: eles ficavam um pouco de joelho, um pouco assim... E eu copiava. E às vezes eu cansava muito de ficar de joelho, porque eu era magra e meu joelho era magrinho... doía demais!

(Magali Ferragut, 53 anos, comerciante, março de 2014).

Segundo o funcionário público José Antônio Fávaro, o jejum da sexta-feira santa era muito rígido. Era um luto oficial pela morte de Jesus. Não podia ligar rádio ou a televisão. Até o enrolar do cachimbo dos mais velhos, para fumar sentado na poltrona, tinha que ser lento e silencioso. Era “proibido” fazer barulho. No café-da-manhã, só tomava-se café preto. No almoço, comia-se macarrão de sardinha ou bacalhau. Naquela época, o bacalhau era barato. O peixe branco e seco era pendurado atrás da porta, onde ficava exalando seu cheiro. O dia, normalmente, era triste. Só no sábado de aleluia que as pessoas podiam comemorar! A tradição da páscoa era pintar o ovo da galinha e não ganhar ovos de chocolates⁵².

⁵¹ Idem.

⁵² Idem, Ibidem.

A procissão também marcava o imaginário social. Era um evento na cidade, cuja maioria da população frequentava. As crianças iam, normalmente, obrigadas pelos pais. Isso porque tinham medo do canto da Verônica: uma pessoa da cidade, que ia cantando em latim todo o trajeto e desenrolando o santo sudário, que tinha o rosto de Jesus estampado, mas seu rosto não aparecia (por isso o medo das crianças). Magali Ferragut conta que a procissão era muito interessante: “conforme ia passando pela cidade, todas as casas estavam fechadas ou tinham a janela meio abertas e estavam todas escuras, apenas com uma vela acesa na janela. Uma paisagem meio tétrica. Ou melancólica”⁵³.

Segundo os depoimentos, as festas religiosas, assim como as procissões, também eram muito frequentadas pelos moradores. Além de um evento religioso, era uma forma de se socializar com os amigos. As quermesses na rua tinham comida e prosa boa. Para as crianças e adolescentes, também era a oportunidade de brincar e paquerar. Selma Gallo, 53 anos, conta que uma de suas maiores saudades da época de infância era frequentar a Festa da Uva e as festas da quermesse, pois eram bem parecidas. Era nesses lugares que ela podia encontrar seus amigos: ou seja, essas festas eram sinônimos da vida social.

Eu acho que tem algumas coisas que ficam gravadas. Então, para mim, a quermesse e a festa da uva é o que me dá vontade de voltar no tempo. Minha expectativa que chegasse uma festa era muito grande. Então tinha a festa da uva, meu pai e minha mãe me levava, eu chegava lá, encontrava as crianças, as primas, os primos. Eu gostava porque tínhamos poucas oportunidades para sair e também porque as festas eram legais. Tinha bingo (mas na época chamava outro nome, eu não me lembro) e aí você ganhava prêmio... e tinha aquelas brincadeiras de parque de crianças, mesmo, sabe? Que a gente não tinha um parque de diversões, não tinha nada. Então quando tinha quermesse tinha a barraquinha da pesca, pegava a varinha e tinha que pescar o peixe, umas coisinhas assim... E era a única diversão de festa que a gente tinha. Porque no dia-a-dia a gente brincava com o que tinha. Às vezes tinha uma ou duas bonecas, mas essas atrações só tinham quando tinha alguma festa. Então a gente esperava muito por elas. Ou quando aparecia um circo. Ou de vez em quando, eu acho que uma vez por ano, vinha um parque de diversões. Nem sempre eu ia, mas quando dava para ir, eu achava que era o máximo!

(Selma Gallo, 53 anos, comerciante, depoimento gravado em abril de 2014).

⁵² Idem, *Idem*.

⁵³ Conforme depoimento de Magali Maria Ferragut, 53 anos, comerciante, gravado em abril de 2014.

Dentre as festas religiosas, as mais famosas eram a festa de Santanna (padroeira da cidade), a festa de aniversário da cidade, e a festa de Santa Cruz (Figura 27). Hoje, a festa da Santanna ainda acontece, nos moldes de uma quermesse.



Figura 27 - A Festa de Santa Cruz, 1949
Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Um dos mais tradicionais eventos religiosos da cidade: a Festa de Santa Cruz. Reunião de amigos, simplicidade, da alegria e da fé. Na foto aparece o local aonde eram realizados os leilões.

Ainda, com o crescimento da cidade, as áreas agrícolas foram cada vez mais sendo substituídas por casas de moradia. Os sítios foram sendo abertos para se transformar em ruas e avenidas. Onde antes era mato, plantação, hoje é rua, comércio, casa, hospital. Carros têm muitos. Trânsito também. Agora temos asfalto, iluminação pública e rede de esgoto, mas infelizmente não para todos. Muitos dos que vivem em regiões afastadas do centro não dispõem destes avanços. Temos escolas para as crianças, mas é constante a briga dos moradores com a Secretária de Educação por vagas nas instituições. Também uma faculdade e um centro profissionalizante para os maiores; contudo, quantos são os jovens da cidade que não chegam a uma faculdade nem a um centro profissionalizante? Sabemos que são muitos.

A sociedade ficou menos preconceituosa, ou pelo menos, agora esse preconceito não é tão explícito. Temos também celulares e computadores. As distâncias ficaram mais curtas. No

entanto, a violência ficou maior. As relações cada vez mais superficiais. As pessoas se estranham na rua. Na cidade, o progresso e a Modernidade estão associados, quase sempre, a uma melhora da qualidade de vida, mas tal melhora, de fato, é para poucos, somente para os privilegiados. É preciso considerar que tais melhoramentos não se voltaram para toda a população vinhedense. Grande parte desta continuou à margem desse progresso e, paulatinamente, a cidade foi sendo dotada de infraestrutura e de outros novos equipamentos urbanos. Os locais onde foram implantados primeiramente privilegiaram certa faixa da população, elitizada, o que trouxe, como consequência, uma valorização ainda maior de seus bens e do local onde eles se situavam, em detrimento das demais áreas da cidade.

Fica difícil, para quem passa hoje por Vinhedo, imaginar como era Rocinha. Algumas fotos atuais nos ajudam a entender essa dificuldade (Figura 30).



Figura 28 - Fonte da Santa Claudina, 2004.

Fonte: acervo público municipal.

A foto constrói uma representação moderna da Fonte Santa Claudina, um dos cartões postais do município. Além disso, é possível ver o viaduto que dá acesso à entrada da cidade, reformado para facilitar a circulação de mercadorias, de capital e de pessoas, muitas vezes, transformadas em mercadorias.



Figura 29 - Monumento de entrada da cidade, 2000.

Fonte: acervo público municipal.

Vista aérea do monumento localizado em uma das entradas de Vinhedo, que dá acesso à Rodovia Anhanguera. Ao longo da avenida, há outros monumentos do mesmo estilo.



Figura 30 - Entrada da cidade, 2000

Fonte: acervo público municipal.

A mesma imagem anterior, numa outra perspectiva que permite a visualização mais aproximada do monumento, num ângulo frontal, é aqui registrada nesta foto. Nela, o olhar do fotógrafo consagra uma representação emblemática da cidade. A sua melhor face, rememorações de suas origens.

Vinhedo anuncia suas origens através desses monumentos, os quais representam a Modernidade. Contudo, é necessário lembrar que, para Benjamin (1989), a Modernidade é fundada a partir da antiguidade: ambas se aproximam por produzirem ruínas.

Em Paris, as reformas idealizadas pelo barão Hausmann, entre 1853 e 1870, visando modernizar a cidade, inspiraram intervenções em várias outras cidades do mundo. Ao modernizar Paris, que em pleno século XIX mantinha muito de sua estrutura medieval, compôs uma “nova cidade”, mais racional, organizada e harmônica. Nesse trabalho de reurbanização, Hausmann revelou os bolsões da miséria que o velho centro escondia, demolindo quarteirões inteiros, abrindo novas ruas, cavando e erguendo; criando, então, uma paisagem urbana muito característica e familiar aos habitantes das grandes cidades brasileiras, nas quais ruínas e obras se confundem. Pode-se dizer que Hausmann realizou materialmente a aproximação do antigo e do moderno, no qual as ruínas do passado correspondem às ruínas de hoje, e a morte habita não só as construções antigas, mas também os edifícios que estão sendo erguidos. (BENJAMIN, 1989).

Assim, a Modernidade relaciona-se com a Antiguidade, não porque dependeria dela como de um modelo, mas porque a Antiguidade revela uma propriedade comum a ambas, a sua fragilidade. É porque o antigo nos aparece como ruína que o aproximamos do moderno, igualmente produtor de ruínas.

A partir das imagens visuais apresentadas acima, é possível flagrar, sobretudo na construção dos monumentos da entrada de Vinhedo, que os mesmos reinventam o mito de origem da cidade, rememorando tradições artísticas e elegendo para tal imagens do Império Romano que restaram de um passado longínquo, como ruínas, mas, ao mesmo tempo, imagens revestidas de uma aura moderna, “nova”. Uma vez que Vinhedo foi fundada praticamente por italianos, a ancestralidade romana representa a melhor face das suas origens para ser exposta. Neste sentido, o mito de origem, ou seja, a representação do lugar de onde viemos fez-se importantíssima, também, para os administradores da cidade de Vinhedo, na construção da imagem da urbe monumental, poderosa, desenvolvida, moderna, em sua eterna busca do visual “novo”, produtor de ruínas...

CAPÍTULO 3 – ESCOLA E VIVER URBANO

3.1 Permanências e rupturas na escola primária

Sobre o processo de escolarização em Vinhedo, é necessário ressaltar que, embora a primeira escola do município tenha sido inaugurada em 1920, intitulada Grupo Escolar de Rocinha, na época em que Vinhedo ainda era distrito da cidade de Jundiá, há indícios de que antes de 1920, Rocinha possuía as “Escolas Reunidas de Rocinha”⁵⁴. Contudo, o sistema municipal de ensino começa a se instalar na cidade só em 1952 (após a emancipação política e administrativa ocorrida em 1949), com a criação do Grupo Escolar “Professor Cláudio Gomes”, o qual compreendia o que chamamos hoje de Ensino Fundamental I e II. O ginásio foi criado somente seis anos depois, em 1958, mediante a inauguração do Ginásio Estadual “Patriarca da Independência”. Ainda, somente no ano de 2002, Vinhedo passou a contar com a Escola Profissionalizante CEPROVI e com a Faculdade de Vinhedo.

De acordo com Guy Vincent, Bernard Lahire e Daniel Thin (1994), a instituição escolar surgiu na Europa durante os séculos XVI e XVII, e possuía uma concepção bem diferente da que se tem hoje sobre o que é a escola. Para explicitar essa afirmação, a busca pela etimologia da palavra “escola” torna-se necessária: a palavra deriva do grego *skholê* e significa “lazer”, “entretenimento” - palavra muito próxima de *otium*, que traduzida do latim para o português significa “ócio”. Desta maneira compreende-se que a clientela escolar, inicialmente, era constituída por homens que não precisavam trabalhar para sobreviver; e tinham a possibilidade de dedicar seu tempo ao cultivo das artes, da leitura e do pensamento.

Conforme a instituição escolar foi constituindo-se, modificações ocorreram no que diz respeito à ampliação da clientela. Durante os séculos XVI e XVII, marcados pelo movimento de Reforma e de Contra Reforma, o protestante Comenius esboçou uma educação que compreendesse ensinar tudo a todos, como denuncia o próprio título de sua obra “*Didática Magna*”, propondo uma escolarização sem diferenças entre os gêneros e entre as classes sociais. Numa perspectiva religiosa, os Irmãos das Escolas Cristãs (do católico Jean- Baptiste de La Salle – 1651/1719), criaram uma escola gratuita para todos, cujo ensino necessitava de uma frequência assídua e contínua. Assim, a partir das Escolas Cristãs, inaugurou-se uma instituição nova e,

⁵⁴ Conforme depoimento gravado com Francisco Gallo (85 anos, aposentado, ex-policia rodoviário, gravado em abril de 2014) e Odila Frediani (79 anos; professora aposentada, gravado em junho de 2013 e março de 2014)

portanto, a consolidação de uma escola inédita, com uma forma própria, a forma escolar, definida por algumas características, segundo Vincet, Lahire e Thin:

a) a escola produz e organiza métodos peculiares, como regras próprias, em um contexto que não se confunde com a família, com a profissão ou com a religião; além disso, este ambiente específico é compreendido pelo imaginário social como o *locus* de desenvolvimento dos saberes, da razão. De acordo com Vincent, Lahire e Thin, “a escola como espaço específico, separado das outras práticas sociais (em particular, as práticas de exercício do ofício), está vinculada à existência de saberes objetivados.” (2001, p. 28).

b) a forma escolar tem como objetivo final a pedagogização social, já que as relações sociais são compreendidas através das normas. Na escola, onde há uma grande normatização da conduta, a espontaneidade do sujeito é limitada e ocorre o desenvolvimento de uma relação hierárquica, na qual o professor governa os alunos, e o diretor governa os professores. Logo, outro ponto característico da forma escolar é a responsabilidade que a escola passa a adquirir no desenvolvimento das relações de exercício de poder. Isto se dá porque a existência de regras ultrapassa as questões pessoais e declara com clareza a constituição de relações hierárquicas, ou seja, existem regras tanto para alunos quanto para professores.

A escola como instituição na qual, se fazem presentes formas de relações sociais buscadas em um enorme trabalho de objetivação e de codificação - é o lugar da aprendizagem de formas de exercício do poder. Na escola, não se obedece mais a uma pessoa, mas a regras supra pessoais que se impõem tanto aos alunos quanto aos mestres". (...) "A codificação da organização das próprias práticas e saberes escolares (por exemplo, codificação gramatical) é correlativa de processos extraescolares - principalmente estatais -, de codificação e, deste modo, está indissociavelmente ligada a um modo particular de organização e de exercício do poder.

(VINCENT; LAHIRE & THIN, 2001, p. 30-31).

c) separa o fazer e o ensinar, pois, até então, o aprendizado de saberes, valores e comportamentos ocorria através da observação da prática e pelo treino do próprio fazer - por exemplo, o artesanato era ensinado e aprendido dentro de uma oficina. Contudo, nesta “nova” escola ensinam-se, a todos, saberes, valores e visões de mundo, independentemente da especialização que cada aluno almeja ou à qual se destina;

d) a pedagogização das relações sociais de ensino-aprendizagem - as quais têm relação com o desenvolvimento dos saberes escriturais formalizados e objetivados -, constitui a escola como *locus* de transmissão de saberes fixos. É importante explicitar que este processo de codificação

dos saberes e das práticas próprias a este novo ambiente teve, como uma de suas consequências, a sistematização do ensino e uma nova forma de socializar o saber, oposta ao aprendizado oral. Desta maneira, ao mesmo tempo em que o saber e o fazer se separam, os conhecimentos passam a ser sistematizados e codificados em um sistema de registro, que é a escrita. Consequentemente, a pedagogia do desenho, da música, da dança, da prática esportiva, passa a ser feita através de escritas próprias. Estas, normalmente implicam em gramáticas e teorias das práticas e, por isso, a escola é antes de tudo uma instituição do ler e do escrever.

De acordo com Vincent, Lahire e Thin:

Enfim, para ter acesso a qualquer tipo de saber escolar, é necessário dominar a "língua escrita" (...). A forma escolar de relações sociais é a forma social constitutiva do que se pode chamar uma relação escritural-escolar com a linguagem e com o mundo." (VINCENT; LAHIRE & THIN, 2001, p. 34-35).

O objetivo da escola é aprender a falar e a escrever segundo regras gramaticais, ortográficas, estilísticas etc. [...]: a escola é o lugar de aprendizagem da língua. [...] A forma escolar de relações sociais é a forma social constitutiva do que se pode denominar uma relação escritural-escolar com a língua e com o mundo.

(VINCENT, LAHIRE & THIN, 1994: 36).

Num lugar assim instituído, a escola, no século XX, aparece como um dos símbolos da Modernidade, pois se configura como o único lugar de acesso ao conhecimento. Como Vinhedo, no início desse século, ainda não possuía um sistema de ensino conciso e articulado, torna-se interessante compreender o momento em que esse sistema começa a se desenvolver na cidade e quais culturas escolares começam a serem produzidas.

Embora o formato escolar ultrapasse tempos e espaços, a escola primária paulista passou por diversas transformações. Neste sentido, é importante discutir o contexto das reformas educacionais brasileiras que ocorreram entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Conhecido como a "era da sciencia", o final do século XIX representou o momento em que triunfou um ideal de Modernidade. Neste momento houve a vitória da "sciencia" sobre o obscurantismo (atraso), e o progresso e a civilização, com seus símbolos representados pela locomotiva, pilha, telégrafo, luz elétrica e o navio a vapor passaram a liderar no contexto da época.

Tais ideais ganharam espaço porque a ciência afirmava-se à medida que impunha uma forma de redimir incertezas e de que os novos avanços técnicos trariam um domínio absoluto sobre a natureza e os homens (COSTA; SCHWARCZ, 2000).

No final do século XIX, o impacto e a proliferação das novas máquinas anunciavam um novo modo de vida, mecanizado e acelerado (SEVCENKO, 1998, p.11). O novo modo de vida acelerado e mecânico foi constatado na grande Exposição parisiense (1889) que transformando-se num símbolo de fé e entusiasmo, num século representado pela ciência e pela técnica. Ainda, é importante explicitar que com as consequências da Revolução Científico-Tecnológica ⁵⁵ houve a expansão europeia sobre as cidades tradicionais agrícolas. Dessa forma:

Não bastava, entretanto, às potências incorporar essas novas áreas às suas possessões territoriais; era necessário transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a instilar-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo conformes ao novo padrão da economia de base científico-tecnológica.
(SEVCENKO, 1998, p. 12-13).

Através dos soldados britânicos a crença inabalável da superioridade civilizatória da Europa incorporou e modificou povos por todo o mundo. Nessa missão civilizatória, os valores e o modo de vida europeia foram disseminados como exemplos de progresso. Desta maneira, o país que tivesse a intenção de atingir o modelo europeu de Modernidade, necessitava instruir seu povo para alcançar a civilização. Segundo Sevcenko (1998), as novas elites da República brasileira tinham o desejo de “[...] promover uma industrialização imediata e a modernização do país ‘a todo custo’” (SEVCENKO, 1998, p. 15).

No final do século XIX, a cidade de São Paulo apresentava-se ao mundo como a “locomotiva do Brasil”, representando a notória industrialização do país e transmitindo uma imagem de metrópole industrializada e, portanto, símbolo de progresso e de riqueza que deveria

⁵⁵ Conforme Costa e Schwarcz (2000, p. 20), a Revolução Científico-Tecnológica, também conhecida como Segunda Revolução Industrial, ocorrida, sobretudo na década de 1870 do século XIX, “[...] levou à aplicação das recentes descobertas científicas aos processos produtivos, possibilitando o desenvolvimento de novas fontes de potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados do petróleo, que geraram mudanças de impactos nos mais diferentes setores: indústria, microbiologia, farmacologia, medicina, higiene e profilaxia. [...] Era o ‘mundo moderno’ que surgia, esse que hoje nos parece tão familiar. Mas talvez só hoje. Essa escola da produção levou, por sua vez, a uma disputa por matérias-primas disponíveis, à ampliação do mercado e ao fenômeno conhecido como neocolonialismo ou imperialismo [...]”.

servir como modelo a todas as outras cidades do interior do Estado e do país. (FRANCESCHI; SILVA; GUIMARÃES, 2012) ⁵⁶.

No sudeste brasileiro, as novas elites que surgiram em decorrência da expansão da cultura cafeeira inspiravam-se nas correntes científicas do darwinismo social (proposto pelo inglês Spencer), no positivismo francês (Comte) e no monismo alemão. De acordo com Bueno (2007), a industrialização e a cafeeira no Brasil tiveram como consequência tanto a riqueza quanto a miséria, e forjaram a definição de políticas públicas referentes à saúde e à educação. O objetivo era atingir o progresso e a ordem da nação, valorizando o trabalho como uma virtude humana.

Com o fim da escravidão, as lideranças políticas e intelectuais propuseram a necessidade de esquivar-se dos “problemas” que surgiram após a libertação dos escravos. Carvalho (2003, p. 31) aponta que “[...] as medidas para sustar a ‘onda negra’ bem como para promover a imigração eram veementemente defendidas nos debates parlamentares por insistente caracterização do negro como raça inferior, incapaz para o trabalho, propensa ao vício, ao crime e inimiga da Civilização e do Progresso”.

No fim do Império e começo da era republicana, grande parcela das elites não confiava na capacidade do trabalhador livre brasileiros, estimulando, assim, imigrantes a vir trabalhar no país. Sob a ótica eugênica, a imigração era imprescindível para que houvesse o branqueamento dos brasileiros. Por meio da ciência, o discurso de alguns republicanos era afirmado e colocava o negro na condição de inferior.

Por conseguinte, o discurso de alguns republicanos foi aprimorando os preceitos raciais por meio da ciência. Ainda, preconizou-se o melhoramento da raça através de algumas medidas, tais como o branqueamento (que seguiria regras de cruzamento étnico e exame pré-nupcial para detectar heranças hereditárias) e a esterilização de portadores de características genéticas hereditárias indesejáveis, sob os preceitos eugênicos. A imagem de uma raça nacional forte e trabalhadora que representava a base para o progresso do país era divulgada através dos desfiles cívicos e atividades desportivas. (VEIGA, 2007).

Contudo, neste período havia um paradoxo no imaginário das novas elites, pois, se de um lado os imigrantes regenerariam a “raça brasileira”, por outro lado, após as primeiras rebeliões operárias, passaram a ser vistos como criminosos, vagabundos, desordeiros e subversivos.

⁵⁶ FRANCESCHI, Marcello; SILVA, Karla Cristiny Moraes; GUIMARÃES, Maria de Fátima. **O Grupo Escolar José Guilherme**: da arquitetura à histórias e memórias urbanas. Bragança Paulista, 2012 (no prelo).

(BUENO, 2007). Ainda em relação aos imigrantes, a população da época não conseguiu esquivar-se do fascínio e do estranhamento causados pelo demasiado crescimento populacional e pela industrialização progressiva das cidades grandes. Pode-se dizer que essa população foi impactada pela incansável busca do “novo” (BENJAMIN, 1989), pela sensação de aceleração do tempo e encurtamento das distâncias (THOMPSON, 1998), pela intensificação do ritmo de vida e da cadência do trabalho (SEVCENKO, 1998) e pela presença máxima de imigrantes e de ex-escravos perambulando pelas ruas.

A escola pública, nesse contexto, emerge como instituição que deveria amparar as classes populares (constituídas, sobretudo, por ex-escravos e imigrantes), com o intuito de garantir a essas classes o “manejo cívico do alfabeto”. Conforme Carvalho (2003, p.227) era necessário alfabetizar o povo, pois:

Nessa nova lógica em que a alfabetização aparece como “a questão nacional por excelência”, o imigrante de quem os republicanos históricos haviam esperado o aprimoramento da raça brasileira passa a ser visto como ameaça ao caráter nacional. Erradicar o analfabetismo era a única solução para o dilema: ou o Brasil manteria o “centro de seus destinos, desenvolvendo a cultura de seus filhos” ou seria “dentro de algumas gerações absorvido pelo estrangeiro que para ele aflui”.

(CARVALHO, 2003, p.227)

Ao expandir a escola, a intenção era nacionalizar essa instituição, atingindo, principalmente, as populações operárias que se demonstravam rebeldes à nova ordem. Os republicanos, após a derrubada da monarquia, desejavam tornar o Brasil um país moderno, “civilizado”, no entanto se depararam com um país de analfabetos e a instrução pública ganhou destaque.

Segundo Carvalho (2003, p. 227), “[...] na nova lógica, o analfabetismo é alçado ao estatuto de marca da inaptidão do país para o progresso. Erradicá-lo é a nova prioridade na hierarquia das providências de reforma educacional [...]”. Dessa forma, logo após a proclamação da república houve o investimento na organização de um sistema de ensino modelar, contribuindo para que a escola paulista fosse “[...] estrategicamente erigida como signo do progresso que a República instaurava [...] como dispositivo de luta e de legitimação na consolidação da hegemonia desse estado na Federação” (BENCOSTTA, 2005, p. 225).

Embora a educação primária contemplasse, desde a Constituição Imperial de 1824, o princípio da gratuidade, na primeira Constituição da República, em 1891, esse princípio não foi

contemplado. Cury, Horta e Fávero (2011) buscaram traçar possíveis causas para essa ausência notável:

Uma pista interessante para se entender o mutismo da Constituição Republicana de 1891 a respeito da gratuidade da instrução primária, quando a Constituição Imperial a garantia, pode ser vista nos comentários de Sucupira ao texto de Chizzotti, sobretudo no que se refere à polêmica questão da *centralização x descentralização* (grifo do autor). De fato, se o instituto da gratuidade vigia para todo o Império sob a modalidade centralizadora que o caracterizava, uma lei imperial de 15/10/1827 regulava a criação de escolas de “primeiras letras” em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do país. Essa lei acabou sob a responsabilidade das províncias.

(CURY; HORTA; FÁVERO, 2011, p. 7).

A partir da Constituição Federal Republicana de 1891, os Estados e municípios passam a ser responsáveis pela organização, implementação e manutenção do ensino primário, ou seja: tais responsabilidades não deveriam ser cobradas do governo central. Ainda no século XIX, o Estado do Rio de Janeiro (que, na época era o Distrito Federal) e o Estado de São Paulo foram os primeiros a implementarem reformas que resultaram em um sistema de ensino primário, público e gratuito. A partir daí, esses estados serviram de modelos para outros (BENCOSTTA, 2005).

Em 1890, através do Decreto de 12 de março, Caetano de Campos efetuou a Reforma Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo (reforma que levou seu nome). Baseada nos princípios da escola publica universal, gratuita, obrigatória e laica, tal reforma colocou a formação docente como fator fundamental. Por isso a Escola-Modelo Superior surgiu como um setor de prática de ensino, isto é, local onde normalistas podiam praticar o que aprendiam na teoria.

A partir da Reforma de Caetano Campos foi institucionalizado, pela primeira vez no país, o método intuitivo. Por conseguinte, a constituição da primeira Escola Normal de São Paulo se deu a partir dos “métodos modernos” baseados na Escola Americana (ALMEIDA, 1995).

Foi também a partir dessa reforma que a institucionalização do modelo escolar paulista ganhou notoriedade (Carvalho, 2003). O modelo acordava que a Escola Normal (criada com tal reforma) fosse incorporada à Escola Modelo, sendo nesta última o lugar onde “[...] os futuros mestres podiam ‘ver como as crianças eram manejadas e instruídas’” (CARVALHO, 2003, p. 225). Essa forma de aprender, centrada na visibilidade e na imitabilidade das práticas pedagógicas, almejava a difusão dos métodos de ensino e das práticas de organização da vida

escolar sobre os mesmos padrões. Assim, é possível notar uma preocupação em formar professores que fossem capazes de reproduzir a pedagogia reconhecida, na época, como moderna.

Neste sentido, o sucesso da Reforma de Caetano Campos implicava na existência de mestres (formados no exterior), para os alunos-mestres da Escola Modelo, além de moderno e farto material escolar também importado, bem como prédio apropriado e a “criação de bons moldes” de ensino (CARVALHO, 2003).

Pode-se notar que, no discurso educacional desse período, assume-se a dignificação do papel do professor diante ao novo contexto nacional. Ainda, a representação do professor estava atrelada a um forte espírito de missão, de face republicana e positivista.

Este modelo, denominado de Grupo Escolar, foi implementado pela primeira vez em 1893. De acordo com Bencostta:

Este tipo de instituição previa uma organização administrativo-pedagógica que estabelecia modificações profundas e precisas na didática, no currículo e na distribuição espacial de seus edifícios. Foi notório, em particular no caso paulista, a importância na experiência da Escola-modelo que funcionava na Escola Normal. Tal experiência orientou não somente as determinações que levaram à criação dos grupos escolares daquele Estado, mas também, em pouco tempo foram adotados por todo o país.
(BENCOSTTA, 2005, p. 69)

No que diz respeito às instituições escolares, a criação dos grupos escolares caracterizou a modernização educacional paulista. “A superioridade organizacional e material dos grupos escolares fez com que fossem considerados estabelecimentos escolares arquetípicos do que melhor havia no ensino público primário” (Souza, 2004, p. 116). Dessa forma, os grupos escolares foram responsáveis por um novo modelo de organização escolar no início da República, reunindo características da escola graduada e refletindo o modelo utilizado no final do século XIX em diversos países da Europa e nos Estados Unidos.

O ensino seriado (das classes homogêneas e reunidas no mesmo edifício), os métodos pedagógicos modernos (visto e praticados na Escola Modelo anexa a Escola Normal) e a monumentalidade dos prédios (em que a Instrução Pública fez-se signo do progresso) foram responsáveis pelo sucesso dos ideais republicanos. Assim, “[...] o Grupo Escolar é a instituição que condensa a Modernidade pedagógica pretendida e o ‘método intuitivo’ a peça central da institucionalização do sistema de educação pública modelar” (CARVALHO, 2003, p. 226).

É importante destacar que, o método intuitivo substituiu o método lancasteriano⁵⁷ uma vez que o primeiro enaltecia os anseios da República. Pode-se dizer que o método intuitivo foi base para a moderna pedagogia que se tornava realidade no novo cenário sócio-cultural da Modernidade, no alvorecer da República.

Bencostta (2005) acredita que a construção de prédios destinados aos grupos escolares foi uma das preocupações das administrações dos Estados brasileiros. Estas julgavam o urbano como espaço privilegiado para sua construção, sobretudo, nas capitais e cidades economicamente mais prósperas.

De acordo com Saviani (2004), os grupos escolares representaram um fenômeno tipicamente urbano, uma vez que no meio rural ainda predominaram as escolas isoladas por muito tempo. Como já destacado acima, foi no primeiro período republicano que percebemos uma tentativa de universalização da instrução pública, e essa levou à criação dos grupos escolares, que atendiam, inicialmente, aos grandes centros urbanos. Para os centros menores e os bairros populosos, criaram-se as escolas reunidas. Nos bairros periféricos, nas vilas e áreas rurais, foram adotadas as escolas isoladas, cuja função era dar uma formação básica – leitura, escrita e as operações elementares da aritmética – à população pobre, residente nesses locais.

Por ainda não possuir uma trama urbana consolidada, a primeira iniciativa em prol da educação na cidade de Vinhedo foi a chamada “Escolas Reunidas de Rocinha”, datada antes da década de 1920 e que ainda não se configurava como grupo escolar.

De acordo com Souza (1998), as escolas reunidas representavam a prática de uma reunião de escolas, caracterizando outro tipo de escola primária:

A prática de reunião de escolas em um mesmo edifício continuou a ser adotada, criando um outro tipo de escola primária denominada escolas reunidas. Embora reunidas, as escolas funcionavam independentes entre si, como isoladas. Mantendo diferenças salariais e uma organização mais simplificada que os grupos escolares, tais escolas foram um expediente econômico utilizado pelo governo, uma forma de protelar a criação do grupo escolar na sua localidade.
(SOUZA, 1998, p.50)

⁵⁷ O método lancasteriano praticado nas escolas isoladas estabelecia que o principal encargo do professor não estava na tarefa de ensinar ou corrigir os erros, e sim na de coordenar que os próprios alunos se corrigissem. Lancaster era defensor de uma proposta disciplinar de instrução, que pregava a disciplinarização da mente, do corpo (não a independência intelectual) e o desenvolvimento de crenças morais próprias da sociedade disciplinar (NEVES, 2010). Esse era o método utilizado pela maioria das escolas isoladas e, portanto, necessário de ser superado, segundo a pretensão dos republicanos.

À priori, é positiva a iniciativa de criar este outro tipo de escola primária, contudo, as escolas reunidas existentes no estado de São Paulo serviram como uma espécie de “tapa buraco” na instrução pública estadual. Isso porque, o governo paulista estabeleceu normas para a criação dos grupos escolares e pré-requisitos mínimos para que se pudesse mudar de categoria (de Escola Reunida para Grupo Escolar), e, por conseguinte, receber maiores investimentos. Um grupo escolar poderia comportar de quatro a dez escolas isoladas e seria regido pela quantidade de professoras referentes a agrupamentos de quarenta alunos, contando com adjuntos necessários a critério da diretoria. (SOUZA, 1998).

Foi no início da década de 1920, que as Escolas Reunidas de Rocinha ganharam estatuto de “Grupo Escolar de Rocinha” (Figura 31).



Figura 31 - Primeira turma de alunos do Grupo Escolar de Rocinha, 1920

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin

Imagem do professor e alunos (todos do sexo masculino, e, em sua grande maioria, brancos) em suas posturas disciplinadas e padronizadas de Grupo Escolar de Rocinha considerada como a primeira escola do local, embora antes dessa data o distrito possuisse as “Escolas Reunidas de Rocinha”. À esquerda, de bigode, está o professor e diretor da escola, Romeu de Moraes. O último, em pé, a direita é o professor Altino José de Oliveira. Considerando sempre da esquerda para a direita: em primeiro plano, sentados: Eduardo de Oliveira, Heitor Gonçalves, José Meira, Francisco Melle, Antonio Hotielzo, Arsênio Pisoni, Francisco Andreta e Eugênio Bizarro. Em segundo plano, sentados: Francisco Ferreira Filho, Francisco de Oliveira, Antenor Matheus, Tancredo Palaro, João da Silva

Bocaiuva, Mário Bampa, Ângelo Roder e Luiz Mayer. Em terceiro plano, em pé: Raul Corazzari, Armando Vendramini, José Vianna, Henrique Pisoni, (não identificado), João Briski, Antonio Elias, Alcindo de Moraes e Abrahão Aun. No último plano: Camocy Magalhães, Antonio Bizarro, Pedro Felipe, Nilo Braghetto, João Lourenço e Humberto Pescarini.

Após a República, a escola paulista passou a ser eleita como modelo de progresso e organizada sob dois aspectos: a partir da lógica que presidiu sua institucionalização e da força de exemplo que adquiriu nas iniciativas para remodelar as escolas de outros estados⁵⁸.

No ano de 1920, em São Paulo, quatro em cada dez crianças em idade escolar estavam destinadas a ficar fora da escola. Em 1925, diante do alto índice de analfabetismo em São Paulo⁵⁹, implantou-se a Reforma Sampaio Dória que objetivava reconduzir a educação para novos métodos de ensino, procurando garantir o acesso à escola aos menos favorecidos economicamente.

A novidade trazida pela Reforma Sampaio Dória foi o ensino primário com 2 anos de duração. O intuito era promover que o ensino, num curto período, fosse estendido a todas as crianças⁶⁰, condensando uma fórmula básica para a escola primária obrigatória que acelerasse o processo de instrução da população. Nesta fórmula, o ensino primário deveria ser: “1º instrumento de aquisição científica, como aprender a ler e escrever; 2º educação inicial dos sentidos [...]; 3º educação inicial da inteligência no estudo da linguagem, da análise [...]; 4º educação moral e cívica, no escotismo [...]; 5º educação física inicial, pela ginástica [...]” (CARVALHO, 2003, p. 228). É necessário ressaltar que esta reforma possuía características progressistas, incorporando os objetivos das Ligas Nacionalistas (as quais, desde 1910, movimentavam forças contra as oligarquias).

Ainda em 1925, é introduzida a disciplina de Instrução Moral e Cívica ao currículo escolar, por meio da Reforma Rocha Vaz, cujo objetivo era combater o protesto estudantil contra o governo de Artur Bernardes. De acordo com Souza (2000), a orientação cívico-patriótica e

⁵⁸ Para tal, foi feita a reforma conhecida como Reforma Caetano de Campos: o aprender passou a ser centrado na visibilidade e na imitabilidade das práticas pedagógicas. Vale ressaltar que os procedimentos de vigilância produziram a uniformização das práticas escolares que gerou a institucionalização do sistema de ensino. Contudo, em 1920, este modelo entrou em crise, em decorrência das transformações dos paradigmas do conhecimento, determinadas pelas motivações políticas, sociais e econômicas. Tais motivações confluíram para o chamado “entusiasmo pela educação”. Nesta nova lógica, o analfabetismo foi culpabilizado pela inaptidão do Brasil para o progresso. Assim sendo, erradicá-lo passou a ser a nova prioridade da reforma educacional.

⁵⁹ O percentual de analfabetos no Brasil correspondia à 75% de toda a população, em 1920.

⁶⁰ Todavia, essa redução do ensino primário provocou duras críticas e protestos, levando à sua revogação.

nacionalista esteve no centro urbano da cultura escolar prescrita para os grupos escolares até a década de 1970.

Com a Revolução de 1930 e a instalação do Governo Provisório foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública (MES), que tinha por titular Francisco Campos (1930-1932). Campos, ao deslocar a política educacional de âmbito local e estadual para o âmbito federal, novamente realizou uma centralização do poder na esfera da educação formal.

Em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi lançado para defender o ensino público, gratuito, laico e obrigatório. Fernando de Azevedo, redator do Manifesto, e seus signatários, considerando as novas exigências nacionais, explicitavam a urgente necessidade de mudanças paradigmáticas para a educação. Essa reorganização possuía, de acordo com Azevedo, um nítido

[...] caráter científico, assentado em corpo de doutrina, numa série fecunda de pesquisas e experiências, e nos princípios da educação nova. Portanto, cinco anos após o lançamento do Manifesto, o Ministro Gustavo Capanema criava, em 1937, diante do intenso debate dos Renovadores sobre o Programa de Reconstrução Educacional, proposto no Manifesto, o Instituto Nacional de Pedagogia, instalado no ano seguinte com a denominação de Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, passando, por fim, a partir de 1964, a chamar-se Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).

(AZEVEDO, 1984 *apud* ARAÚJO, 2001, p. 13)

Entre 1930 e 1932, Lourenço Filho ocupou a diretoria do Ensino em São Paulo, nessa função foi responsável por transformar a Escola Normal em Instituto Pedagógico e incluir o Curso Normal de Aperfeiçoamento. Veiga (2003, p. 259) aponta que

[...] a partir da década de 1930, generalizou-se no Brasil o modelo dos grupos escolares para o ensino primário e dos institutos de educação para a formação de professores. Nesse caso, embora houvesse variações regionais nos currículos, o ensino era centrado em psicologia, biologia e técnicas de ensino. Alguns estados passaram a exigir, para ingresso nos estudos de formação docente, a conclusão do ensino secundário.

(VEIGA, 2003, p.259)

Em 1933 o Diretor Geral de Instrução, instituiu o Código de Educação do Estado de São Paulo que designou uma nova orientação à educação rural e reformou o aparelhamento escolar.

Amparando as novas concepções educacionais, a Constituição de 1934 inaugurou a educação como direito, tornando a gratuidade e a obrigatoriedade da escola primária princípios

da educação nacional. (CURY; HORTA; FÁVERO, 2011). A Constituição também declarou que a educação deveria ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos. Assim, começam a funcionar os Conselhos Estaduais de Educação e passou a ser de responsabilidade do Estado gerir a educação primária e secundária. Passado três anos, a nova Constituição de 1937, retirou do texto legal a educação como um direito de todos.

Logo, as reformas citadas modificaram o cenário educacional no século XIX e início do século XX e, dessa maneira, ocorreu o processo de legitimação e consolidação da “forma escolar moderna” no Brasil.

A Constituição de 1946 já havia anunciado a necessidade de novas leis educacionais, que fossem ao encontro do novo momento econômico e político que o país começava a viver. Assim, entre 1950 e 1960, o Brasil apresentou as maiores taxas de expansão da alfabetização. (OIE/MEC, 2002)

Somente em 1952, é criado em Vinhedo o primeiro grupo escolar, intitulado “Professor Cláudio Gomes”. Nesse momento, a economia de substituição de importações, iniciada em 1930 no Brasil, acelera-se e diversifica-se, sobretudo a partir da década de 1950.

Pode-se dizer que um dos aspectos que mais marcou o sistema educacional a partir de 1950 foi a expansão geral do ensino ⁶¹. Especificamente sobre a escola primária, observa-se que, em meados do século XX, quem frequentava este nível eram crianças com mais de doze anos, o que se deve a dois fatores: atraso na procura de escolas por parte da população e alto índice de reprovação, que retinha na escola boa parte da população além da idade própria. (OIE/MEC, 2002).

Foi na década de 1960, mais especificamente em 1968, que houve a simplificação do ensino primário no estado de São Paulo, anunciando um novo conceito de escola primária, que vinha tomando consistência no país desde os anos 1950. Isso aconteceu porque, em 1949, a reformulação do ensino desconsiderou as condições do ensino público paulista e estabeleceu um programa mais amplo, que abarcava extensos conhecimentos de língua portuguesa, aritmética e geometria, geografia, história do Brasil, ciências naturais e higiene, educação moral, social e cívica, desenho, trabalhos manuais e economia doméstica, canto, educação sanitária e educação

⁶¹ No Brasil, as matrículas de ensino primário e de ensino médio, entre 1920 e 1970, ultrapassaram os índices de crescimento populacional. Em outros termos, boa parcela da população que estava à margem do sistema foi incorporada. (Cf. OIE/MEC, 2002)

física. Na direção dessa mudança de orientação, o ensino primário estendeu-se para oito anos de duração, com a criação dos Grupos Escolares-Ginásios⁶².

Em 1971, com a criação do ensino de 1º grau, com a integração do primário e ginásio, houve a extensão da escolaridade obrigatória no país. A implantação do primeiro grau, destinado à formação de crianças e pré-adolescentes, impôs uma nova nomenclatura, com a eliminação das denominações usuais na época, como escolas isoladas, escolas reunidas, grupo escolar e ginásio. Assim, ao longo da década de 1970, os grupos escolares foram se transformando em escolas estaduais de 1º grau e a escola primária e suas finalidades foram redefinidos na educação brasileira.

⁶² Previsto na Constituição de 1967. Cf. MONTEIRO, 1996.

3.2 Interrelações entre o escolar e o urbano, a partir da década de 1970

Uma pequena reflexão metodológica...

Para compreensão das relações constituídas entre a escola e a educação das sensibilidades, sem perder de vista como o avanço da Modernidade capitalista e os processos de urbanização e industrialização relacionaram-se com as práticas escolares, foram utilizados como fontes jornais, fotografias e, sobretudo, as entrevistas realizadas com professoras que atuaram nas escolas de Vinhedo, nas primeiras séries escolares, ao longo no período focalizado, e, também, entrevistas com antigos moradores que frequentaram instituições públicas da cidade.

A princípio não havia delimitado o número de entrevistados (as), somente definido que usaria a história oral como metodologia. No entanto, não foi possível gravar entrevistas com todas as professoras (das quatro entrevistadas, duas não quiseram gravar entrevistas e se propuseram a participar da pesquisa, respondendo a um questionário – anexo I) ⁶³. Sendo assim, optei por gravar entrevistas também com antigos moradores da cidade, que vivenciaram o processo de crescimento da mesma durante o período de 1970 a 1980. Desta forma, a presente pesquisa, relativa, sobretudo ao universo escolar, proporcionou-me

⁶³ Com o desenvolver do trabalho, fui buscando, em Vinhedo, professoras que se encaixassem no perfil requerido para a investigação: professoras que atuaram na cidade nas décadas de 1970 a 1990, nas séries iniciais. Foi mediante a conversa com moradores de Vinhedo que consegui localizar os nomes de oito professoras, que se encaixavam no perfil. Fiz o convite individual para cada uma, mas somente quatro delas aceitaram participar da pesquisa: a) Maria Aparecida Aun Penteado, 83 anos; vinhedense, atuou de 1951 a 1980 na Escola Estadual “Professor Cláudio Gomes”; b) Angélica Hermínia Pisoni Ré, 75 anos; vinhedense, começou a dar aula nas séries iniciais a partir de 1985 até aposentar-se. Atuou como professora em escolas da zona urbana e da zonal rural, sendo elas a Escola Estadual “Professor Cláudio Gomes”, a Escola Estadual “Abraão Aun”, e as escolas municipais localizadas no bairro Santo Antônio, no bairro da Capela, na Fazenda Santa Cândida e na Fazenda São Joaquim; c) Maria Edelinda de Paula Pisoni, 70 anos, vinhedense, professora das séries iniciais tanto em escolas estaduais como em escolas particulares, no período de 1962 a 1988 e de 1998 a 2004 e d) Odila Frediani Annes, 79 anos, vinhedense, começou sua carreira docente em 1953, trabalhando como estagiária para as três primeiras séries do Ensino Fundamental I, no município de Louveira. Em 1964, efetivou-se como professora na Escola Estadual “Professor Cláudio Gomes” em Vinhedo, trabalhando sempre na 1ª série com alfabetização. Das quatro entrevistadas, participaram da pesquisa, através do questionário, as professoras Angélica e Maria Aparecida, enquanto as professoras Odila e Maria Edelinda me autorizaram a gravar nossas conversas, e, assim, participaram da pesquisa por meio da metodologia da História Oral.

⁶⁴ Os participantes foram: Francisco Gallo, 85 anos, Odila Frediani, 79 anos, José Antônio Fávoro, 60 anos, Selma Gallo, 53 anos; e Magali Maria Ferragut, 53 anos.

experenciar dois tipos de coleta de dados: através de questionários e através de entrevistas (semi-estruturadas), usando a metodologia da história oral.

Analisando as respostas das professoras, pude perceber que os questionários geraram respostas muito mais “organizadas”, formais, que me deram a impressão de estarem desconexas das experiências vividas. A forma escrita pareceu fria, sem vida, esvaziada de sensibilidade, deixando escapar gestos do corpo e das mãos, os silêncios, as pausas, as risadas, a entonação da voz; ou seja, as emoções daqueles que falam. Pude perceber uma enorme diferença em relação às respostas geradas pelas conversas que foram gravadas e transcritas.

Neste sentido, sobre os dados coletados, posso afirmar que com os questionários obtive respostas mais “fechadas”, delimitadas pelo tema das minhas perguntas. Já as entrevistas gravadas transitaram por diversos temas: não se limitaram somente às perguntas previamente elaboradas ou ao assunto central da minha investigação. Durante as conversas, pude ouvir e compartilhar histórias, risadas, segredos, opiniões, visões de mundo e entender certas relações com as outras pessoas (em especial, com alunos). Nestes momentos, percebi a presença de pessoas mais inteiras, portadoras de experiências vividas.

Percebo, pois, que as respostas obtidas com os questionários se assemelham um pouco à linguagem do tipo “tagarelice”, num sentido benjaminiano, isto é, uma linguagem fundada em acepções formalistas e neopositivistas. Benjamin, em contraposição a esse tipo de linguagem, propõe que mergulhemos o discurso nas experiências de vida e articulemos as palavras às coisas vividas. Ainda, ressalta que a prática da narrativa deve ser embasada no desapossamento da concepção de verdade absoluta, deixando vir à tona pessoas mais inteiras, mais humanas, na relação com o(s) outro(s); pessoas situadas no presente, mas que dialogam com o passado e estão abertas para o futuro, ou seja, pessoas que demonstram suas certezas, mas também suas incompletudes; utilizam uma linguagem na qual deixam suas marcas, sensibilidades e dimensões conscientes e inconscientes. (BENJAMIN, 1985, p. 195-197).

Acredito que a técnica da história oral trouxe à tona muitas experiências que não estavam escritas ou registradas na história oficial. De acordo com Ecléa Bosi (1979) nessa técnica:

“[...] a memória assume uma função decisiva, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também desloca estas últimas ocupando o espaço da consciência (...) na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstituir, repensar com imagens e ideias de hoje experiências do passado”. (BOSI, 1979, p.17)

Pude perceber, na experiência da história oral, uma via de mão dupla, pois foi uma oportunidade de a entrevistada falar e da minha pessoa, na posição de entrevistadora, ouvir e participar deste momento de relação. Com o desenrolar da conversa, as lembranças vão surgindo a partir de uma viagem pela memória e o passado vai se constituindo em um novo cenário, situado também no presente: à medida que o sujeito que fala se dá conta de suas experiências. Dessa forma, um fato, que até então parecia corriqueiro, adquire uma nova forma, um novo sentido, como uma ressignificação. Assim, neste percurso investigativo, a metodologia da história oral pareceu-me mais instigante, pois acredito que me possibilitou o contato com experiências vividas, dotadas de sentido, mais conectadas com o passado e com o vivido.

Contudo, apesar de esta pesquisa estar composta por dois tipos de coleta de dados (questionários e entrevistas gravadas), procurei considerar todas as respostas como narrativas repletas de experiências vividas, de socialização de tradições, de sensibilidades, de imagens, de histórias individuais construídas na história coletiva, de pessoas localizadas num determinado lugar e tempo que falam, sentem, rememoram, sonham, significam e ressignificam trajetos de suas vidas.

No processo de apreensão da relação da escola com a cidade, evidenciado nas narrativas das professoras, os conceitos de narrativa, experiência e memória são primordiais, e ganham sentido a partir do diálogo com Benjamin. Para o filósofo, as experiências são transmitidas na medida em que vamos vivendo. Essa transmissão pode ocorrer de forma ameaçadora e/ou de forma amistosa e é passada através de provérbios, histórias e narrativas, contadas especialmente pelos mais velhos. Nos ensaios “Experiência e Pobreza” (1933) e “O Narrador” (1928-1935), elaborados por Benjamin, narrativa e experiência são imagens centrais. Ambos os textos falam sobre o fim da narrativa tradicional e da tendência de perda da experiência. Nas duas obras, ainda, há a presença da

narrativa da “parábola das vinhas”⁶⁵, utilizada por Benjamin com o propósito de dialogar sobre a transmissão de experiência através da palavra e como esta, quando transmitida, passa por gerações: só é possível essa transmissão e esse lembrar através da exigência da memória.

Para este filósofo, experiência e narrativa estão intimamente imbricadas e, com o declínio das experiências em decorrência da organização capitalista do trabalho, a narrativa ficou comprometida, ou quase extinta. “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção, (...). É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1985, p.197-198). Para o autor, narrar é mergulhar a fala em experiências vividas. Ainda, é movimentar a racionalidade e a subjetividade individual no coletivo, ou seja, não há uma única versão para os acontecimentos narrados, mas, sim, o convite para os ouvintes criarem outras narrativas, ressignificadas.

Assim, ao se eleger a História Oral como metodologia de pesquisa, é preciso ter em mente que:

A quintessência da experiência não é aprender a ouvir explicações prolixas que à primeira vista poderiam ser resumidas em poucas palavras, e sim aprender que essas palavras fazem parte de um jargão regulamentado por critérios de casta e de classe e não são acessíveis a estranhos.

(BENJAMIN, 1985, p.42).

A partir dessa metodologia, é possível compreender que a narrativa é uma forma artesanal de comunicação, uma vez que floresceu por muito tempo entre os artesãos – no campo, no mar e na cidade. Assim sendo, acredito que a opção pela narrativa nesta pesquisa demonstra uma coragem intelectual para ouvir outras vozes - vozes de pessoas anônimas que contam suas experiências via memórias - e, a partir disso, compreender a relação entre a trama urbana e as vivências escolares.

⁶⁵ “Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento de morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho” (BENJAMIN, 1995, p.114).

Como a narrativa é concebida pelo autor como transmissão de experiências entre gerações, baseadas no movimento coletivo de tradições, sensibilidades, na relação do narrado com o vivido, não é possível haver narrativa sem haver memória. Para Benjamin, a memória pressupõe a narrativa das experiências vividas entre diferentes gerações. (cf. GALZERANI, 1997). A memória, para Benjamin (1985) representa a “musa da narrativa”, provocando o surgimento não de lembranças, estruturadas em uma temporalidade única e linear, mas, sim, de “reminiscências”, que rompem a sucessão cronológica dos fatos. Ainda, a memória representa a ressignificação do vivido a partir de pessoas, numa mescla entre passado e presente, não de forma saudosista e nem como repetição do que já passou: neste movimento há sentidos e significados ambivalentes, fiapos sem sentido e a memória interpenetra o consciente e o inconsciente. Portanto, “para Benjamin a memória é crítica, é afetiva: ela articula sempre, por um ato de vontade, elementos voluntários e involuntários” (GALZERANI, 1997, p.103), possibilitando uma nova afinidade entre o passado e o presente. Rememorar é alterar o presente de modo que “se o passado perdido for aí reencontrado seja também retomado e transformado” (cf. GAGNEBIN, 1994, p.19).

[...] uma atenção precisa ao *presente* (grifos do autor), particularmente a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente.

(GAGNEBIN, 2001, p. 91).

A memória é composta por idas e vindas. Em Aristóteles, encontramos o reconhecimento de que:

O registro mnemônico por si não tem valor: também alguns animais têm essa capacidade, e os computadores também. O desafio para o animal histórico está na “rememoração” (anamnesis) sempre a partir da dimensão presente (...).

(GALZERANI, 1997, p.102).

Por não ser uma repetição daquilo que nos lembramos, a rememoração provoca a identificação da existência de brancos, “buracos”, do esquecido e do recalcado, podendo acrescentar algo que ainda não havia sido dito ou registrado.

Os acontecimentos vividos são circunscritos à esfera do presente, mas, quando nos lembramos de algo, não existem limites, porque nos lembramos de muitas coisas que vieram antes e depois, que nos levam a outras lembranças vividas, passadas e até mesmo esquecidas. “Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura. Ou seja, a unidade do texto está apenas no *actus purus* da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação” (BENJAMIN, 1985, p. 37).

Em “A Imagem de Proust”, escrita por Benjamin, o autor nos adverte que o mesmo não narrou sua vida literalmente como foi vivida, mas sim, como vida lembrada por quem a viveu. Assim, o primordial para aquele que rememora não é a exatidão do que foi vivido, mas o “tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope ⁶⁶ da reminiscência” (BENJAMIN, 1985, p.37).

Muitas vezes não é o fato em si que chama a atenção, mas, sim, as circunstâncias, as sensibilidades, os espaços, os vazios, que permeiam o ato de rememorar. Assim, não se rememora somente como os fatos ocorreram, mas também, como gostaríamos que os mesmo tivessem ocorrido. Benjamin nos aponta que rememorar não significa devaneio ou fuga ao passado, mas uma ação sobre o presente.

Com base nesses referenciais, as narrativas das professoras e dos antigos moradores serão consideradas “grávidas” de experiências vividas, socialização de tradições, sensibilidades, e histórias individuais construídas na história coletiva.

O urbano e o escolar;

A Modernidade na cidade de Vinhedo esteve e está ligada ao avanço do sistema capitalista. O crescimento demográfico, a passagem de uma economia baseada na agricultura para uma economia comercial, industrial e de serviços, a geração e distribuição

⁶⁶ “Penélope é uma dessas heroínas míticas, cuja beleza é mais do caráter e da conduta que do corpo. Quando chegou o momento de deixar a sua casa, seu pai Icário, não suportando a idéia de separar-se dela, tentou persuadi-la a permanecer ao seu lado. Ela partiu com o marido e seu pai construiu uma estátua de Pudor no lugar da sua despedida. Ulisses e Penélope não gozaram um ano de vida juntos, pois foram interrompidos pela Guerra de Tróia. Durante sua longa ausência, e quando era duvidoso que ainda ele voltasse, Penélope foi importunada por inúmeros pretendentes. Ela lançou mão de vários artifícios para livrar-se deles. Um desses foi afirmar que escolheria um novo marido, após o término de tecer uma tela para o funeral do seu sogro. Durante o dia trabalhava nela, mas, à noite, desfazia o trabalho. É a famosa tela de Penélope, que passou a ser uma expressão proverbial, para designar qualquer coisa que está sempre sendo feita mas não se acaba de fazer” (cf. BULFINCH, 2004, p.222-3).

de energia elétrica, o surgimento de novos bairros e condomínios, a criação da rodoviária municipal, a instalação de estabelecimentos industriais, a criação do Distrito Industrial para atender a esta demanda, a abertura de casas comerciais, o número de operários nas fábricas, a ampliação de vagas nas escolas, a expansão de avenidas na cidade e a abertura para grandes rodovias, e a transformação do caráter de Vinhedo como uma cidade apenas “de passagem” para de cidade com vantagens para “se morar” ocorreram, sobretudo, no período de 1970 a 1990.

Assim sendo, as décadas de 1970, 1980 e 1990 são privilegiadas nesta pesquisa, em decorrência da ampla gama de iniciativas modernizadoras, urbanizadoras e industrializadoras na cidade. Isso porque, a Modernidade, em termos históricos, dialoga com o processo histórico pautado pelo desenvolvimento tecnológico, industrial e pela constituição da relação social capitalista em quase todo o mundo, especificamente ao longo da segunda metade do século XIX, atingindo seu ápice com a eclosão da Segunda Revolução Científica Tecnológica, em 1870. Tais fatos engendram “novos” hábitos, estilos de vida, maneiras de perceber, sentir e de entender esse mundo em transformação.

De acordo com Faria Filho (2002), não há um padrão único de relação entre o escolar e o urbano (Faria Filho, 2002). Apesar de Chartier (1991), historiador francês vinculado à História Nova, apontar que a escolarização na Modernidade é um fenômeno identificado primeiramente nas cidades e que o fortalecimento da escola como instituição de socialização está vinculado às grandes transformações que ocorreram nas mesmas, verifica-se que muitos outros fatores intervêm nesta relação, caracterizando-a como não-padronizada. Assim sendo, é necessário incluir, na reflexão sobre as relações entre o escolar e o urbano, fenômenos como os da constituição do capitalismo e da industrialização, a organização da religião e lutas religiosas e as formações culturais e sociais. Representações e práticas que produzem esta relação – e são produzidas a partir dela -, são repletas de continuidades e rupturas, sendo que compreendê-las se torna fundamental para a temática focalizada (o entrelaçamento entre a escola e a cidade).

Especificamente no Brasil, o peso da tradição ibérica na produção das relações entre o público e o privado, e seus respectivos lugares nas formas de produção e reprodução culturais, devem ser considerados para poder dimensionar, por exemplo, o quanto a cidade pode ser produzida e representada como *locus* privilegiado (ou não) das práticas e ações

educativas. Por outro lado, a constituição de uma nação escravista e católica impôs severos limites ao desenvolvimento da escolarização no interior das cidades, mesmo naquelas de maior complexidade sociocultural. Contudo, estes severos limites não foram suficientes para impedir este processo de escolarização.

Desta maneira, segundo Faria Filho (2002, p.30-33), é conveniente dizer que existem temas e momentos do fazer histórico que possibilitam identificar com clareza o entrelaçamento entre o escolar e o urbano. O primeiro momento é o da própria produção teórica e dos ideários urbanos e educacionais nos últimos séculos. Desta forma, pode-se considerar que:

1. Os ideários e utopias urbanas e escolares, sobretudo, a partir dos séculos XVIII e XIX, carregam a dimensão e a confiança na visão salvadora das ciências e das racionalidades modernas. Ambas fazem parte da racionalização da cultura e, apesar da heterogeneidade dos sujeitos, cultivam uma utopia homogeneizadora. Além disso, ambas trabalham teórica e retoricamente com um conjunto de dicotomias, tais como bárbaro e civilizado, arcaico e moderno, velho e novo, rural e urbano, entre muitas outras. Nelas, finalmente projetar o rural e o urbano é arquitetar a Modernidade e o progresso é racionalizar os condutos.

2. No tema cidadania, o urbano e o escolar também se encontram. Tanto do ponto de vista conceitual, como do ponto de vista da experiência histórica, o conceito de cidadania refere-se à cidade, urbanidade e civilidade, e estes, por diversos caminhos, relacionam-se com o tema educação. Ao mesmo tempo em que os pensamentos políticos e educacionais modernos fazem coincidir temas como escola e cidadania, também fazem coincidir a noção de urbanidade com a de escolaridade. Não é à toa que, nas escolas primárias mineiras do início do século XX, uma das disciplinas básicas era a de urbanidade.

3. Assim como a relação entre o escolar e urbano é marcada por utopias de todo o tipo, não se pode esquecer que também são devedoras do processo de mercantilização da vida social observada sob a égide do capitalismo. Isso se dá porque a perspectiva que caracteriza a cidade e a educação como um negócio aparenta ter sido plenamente realizada no final do século XX, uma vez que as mesmas operações usadas para produzir a noção de educação como um serviço como outro qualquer são também usadas para transformar o cidadão em consumidor.

Neste sentido, segundo o autor ora focalizado, a cidade se impõe à escola na pluralidade dos sujeitos, na pluralidade das culturas, na pluralidade das instituições e na pluralidade dos estímulos e das sensibilidades. Assim, a urbe entra em conflito com a escola, ao proporcionar uma experiência de aprendizagem muito diversificada e descontrolada para os padrões escolares, “exigindo sempre e sempre a atualização dos mecanismos, das estratégias, de inclusão e exclusão e de controle”. (FARIA FILHO, 2002, p.36)

A discussão sobre inclusão/exclusão leva-me a pensar na possibilidade de pensar a relação da experiência urbana com a experiência escolar, a partir da ação dos sujeitos escolares, focalizando como os professores e os alunos experenciam tal relação. Assim, mais perguntas potencializam minha investigação: como a escola organiza a experiência urbana? Como a vida da cidade organiza a escola? Qual o lugar de memória nos processos educativos escolares? Que cidades, ontem e hoje, os alunos veem, ouvem, sentem e cheiram?⁶⁷

A partir da história da educação, é possível perceber que existem muitas rupturas e transformações entre as escolas existentes ao longo do século XX (isto é, há muitas mudanças nos objetivos e conteúdos escolares do século em questão). A escola de 1970 é muito diferente, por exemplo, da escola datada de 1900 a 1920 e de 1920 a 1970, porque a partir de 1970, a escola passa a se relacionar com o projeto de industrialização que vem a reboque nos anos 1950⁶⁸, com a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação⁶⁹ criada em 1961, e com a pedagogia tecnicista.

Em 1973, foi criado o Distrito Industrial em Vinhedo, e a Gessy Lever - hoje conhecida como Unilever -, foi a primeira grande empresa a se instalar no local. Outros

⁶⁷ É importante destacar que estas perguntas relacionam-se diretamente à sétima porta de entrada, “os territórios da subjetividade” caracterizada por Bresciani(1992, p. 161-163). É nesse campo (das subjetividades) que a cidade passa a ser problematizada como um “campo magnético”, cujo magnetismo atrai os sujeitos e suas histórias/experiências. Assim, a cidade é campo de ricas e variadas experiências de sentir, cheirar, insultar, brigar, resistir, trabalhar, higienizar a si e ao outro, e também registra formas de pensar, agir, modelar e remodelar o espaço. Isso significa que o espaço urbano é dotado dos cinco sentidos. Nessa porta de entrada, a cidade é a expressão daqueles que a habitam e a sentem em seu cotidiano. Por isso é possuidora de conflitos, desilusão e utopias que constituem o tecido da existência humana; ainda é território de subjetivação, à medida que é atravessada pelo devaneio do amor, da paixão, da dor e do prazer.

⁶⁸ No período compreendido entre 1955 – 1961, o Brasil, governado por Juscelino Kubitschek recebeu políticas de incentivo que visavam o progresso econômico por meio da industrialização.

⁶⁹ A primeira LDB foi publicada em 20 de dezembro de 1961 pelo presidente João Goulart, quase trinta anos após ser prevista pela Constituição de 1934.

estabelecimentos começaram a se situar no distrito, atraídos pelas vantagens que o município apresentava em relação à localização, isenção de impostos e condições geográficas (atualmente, a indústria representa 80% da produção econômica). Numa Vinhedo que cresceu permeada pelos ideais de industrialização e configuração de uma trama urbana moderna, convertendo terras agrícolas em áreas de moradia, a escola, além de representar o acesso ao conhecimento e ao mundo letrado, também passou a ocupar um importante lugar no viver urbano e no mundo do trabalho. O depoimento da professora apelidada “Netinha” é muito rico para refletirmos sobre essas relações.

Já nos anos 70, a cidade estava com uma “cara” diferente: o comércio estava se modernizando e também a influência da televisão contribuiu para essa mudança. Houve, sim, uma mudança na clientela escolar. Com as famílias mais evoluídas no sentido de um acompanhamento com o progresso social e econômico da cidade, houve o reflexo na clientela escolar. Quanto às práticas escolares, os anos 70 viveram o “tecnicismo”, principalmente no ensino da Matemática, a Matemática Moderna, e surgiu uma nova cartilha para a alfabetização, como se dizia: “A Cartilha Dudu”, que apresentava pequenos textos, sem se falar nas famílias silábicas. Mas ficou por pouco tempo, por não haver treinamento para os professores para a sua aplicação e voltou a cartilha “Caminho Suave”, da Branca Alves de Lima (se não me engano era esse o sobrenome), que, com ela, quase todas as crianças que nessa época passaram pela escola, foram alfabetizadas pela imagem.

(Maria Edelinda de Paula Pisoni, professora aposentada, 70 anos, junho de 2013)

As palavras “moderno”, “modernizando”, “evoluído”, “progresso” aparecem como representantes do desenvolvimento da cidade. Ao falar das práticas pedagógicas, a professora ressalta o aparecimento do tecnicismo, como uma nova pedagogia para a escola. O tecnicismo como concepção educacional é um produto histórico, consequência da expansão das atividades industriais e da necessidade de subordinação dos objetivos educacionais aos objetivos da produção.

Essa pedagogia tem como pressuposto a neutralidade científica e é norteadada pelos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade. Surgiu com o intuito de propor uma nova ordem para o processo educativo, de maneira a torná-lo mais objetivo e operacional, indo ao encontro da lógica do trabalho fabril. Partindo da corrente filosófico-psicológica do behaviorismo, buscou planejar a educação de modo racional, procurando minimizar as interferências subjetivas, que eram vistas como uma ameaça à eficiência. Surge, no Brasil,

em meados da década de 1950, mas é introduzida efetivamente no final dos anos 1960, com predomínio a partir de 1978. Segundo Kuener e Machado (1986, p.34), essa pedagogia foi implantada no país a fim de atender aos interesses do capital estrangeiro, preparando mão-de-obra voltada às necessidades das multinacionais (principalmente americanas), que, então se instalaram no Brasil. A escola, ao se articular com o sistema produtivo direciona suas preocupações para a formação de indivíduos que possam ingressar no mercado de trabalho, de acordo com as exigências controladoras, disciplinadoras e, padronizadas, relacionando-se, assim, com a construção de homens politicamente dóceis e economicamente ativos (FOUCAULT, 1984) colocadas em ação pela sociedade industrial e tecnológica.

É possível perceber a relação do tecnicismo em todos os níveis educacionais, inclusive na educação superior. A linguagem não só esconde, mas também revela sentidos: ao usar o termo “treinamento” para as professoras, “Netinha” expõe uma dada concepção de formação docente, pautada no racionalismo técnico, com ênfase em instrução e técnicas de ensino, contrapondo-se, assim, a uma formação mais dialogal e humana, a que percebe o aluno como agente ativo em sua criatividade, sensibilidade, potencialidade, experiência, identidade e que procura adotar um ensino que seja fortalecedor e significativo.

Acredito que o tecnicismo tenha sido uma forte tendência, tanto que foi apontado na fala da professora. No entanto, sei que nem todos docentes pautavam-se por essa pedagogia, uma vez que todos os sujeitos são capazes de produzir resistências – mesmo que de maneira sutil - e de agir nas brechas do sistema, sendo capazes de promover uma educação mais comprometida com uma formação que não atenda à “lógica da docilização”, proposta por Foucault (1984), e acima enunciada.

É, também, a partir dos anos 1970 que Vinhedo começa a adquirir uma trama urbana em bases efetivamente modernas. O plano de desenvolvimento da cidade, inclusive com a vinda de novos moradores, não só incluiu, mas valorizou o espaço escolar, numa relação de mão dupla, já que a escola também participou (e participa) do engendramento de hábitos, de comportamentos, valores e sentimentos, condizentes ao viver urbano moderno.

Com a vinda de novos moradores, houve também abertura de novos tipos de trabalho, como o escritório, bancos, mão de obra especializada, etc, teve a necessidade de mudanças no universo escolar, com a abertura de escolas técnicas profissionalizantes noturnas (...). Acredito que o desenvolvimento industrial se relacionou, sim, com a escola, pois obrigou

os alunos terem um grau de escolaridade maior, e as escolas públicas começaram a articular a criação de cursos noturnos.

(Maria Aparecida Aun Penteado, professora aposentada, 83 anos, junho 2013)⁷⁰.

A vinda de moradores de outras cidades (comunidades) correspondeu sim com o mundo escolar de nossa cidade, pois como trouxeram novidades, adquiriram tantas outras para esses moradores. A indústria diversificada colaborou com as escolas, crescendo o interesse das pessoas em adquirir novas técnicas, daí a necessidade de procurar escolas profissionalizantes. Nesse período surgiram os cursos técnicos.

(Angélica Herminia Pisoni Ré, professora aposentada, 75 anos, julho de 2013)⁷¹.

Novamente, o diálogo com o mundo do trabalho acontece: a vinda de novos moradores é sentida pelas professoras, sobretudo, como a vinda também de novos tipos de trabalho, no interior das indústrias. A relação com a escola é apontada no sentido de representar a preparação dos alunos para a vida do trabalho.

Além disso, as professoras destacam outros aspectos que se relacionam com o universo escolar, como é o caso do comércio diversificado e da televisão:

O comércio diversificado, a T.V., toda transformação direta ou indiretamente ajudou na formação do conteúdo escolar (...) a indústria diversificada colaborou com as escolas, crescendo o interesse das pessoas em adquirir novas técnicas, daí a necessidade de procurar escolas profissionalizantes. Nesse período surgiram os cursos técnicos.

(Angélica Herminia Pisoni Ré, professora aposentada, 75 anos, julho de 2013).⁷²

O Jornal da Cidade, ao parabenizar Vinhedo pelo seu 31º aniversário, delinea, um pouco, o perfil da cidade na década de 1980:

VINHEDO, 31 ANOS

[...] Desde o dia 1º de fevereiro de 77, José Carlos Gasparini responde pela cidade de Vinhedo, uma cidade com 82 quilômetros quadrados de área, fazendo divisa com os municípios de Louveira, Itupeva, Campinas, Valinhos e Itatiba, estando a uma altitude de 730 metros acima do nível do mar. A população estimada é de aproximadamente 30 mil habitantes, sendo que mais da metade na zona urbana.

⁷⁰ Segundo depoimento realizado de forma escrita.

⁷¹ Idem.

⁷² Idem, Ibidem.

Com indústrias de pequeno, médio e grande porte, o parque industrial de Vinhedo conta hoje com 88 unidades, que empregam a grande maioria dos habitantes do município, que prestam serviços a empresas como Carborundum, Brasniv, Cerâmica Jatobá, Fasson, Bom Beef, Franho, Gessy Lever, e empregando 4.500 operários. A rede escolar possui cerca de 4 mil alunos, com 12 escolas de 1º grau, sendo que a merenda escolar do município ultrapassa a casa de Cr\$ 1.500.000,00. Sendo uma cidade bastante moderna, Vinhedo está ligada a São Paulo e ao interior por modernas rodovias que também levam a outros municípios da região, e outras partes do Brasil.

(Jornal da Cidade, 02 de abril de 1980, ano III, capa).

A notícia acima privilegia o enfoque escolar, ao lado do industrial, da cidade de Vinhedo, na década de 1980. Neste momento a Modernidade apoia-se na escola como veículo de difusão de suas concepções. Apoiando-se também no filósofo Walter Benjamin, no Brasil, Sevckenko (1998), destaca, igualmente que, a difusão das concepções de Modernidade pelo mundo foi um dos desdobramentos observados no avanço do sistema capitalista – sobretudo após meados do século XIX -, alicerçados na valorização das ciências, da produção de riqueza cumulativa, do contínuo progresso, da educação institucionalizada, da cultura letrada, da racionalidade técnica-instrumental, da hierarquização dos saberes, dentre outros aspectos. A escola, neste sentido, também representou uma forma de difundir essas concepções.

Em 1980, a rede de ensino municipal possuía aproximadamente quatro mil alunos, que representavam 18% dos habitantes da cidade (em 1980, Vinhedo possuía 21.647 habitantes). Embora houvesse a preocupação com a instrução pública, a rede municipal de ensino ainda estava estruturando-se, uma vez que numa cidade que antes era essencialmente agrícola, no começo do século XX, as crianças das classes populares eram preparadas quase sempre para o trabalho no campo e a preocupação com uma educação formal era menor.

Ainda, na década de 1980, muitas crianças, em geral pertencentes à elite, não frequentavam escolas municipais e estudavam em outras cidades:

Tem muita gente que veio morar aqui, mas os filhos estudavam em Campinas, Valinhos... Valinhos sim tinha escola boa, ótima, que é o Porto Seguro, foi ele que levou embora os alunos de Vinhedo. Tem muitos que vão para Campinas também... As netas da Lourdes foram para Campinas. (...) Apesar de que eu acho que aqui [Vinhedo] tem escola boa, tem!

(Odila Frediani Annes, 79 anos, professora aposentada, junho de 2013)

É possível, então, identificar que o sistema escolar se organizou à medida que a cidade começou a adquirir um cenário urbano, moderno e industrial.

Nos últimos trinta anos, houve uma constante busca por novos referenciais teóricos para compreender o universo escolar. Deve-se considerar, como parte destes novos referenciais, o recurso à investigação etnográfica, os estudos de caso (para que haja uma aproximação dos fazeres ordinários da escola) e uma valorização dos sujeitos da educação em suas ações diárias.

Na contemporaneidade, historiadores ligados à tradição da História Nova, tais como Michel de Certeau, Roger Chartier, bem como o historiador marxista cultural inglês, Edward Palmer Thompson, têm fornecido instrumentais analíticos para o reconhecimento e problematização da existência de culturas escolares. Desta forma, novas pesquisas vêm sendo também fomentadas no Brasil, buscando identificar e se relacionar com um novo conceito, chamado de “cultura escolar”. (FARIA, GONÇALVES, PAULILO, VIDAL, 2004, p.141)

Uma definição interessante de *cultura escolar*, aqui, é a proposta de António Viñao Frago (1993), a qual compreende neste conceito tudo o que ocorre no interior da escola, englobando as práticas de professores e alunos, bem como normas e teorias presentes no espaço escolar. Assim, ideias, mentes, corpos, objetos, condutas, modos de pensar e agir constituem a cultura escolar. O autor explicita que há alguns elementos mais importantes que outros, no sentido de serem os organizadores que sustentam e definem a cultura da escola. Dentre estes, Frago elege, como os elementos mais importantes, o espaço e o tempo escolar.

A cultura escolar envolve diversas dimensões do cotidiano e se desdobra sobre a sociedade, além de variar de acordo com a instituição investigada; logo, o autor acredita na existência de “culturas escolares”, plurais, pelo fato de haver diversos tipos de instituições escolares. É válido explicitar que todos aqueles sujeitos relacionados à escola - portanto, todos os praticantes da cultura escolar – desenvolvem suas práticas a partir de seus lugares, tempo escolar e de suas posições no interior de um sistema de forças que se confrontam sendo que, tais práticas não são apenas prescrições estabelecidas, mas são entendidas também como produtoras de sujeitos e de seus respectivos lugares, no interior do campo

pedagógico. É necessário, pois, ter em vista que as práticas escolares de ensino da leitura e da escrita revelam que a materialidade da escola é fator fundamental na constituição de determinados métodos pedagógicos, os quais podem constranger ou estimular a disseminação social de determinados conhecimentos ou competências (FARIA, GONÇALVES, PAULILO, VIDAL, 2004, p.141).

A partir das falas dos ex-alunos e das professoras aposentadas, é possível flagrar algumas novidades trazidas para as escolas primárias vinhedenses, a partir da década de 1970 (em relação às décadas passadas).

Transformações no que diz respeito aos meios de transporte, relacionaram-se com a escola durante o século XX. Os professores que trabalhavam no Grupo Escolar de Rocinha (1920-1952), segundo contam os ex-alunos, tinham muita “boa vontade”, pois muitos vinham de Jundiaí até a estação de trem de Rocinha, e, geralmente, dependiam de um charreteiro para levá-los da estação de trem até a escola.

Tinha alguns que nem isso tinham: dependiam de carona para poder lecionar... Alguém que tivesse boa vontade. Os professores tinham que fazer um grande sacrifício. E ensinavam bem, viu?! Tinha aula de português, geografia, matemática... Eu tive a professora Rosaura, que veio de Jundiaí. Ela veio morar perto da escola e se dedicava muito. Tinha muito interesse em trabalhar. E era enérgica com aqueles alunos que não levavam a sério. Ela chegava até a por fora da classe àqueles que faziam bagunça.

(Depoimento de Francisco Gallo, 85 anos, aposentado, ex-policiaI rodoviário, gravado em abril de 2014)

Com o passar dos anos, ao invés de charrete, passaram a utilizar táxi. Segundo os entrevistados, o crescimento da cidade, a abertura de grandes avenidas, a pavimentação das ruas, a circulação de carros e ônibus transformaram o trajeto daqueles que transitavam na cidade, sobretudo, os caminhos escolares, “facilitando tanto para os professores como para os alunos” (Maria Aparecida Aun Penteado, professora aposentada, 83 anos, junho 2013)⁷³. A abertura de novas ruas pavimentadas, em detrimento das estradas de terra, que tomavam longas distâncias, encurtaram os trajetos e, neste sentido, houve um encurtamento também do tempo e das distâncias espaciais.

⁷³ Idem, Ibidem.

Na década de 1950, 1960 e até meados de 1970, alunos iam [para a escola] a pé, professora de charrete. Alunos de bicicleta, professores de trem (os que vinham de outras cidades para lecionarem aqui). Com o crescimento da cidade, professoras iam de carro ou táxi, ou ônibus. As estradas de terra tornavam as distâncias longas. Com a chegada da pavimentação das estradas, calçamento das ruas, asfalto, tudo melhorou e muito, e as distâncias pareciam mais perto.

(Angélica Hermínia Pisoni Ré, professora aposentada, 75 anos, maio de 2013)⁷⁴.

No meu tempo, eu ia para à escola a pé. Não tinha carro pra levar e não importava a distância, tinha que ir a pé. Como eu morava longe [da escola], todas as crianças que moravam perto de mim iam juntas comigo. Nos anos 1970 os alunos ainda iam à escola a pé e alguns, muitos poucos, de carro. Já os professores continuavam indo a pé se moravam perto da escola, se moravam longe, alguns com seus carros ou de ônibus.

(Maria Edelinda de Paula Pisoni, professora aposentada, 70 anos, junho de 2013)⁷⁵.

Pode-se perceber, também, que os materiais escolares foram sendo substituídos ao longo do tempo, sobretudo em decorrência da tecnologia.

Por muito tempo usou-se o mesmo material escolar: lousa, giz, cartilha, livro, etc. Com a chegada do mimeógrafo facilitou o trabalho e professores e alunos. Ganhavam as folhas prontas para exercícios, trabalhos, desenhos, recortes, pinturas e provas.

(Angélica Hermínia Pisoni Ré, professora aposentada, 75 anos, julho de 2013)⁷⁶.

É interessante observar que para a professora a chegada do mimeógrafo e de folhas prontas é sinal de progresso, desenvolvimento. No entanto, o que ela considera como forma de progresso, na verdade, é algo educacionalmente preocupante, pensando-se no desenvolvimento integral do educando. O cheiro do álcool no papel, que marcou a escola dos anos 1970, explicitava a utilização de materiais escolares, os quais faziam com que as crianças deixassem de desenhar e, assim, eram desestimuladas em sua criatividade.

Ainda, não passam despercebidas, na fala das professoras, a presença das brincadeiras, as quais são também, por elas visualizadas como uma das formas dos alunos se relacionarem entre si:

⁷⁴ Idem, Ibidem.

⁷⁵ Idem, Ibidem.

⁷⁶ Segundo depoimento feito de forma escrita.

Com toda certeza a vinda de novos moradores modificou as brincadeiras das crianças: tanto os alunos que vieram de outros lugares trouxeram suas experiências, como os vinhedenses lhes passaram as suas.

(Maria Edelinda de Paula Pisoni, professora aposentada, 70 anos, junho de 2013)⁷⁷.

De acordo com Walter Benjamin (1984) o brincar infantil, é uma atividade que faz parte da formação histórica e cultural da criança.

Para Benjamin, a criança não representa o adulto miniaturizado: as imagens de infância construídas por esse filósofo afirmam a potencialidade das crianças como sujeitos da história. Para o autor, o brincar e o brinquedo representam traços da cultura na qual a criança está inscrita.

O autor discute, também, a interação das crianças, de seus brinquedos e de suas brincadeiras com um contexto cultural mais amplo:

[...] as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas sim uma parte do povo e da classe de que provém. Da mesma forma seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e especial; são, isso sim, um mudo diálogo simbólico entre ela e o povo.

(BENJAMIN, 1984, P.70)

Em seu livro “Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação” (1984), o autor analisa os processos de memória dos brinquedos e do brincar. Ainda, realiza uma análise histórica na qual flagra a crescente massificação (própria da evolução industrial) que inscreve o brinquedo em uma dimensão homogeneizante. Segundo, também, uma das professoras entrevistadas:

Ocorreram grandes mudanças nas brincadeiras, pois além do crescimento da cidade, o comércio de brinquedos também foi crescendo gradativamente. Sendo assim, na década de 1970 e 1980, já havia uma diversidade de brinquedos bem maior do que no passado. Também acredito que as brincadeiras mudaram pela influência da televisão e pela chegada de novos moradores. Me lembro que as crianças daqui [vinhedenses], sempre brincavam de peão, amarelinha, bolinha de gude e pipa. Mas, os alunos que vieram de outras cidades e eram privilegiados economicamente, traziam outros tipos de brinquedo, feitos de forma mais industrial e não artesanal.

(Maria Aparecida Aun Penteado, professora aposentada, 83 anos, junho 2013)⁷⁸.

⁷⁷ Segundo depoimento feito de forma escrita.

⁷⁸ Segundo depoimento feito de forma escrita.

Benjamin (1984) aponta também que a transformação do brinquedo, a partir da industrialização, marcou um distanciamento entre as crianças e os adultos, uma vez que, antes das fabricações de brinquedos realizadas nas indústrias, os mesmos eram produzidos por pais e filhos, conjuntamente. À medida que a industrialização avança, os adultos vão impondo do seu modo os brinquedos às crianças, distanciando-as da riqueza de materiais que eram utilizados em um tempo onde o processo de produção ligava pais e filhos.

Vale ressaltar que, ainda hoje, as reflexões sobre os efeitos do capitalismo e da industrialização nas brincadeiras, apontadas por Benjamin, no início do século XX, fazem sentido. Isso porque o avanço da modernidade capitalista deixou (e deixa) marcas significativas nas sensibilidades das crianças e em suas brincadeiras, uma vez que nas formas primitivas do brincar as crianças utilizavam materiais encontrados em seu próprio ambiente, como água, terra, areia, pedras, exercitando, assim, sua criatividade. Nos dias atuais, essa criatividade parece não ser tão estimulada, porque o mercado disponibiliza objetos já prontos, os quais, muitas vezes, não requerem a presença de uma coletividade mais ampla como os brinquedos artesanais, de uma maneira geral, requeriam.

Assim, a atividade de brincar pode constituir-se como uma mola propulsora do processo de desenvolvimento desta criança. Ainda, possibilita um importante intercâmbio social para a mesma, já que a criança que anseia por conhecer o mundo, faz isso a partir das interações com as diferentes infâncias vividas pelo grupo de crianças com a qual convive e também nas interações com os adultos.

As lembranças sobre a escola primária de 1970 a 1990 também transitaram pelo tema das festividades escolares:

As Festas Juninas, Festa do Sorvete, Bazares Beneficentes, que sempre eram prestigiados pelos familiares dos alunos, como também pelas pessoas que moravam perto da escola. Também tinha o desfile de 7 de setembro, que começou na década de setenta. De 1970 a 1988, que foi quando me aposentei pelo Estado, eu participei de todos os desfiles.

(Maria Edelinda de Paula Pisoni, 71 anos, professora aposentada, maio de 2014).



Figura 32 - Festa Junina na Escola Estadual Professor Cláudio Gomes, década de 1980

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Imagem dos alunos Alessandra Favrim (filha de empresários) e Ronaldo Cadorin Júnior (filho de comerciante), dançando quadrilha dentro da escola. Ambos estão vestidos de caipira, orientação dada sempre a todas as crianças que participavam da festa. Às vezes, antes da festa começar, os alunos desfilavam pela cidade vestidos de caipiras e depois iam para a escola dançar quadrilha e aproveitar a festa.

As festas escolares, bem como as comemorações cívicas e os rituais públicos podem ser consideradas como traços da modernização e momentos de intensa socialização.

Nas festas juninas (Figura 32), por exemplo, observa-se a busca da manutenção da tradição “caipira”, como ideal manifestado também nessa cultura escolar. Ao mesmo tempo, capta-se, nitidamente, a folclorização dessa tradição, pelas belas vestimentas dos alunos que participavam das quadrilhas e, mais amplamente, observa-se a folclorização dessa tradição pela constituição de um cenário fantasmagórico panorâmico, onde as mazelas do “outro” (o caipira) nessa sociedade moderna, são apagadas! (BENJAMIN, 1985)

De acordo com Cynthia Greive Veiga (2000), as festas escolares, cívicas ou não, foram pensadas dentro da cultura nacional e da educação estética, como um momento de manifestação máxima de emoções.

Especificamente sobre o desfile de Sete de Setembro, Veiga (2000) o aponta como uma forma oportuna para a escola invadir a cena da cidade: o desfile de sete de setembro representava claramente alunos e professores ocupando o espaço da cidade. Ainda, por receber um público amplo de espectadores, caracterizava-se como um momento de exibição de valores, sensibilidades e práticas disciplinadas e civilizadas, típicas da cultura escolar, e também como forma de ampliação da ação educativa (racional e sensível) da escola na urbe, através da apresentação de um “bom desfile”.

“Netinha” nos conta, em seu depoimento, um pouco sobre os desfiles de Sete de Setembro (Figura 33) na cidade:

Lecionei na Escola Pública aqui em Vinhedo como professora efetiva de 1968 a 1988, quase todo o tempo da Ditadura Militar. Nessa época havia a disciplina de Educação Moral e Cívica, portanto, esses valores de exaltação a pátria, à nação, estavam implícitos nos ritos abordados. Cantava-se o Hino Nacional com todos os alunos uma vez por semana e na Semana da Pátria, todos os dias, tendo a cada dia da semana algumas classes encarregadas de apresentarem algo a respeito da data. Nos desfiles, além de homenagear a pátria, havia a possibilidade de apresentar um “bom” desfile à população. Às vezes, os desfiles faziam alusão às origens de nossa terra (Vinhedo), outras vezes aos Estados Brasileiros, suas culturas, etc. Na Rua Nove de Julho, em frente à Praça Sant’anna erguia-se um palanque onde as autoridades municipais dos diferentes segmentos se apresentavam para prestigiar o desfile. Creio que se pode considerar como rito a passagem pelo palanque das autoridades com a evolução das fanfarras e balizas. Havia uma comoção popular, sim: os pais sentiam-se orgulhosos de seus filhos; outros sentiam pena das crianças, por causa do sol escaldante ou do frio e da chuva; e nós professores, normalmente ficávamos felizes pela boa apresentação...

(Maria Edelinda de Paula Pisoni, 71 anos, professora aposentada, maio de 2014).



Figura 33 - Desfile de Sete de Setembro, década de 1980

Fonte: acervo do memorialista José Antônio Zechin.

Perspectiva fotográfica de uma fanfarra desfilando no Sete de Setembro, tendo ao lado esquerdo, o palanque todo enfeitado, com a presença das autoridades. Pela foto, datada no final do período militar, é possível perceber os alunos disciplinados e devidamente uniformizados.

O espírito cívico-patriótico deveria estar presente em todas as disciplinas e em todas as atividades escolares. Segundo Filgueiras (2006), a participação do Estado nas discussões sobre educação, visando uma educação moral e cívica dos cidadãos, estava presente nos discursos oficiais antes da ditadura militar de 1964. Isto já podia ser identificado a partir do final de 1910, no contexto do nacionalismo, quando a introdução obrigatória do escotismo, considerado “magnífica escola de moral e civismo” evidencia o sentido da relação entre a escola e a construção da nação.

Já em 1930, estava em alta o Culto à Bandeira e a comemoração da Semana da Pátria e do Mês da Bandeira Nacional, seguindo a política federal de nacionalização do ensino. Isso acontecia porque a Constituição de 1934 estabeleceu, para as escolas primárias do país, a obrigatoriedade do ensino da Educação Física, da Educação Moral e Cívica e dos Trabalhos Manuais. Essa obrigatoriedade do ensino de Educação Moral e Cívica pode ser compreendida a partir da voz daqueles que estudaram na escola pública após a constituição de 1934:

Na época que eu estudei [década de 1940] eu lembro que sempre hasteava bandeira na escola. A professora dava aula sobre a história do Brasil e a gente tinha que cantar o hino nacional, aprender a letra certinho... A gente decorava aquilo pra cantar: e não podia cantar errado!

(Depoimento de Francisco Gallo, 85 anos, aposentado, ex-policial rodoviário, gravado em abril de 2014)

Esse espírito cívico patriótico permaneceu presente nas escolas públicas até os dias atuais, em menor dimensão. Contudo, é na década de 1960 que ele se expressou com grande força nas práticas escolares, na relação direta com a ditadura militar, que se estendeu de 1964 a 1984 em nosso país. Segundo José Antônio Fávaro, que frequentou a escola na década de 1960:

Na aula de moral e cívica: eram dados os hinos. Tinha que decorar todos os hinos: era o hino nacional, o hino da bandeira, o hino da independência. Todos nós tínhamos que saber! E aprendíamos coisas de política, mas sempre a favor do governo. Porque na época que eu estudava era o militarismo. Então o ensino era muito dirigido ao “Brasil”, “verde e amarelo”, “eu te amo, Brasil”. Eu lembro que no ginásial, que eu fiz no Colégio Patriarca da Independência [em Vinhedo], mais ou menos de 1966 a 1970 – e eu lembro dessa data porque quando o Brasil foi campeão da copa de 70 eu estava no quarto ano ginásial-, nós éramos obrigados a cantar, todas as sextas-feiras o hino nacional. Tínhamos que ficar rigorosamente posicionados: mão grudada na perna e coluna ereta. Nós cantávamos o hino sem gravação, só a voz dos alunos. A professora de canto regia e todo o colégio tinha que cantar. Os professores ficavam observando: se você não cantasse, você era advertido na caderneta. Uma vez meu amigo, que estava na última fila, na hora em que começou o hino, deu três batidinhas com as mãos na perna. Discretamente, o nosso professor de matemática puxou ele e deu três dias de suspensão. Era muito rigoroso.

(José Antônio Fávaro, 60 anos, funcionário público, gravado em abril de 2014)

Segundo o Decreto-Lei nº 869, artigo 2º, de 12 de setembro de 1969, uma das finalidades da disciplina de Educação Moral e Cívica era fortalecer o sentimento de unidade nacional, cultivar o patriotismo, símbolos, tradições e os grandes vultos de sua história. Ainda, outra dessa disciplina era o culto de obediência à lei, da fidelidade ao trabalho e da integração na comunidade, bem como, a preservação do espírito religioso e a compreensão dos direitos e deveres dos brasileiros. De acordo com Filgueiras (2001), a discussão em torno do civismo era uma das preocupações dos militares, o cidadão fazia

parte de um organismo maior e precisava fazer sua parte para contribuir com o fortalecimento e crescimento desse organismo. Assim, em plena ditadura militar, as atribuições dessa disciplina ensejavam pelo cumprimento e a obediência de normas impostadas pelo governo.

Segundo Foucault (1987), a disciplina fabrica indivíduos, e é técnica de poder que torna as pessoas ao mesmo tempo como objetos e como instrumento de seu exercício. Para ele, o sucesso do poder disciplinar é graças ao uso de instrumentos simples como: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e a sua combinação num procedimento específico, o exame.

O uniforme escolar tinha que estar rigorosamente dentro das regras, conforme o depoimento do entrevistado José Antônio. Neste não falta, também, o registro de práticas de resistência, no caso, femininas:

Éramos obrigados a participar dos desfiles de sete de setembro: o uniforme era mocassin preto, meia preta, calça de tecido cinza, camisa branca com o distintivo do Colégio. E isso era o uniforme do dia-a-dia: todo dia tinha que ir com o uniforme impecável. Os alunos passavam por inspeção: você entrava na escola, eu lembro que a inspetora ficava olhando: se tivesse com o sapato sujo, camisa amassada, não entrava na aula. Tinha que estar com o cabelo arrumado também. As meninas usavam meia branca três quartos e saia cinza. E tinha medida para as saias das meninas: tinha que ser, no máximo, dois dedos acima do joelho. E o que as meninas mais levadas faziam? Depois que passavam na inspeção elas dobravam a barra da saia para ficar mais curtinha. Mas se fossem pegadas, tinha que aumentar o comprimento de novo. Nessa época meu pai era meiero, ou seja, vivia da lavoura, mas ele sempre comprou meu uniforme, sapato, material, bolsa... por mais apertada que a situação tivesse economicamente. Eu ia a pé para a escola ou de bicicleta. E tinha uma época que eu morava longe... Hoje em dia é diferente: a prefeitura dá transporte escolar, uniforme, material! As famílias mais humildes, às vezes, compravam uniformes usados, mais baratos, mas eram uniformes impecáveis.

(José Antônio Fávaro, 60 anos, funcionário público, gravado em abril de 2014).

Segundo o entrevistado, os desfiles de sete de setembro eram obrigatórios aos alunos: todos tinham que participar. Para faltar, o aluno deveria ter atestado médico. Também não eram bem vistas as famílias que viajavam nesse feriado, pois o filho deveria estar na cidade para desfilar.

Nos dois primeiros anos, eu saí desfilando. Depois no terceiro e quarto ano eu fiz parte da fanfarra. Mas era uma coisa meio militar: na quarta-série você era obrigado a participar da fanfarra. Nós tínhamos um professor que ensaiava a fanfarra. Às vezes vinha algum militar nos ensaiar também. E nós tínhamos que ter o maior respeito. A fanfarra tinha um uniforme diferente de quem marchava. Eu achava super bacana participar, era como uma evolução pra mim. E todo mundo da cidade vinha assistir.

(José Antônio Fávoro, 60 anos, funcionário público, gravado em abril de 2014).

Os desfiles das escolas em datas cívicas revelavam-se como ocasiões propícias para que participantes e espectadores, ambos receptores de imagens ideais, aprendessem as noções de civismo do regime político: participar de um desfile (como espectador ou participante ativo), apoiar o governo e não contestar o regime. Ou, em termos já destacados anteriormente: mais do que nunca ser cidadão politicamente dócil e economicamente ativo.

Ainda, como relembra José Antônio Fávoro, havia um ritual nos desfiles de hastear a bandeira e cantar o hino nacional. A bandeira e o hino nacional são símbolos nacionais, sobre isso Hobsbawm (1984) fala:

A Bandeira Nacional, o Hino Nacional e as Armas Nacionais são os três símbolos através dos quais um país independente proclama sua identidade e soberania. Por isso, eles fazem jus a um respeito e a uma lealdade imediata. Em si já revelam todo o passado, pensamento e toda cultura de uma nação.

(Hobsbawm, 1984.p.19)

Segundo Almeida (1995), os símbolos nacionais expressam valores e ideias, transmitindo ideologias e desempenhando um papel normativo e pedagógico que, durante o regime militar, foram utilizados para contribuíram de forma positiva para a formação da imagem do novo regime e estimulação do imaginário popular em direção aos valores do Estado de Segurança Nacional.

Em 1964, foi lançada nas escolas a campanha “Doe Ouro para o Bem do Brasil”, na qual os brasileiros, durante o regime militar, eram incentivados a doar ouro e dinheiro para “ajudar a nação”. Essa campanha foi lançada após a crise política alicerçada pela inflação galopante. O país, que estava com os cofres vazios e sem reservas cambiais para combater a alta exorbitante do dólar, lançou a campanha na qual a população doaria joias em ouro ou dinheiro, em espécie, para ajudar o Brasil a sair da crise. Por exemplo, os casais que

doassem suas alianças de casamento, receberiam de volta alianças de metal e um diploma com os dizeres: “Doei ouro para o bem do Brasil”. Nas escolas, essa campanha também era incentivada:

No meu terceiro ano do primário, em 1965, foi lançada a campanha “Doe ouro para o Bem do Brasil”, foi quando o militarismo pegou e a situação financeira estava difícil no país. Então os brasileiros doavam ouro e dinheiro pro governo. Quem arrecadava eram as escolas. Eu lembro que quando você doava você ganhava um anel – de latão, mas que eles falavam que era de ouro-, escrito “doei ouro para o bem do Brasil”. Mas só ganhava quando doava uma quantia satisfatória. Aquele pessoal que tinham um pouco mais de poder, doava bastante dinheiro ou ouro e sempre ganhava o anel. Eu passei junho inteiro juntando dinheiro, porque eu queria ganhar o anel! E daí eu fui lá e doei. A professora deu parabéns e colocou o anel no meu dedo. A aula acabou, era de manhã e daí já era férias de julho. Eu saí da aula e fui direto no campo do clube Sant’anna, que era aberto, não tinha alambrado, cerca, perto da minha casa, e eu desci antes de almoçar, correndo, mostrar pra todo mundo que eu tinha ganhado o anel. E a rede de futebol tinha sido lavada e estava esticada na grama. Eu correndo, enrosquei o pé na rede, caí e quebrei o braço... Tive que engessar a mão com o anel...

(José Antônio Fávaro, 60 anos, funcionário público, gravado em abril de 2014)

É importante ressaltar que, essa campanha ludibriou famílias inteiras e até hoje não se sabe ao certo o destino dos valores arrecadados, podendo assim ser caracterizado como um golpe.

Por fim, a partir do depoimento da professora Odila, podemos identificar rupturas no comportamento dos pais, alunos e professores, a partir do momento em que a cidade começa a crescer e a incorporar com maior intensidade traços de Modernidade, ou seja, a partir da década de 1970:

As brincadeiras [dos alunos] foram ficando mais agressivas, eu acho. É, os alunos foram ficando mais agressivos, porque na época que eu dava aula, os alunos eram mais respeitosos e respeitavam o professor. Agora, nessa época, você vê como é que tá o negócio... bate no professor, e entre os alunos, se matam, brigam... tá uma coisa assim... mas aí acho que é uma coisa que são as pessoas que mudaram, os pais que não educam mais direito os filhos, os filhos são educados, depois entram em uma escola quem tem más companhias, eles vão adquirir os mesmos hábitos dos outros também, não é isso? O mundo mudou, mas as pessoas também mudaram... Eu acho que foi um avanço, assim, muito rápido que teve, foi uma mudança muito rápida, então é por isso que está tendo todas essas coisas que a gente não via no nosso tempo, nem no tempo da tua mãe, que é bem mais nova que eu... ela lembra que podia brincar na rua, que não tinha perigo, não tinha nada. Hoje não pode, tem que viver prisioneiro em

casa, e os pais tem que acompanhar as crianças até a escola, e tem que ir buscar... (Grifos realizados por mim)

(Odila Frediani Annes, 79 anos, professora aposentada, junho de 2013)

O depoimento acima anuncia que o processo de Modernidade atua, também, nos valores dos sujeitos no interior da vida escolar, por exemplo: os alunos não respeitam mais os professores. Isso se relaciona com os valores mercantis presentes no sistema capitalista: professores recebem salários baixos, não são profissionais valorizados, uma vez que o saber pelo saber é aniquilado pelo sistema capitalista, já que, neste sistema, o saber somente possui valor na relação com a produção direta do capital. O professor, ao ser desvalorizado e não ter um salário digno, muitas vezes, não se doa completamente à sua profissão e passa a desempenhar sua função de forma mecânica.

Os pais, por sua vez, necessitam trabalhar e, muitas vezes, por não ficarem tempo suficiente com os filhos, acabam por não educá-los mais amplamente, transmitindo somente valores do sistema capitalista, o que pode vir a gerar crianças mais agressivas, violentas e competitivas.

Assim sendo, no período focalizado, também na cidade de Vinhedo, de uma maneira geral, pelos depoimentos coletados, as culturas escolares corroboram para o engendramento da Modernidade capitalista, gerando valores e práticas voltados à valorização do mundo do trabalho, sobretudo, industrial. Mundo este fundado na hierarquização e disciplinarização dos corpos e mentes. Contudo, pela própria voz da professora Odila Frediani Annes, acima apresentada, tem-se a evidencia de que a percepção das próprias contradições das práticas modernas, bem como, quiçá, da existência de outras relações geradoras de outros saberes escolares não estivessem totalmente ausentes destas mesmas culturas escolares.

Outro filão que o depoimento anuncia é o fato de a rua ter se tornado um lugar violento e perigoso para se brincar. Isso acontece porque o prazer de brincar, por exemplo, nas ruas, vem sendo apagado pelas diferenças socioeconômicas e a valorização dos bens materiais. Além disso, o mercado relacionado aos brinquedos cada vez atrai as crianças com lançamentos que envolvem uma alta tecnologia e pouca socialização. Novamente, os valores vão sendo transformados.

Na cidade, o progresso e a Modernidade estão culturalmente associados, quase sempre, a uma melhora da qualidade de vida. No entanto, não paramos para nos questionar:

qual o preço que pagamos para termos uma cidade mais bonita? De quais valores e práticas “abrimos mão” para vivermos em um centro urbano, tecnológico? E ainda, todos têm acesso a tal melhora? Sabemos que não. É a fantasmagoria do progresso, o qual aparece como avanço, como sinônimo de qualidade de vida, mas, na verdade, domina a prática de todos, fazendo com que as relações sejam cada vez mais filtradas pela aparência. Isso faz com que não consigamos, muitas vezes, olhar o outro como igual ou termos relações mais humanas.

CONCLUINDO, PARA NÃO CONCLUIR...

Ao longo desta trajetória de pesquisa, procurei identificar através das fontes priorizadas, as relações entre a modernização urbana da cidade de Vinhedo e a educação das sensibilidades dos sujeitos que experienciaram, de alguma forma, este processo.

Primeiramente, pude perceber que a cidade de Vinhedo, apesar de estar próxima dos grandes centros urbanos, como Campinas e São Paulo, foi uma cidade que se desenvolveu, até meados dos anos 1970 e 1980, de forma singular, particular, contraditória, baseada na agricultura. Sendo assim, a cidade que (re)construí mediante as fotos, os jornais e os depoimentos utilizados nesta investigação foi uma cidade voltada para o ideal do progresso. Caracterizo o período de 1970 a 1990 como o período em que este progresso manifesta-se mais explicitamente na cidade, representado pelas ruas asfaltadas, iluminação pública, instalação de linhas telefônicas, abertura de ruas e de avenidas, construção de novos prédios, estruturação do transporte público, sistema de esgoto, instalação de indústrias e aberturas de estabelecimentos comerciais. Progresso esse, contudo, não destituído de contradições e que não chegou a todos os habitantes da cidade. Nesse sentido, a cidade que (re)construí, no período focalizado, caracterizou-se também, pela hierarquização dos saberes, por relações socioculturais e políticas desiguais. Portanto, além das mudanças estruturais, tecnológicas e arquitetônicas, houve também alterações nas relações sociais, nos comportamentos, nos modos de pensar, sentir e agir. A partir do depoimento de homens, mulheres e professoras, pertencentes à classe média, pude discutir sobre as sensibilidades e sociabilidades urbanas que transitaram em Vinhedo, construindo diferentes percepções de tempo e espaço.

Algumas práticas coletivas deixaram de existir, ao mesmo tempo em que surgem “novas” práticas nesta cidade que se encontra ainda envolta na vertiginosa procura do progresso. Pelo menos para alguns, os mais privilegiados, não é mais necessário viajar para outras cidades para fazer compras, estudar ou ir ao médico. Os caminhos ficaram mais curtos e a comunicação, com a chegada das linhas telefônicas, televisão, celular, internet, ficou mais dinâmica. Com a sistematização do transporte público e o aumento de números de carros, locomover-se deixou de ser uma tarefa complicada. Contudo, é importante ter em mente que essas “novas” práticas não dizem respeito a todos os moradores, uma vez que

muitos habitam em locais precários, não têm condições de comprar bens materiais, utilizam o transporte público que é precário na cidade e, em alguns casos, não conseguem vagas nas escolas.

Também passou-se a poluir mais a natureza, os almoços de domingo que reuniam todos da família quase não acontecem mais, tampouco as excursões familiares para comprar comida ou roupa em outras cidades. Momentos de intensa socialização, vividos pelos membros da classe média, aqui entrevistados. Ficou mais perigoso andar nas ruas, pela violência e pelo tráfego de carros, ônibus e caminhões. Com o trabalho regendo o ritmo de vida da maioria da população, as relações entre as pessoas ficaram mais distantes, frias e mecânicas.

Em relação à instituição escolar, busquei identificar como as diversas visões e sensibilidades culturais existentes na instituição movimentaram-se e instituíram-se como *cultura escolar* - práticas e modos de didática de diferentes conteúdos, comportamentos e normas sociais realizados na escola (FRAGO, 1993). Assim sendo, as metodologias utilizadas em aula fazem parte da cultura escolar, bem como a arquitetura escolar, as brincadeiras, as festividades e o material didático.

Como a escola não é uma ilha isolada da sociedade, ela institui e também é instituída pelas transformações socioculturais, políticas e econômicas. No decorrer do século XX, educação e a instituição escolar sofreram transformações em decorrência das inúmeras leis e reformas pelas quais passaram (em nível estadual e federal). Além deste aspecto, a partir de 1970, quando Vinhedo começou a apresentar transformações efetivas em seu processo de desenvolvimento, no qual um novo eixo socioeconômico começa a ser trilhado para a cidade, com iniciativas de industrialização e criação de infra-estrutura para atrair novos moradores, é possível perceber claros indícios de mudança também nas escolas.

Neste sentido, podemos apontar como mudanças a presença de uma “nova” clientela escolar. “Nova” no sentido de apresentar novos valores, voltados ao mundo do trabalho, bem como no que diz respeito à sua proveniência social: muitas crianças e jovens adentram pela primeira vez o mundo da escola. Até a metade do século XX, em Vinhedo, frequentavam a escola aquelas crianças que possuíam pais um pouco mais escolarizados. Os pais que normalmente trabalhavam na roça optavam por ensinar seus filhos a

trabalharem também neste setor. Com as iniciativas de industrialização, abertura de comércios e procura por outros serviços, em detrimento da agricultura, a educação passa a assumir outro valor. Além da expansão das vagas escolares pelo maior valorização dos estudos, a vinda de novos moradores para Vinhedo também aumentou esta demanda.

Houve, também, a mudança das práticas pedagógicas, sobretudo com a adoção da pedagogia tecnicista, que dialogou diretamente com o mundo do trabalho. Com as inovações tecnológicas, como a chegada do mimeógrafo e das fotocópias, os exercícios escolares também foram mudando, bem como os materiais didáticos. Em relação às festividades, os desfiles cívicos de Sete de Setembro, bem como o hasteamento da bandeira e a prática de cantar o hino nacional perduram nas escolas, com algumas alterações, até os dias atuais.

Sendo assim, pode-se dizer que o chamado “progresso”, apesar de deixar para trás algumas tradições importantes e tender a desumanizar as relações socioculturais através da produção de fantasmagorias, na voz da maioria dos entrevistados apresenta também avanços. Assim, a maioria das professoras entrevistadas, bem como a maioria dos demais depoentes, endossam a visão de Modernidade e de progresso, no que se refere à Vinhedo, pelo fato de pertencerem a uma classe média privilegiada. Ao enxergarem somente eles próprios e o lado positivo da transformação, como melhora na “sua” qualidade de vida, avanços tecnológicos, não possuem consciência de que esse mesmo progresso domina a prática dos indivíduos, em geral, fazendo com que as relações sejam filtradas pela lógica capitalista. Lógica do ter acima do ser.

Contudo, mesmo identificando, durante a pesquisa, muitas vezes que endossam o progresso, pude também identificar movimentos de resistências por parte dos mesmos sujeitos que se relacionaram e ainda se relacionam com a cidade de Vinhedo. Posso dizer que há indícios de olhares diferenciados, que questionam este progresso, mesmo que de forma sutil ou nas brechas do sistema. Olhares muitas vezes românticos, que se lamentam de experiências mais solidárias, por exemplo, vividas em família, em tempos que não voltam mais...

Sendo assim, o presente trabalho, além de trazer elementos fundamentais para minha formação como educadora, formação que acredito estar em contínuo movimento, ampliou minha noção de ser sujeito histórico como agente ativo, capaz de (re)inventar

sensibilidades, visões de mundo e (re)significando práticas, na constituição de “outros” futuros. Futuros nos quais o respeito ao outro, ao diferente, aliado à capacidade de diálogo mais ampla, sejam os motes para a construção de práticas socioculturais igualitárias, humanas e mais significativas sob o ponto de vista de um viver compartilhado, com mais justiça, solidariedade e práticas mais respeitadas.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. Histórias dentro da História. In: **Fontes Históricas**. – Org. Carla Bassanzi Pinsky. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ALMEIDA, Jane Soares de. Currículos da Escola Normal Paulista (1846-1920): **Reverendo uma Trajetória**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v.76, n.184, p.665-689, set/dez, 1995.

ANTUNES, F. O futebol nas Fábricas. **Revista USP**, nº 22 (Dossiê Futebol), jun./jul./ago. São Paulo: USP, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: BASTOS, M.H.C. & STEPHANOU, Maria (Orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 68–76.

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: _____. **Obras escolhidas II**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

_____. O Narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: **Textos Escolhidos: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas**. Traduções de José Lino Grünnewald et al. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 345 p. (Os Pensadores)

_____. **Obras escolhidas I. Magia e técnica. Arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio R. (org.). **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985, p. 30-43.

_____. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In: **Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.

BUENO, Maria de Fátima Guimarães. **O corpo e as sensibilidades modernas: Bragança (1900-1920)**. 314fl. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2007.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A escola e a república. In: **A escola e a república e outros ensaios**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003.

CAUQUELIN, Anne. **Essai de Philosophie Urbaine**. Paris: PUF, 1982.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. Av. São Paulo, v. 5, n. 11, 1991.

COSTA, Ângela M. da.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Virando séculos – 1890-1914. No tempo das certezas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

CURY, Carlos Roberto Jamil, HORTA, José Silvério Bahia, FÁVERO, Osmar. A relação Educação – Sociedade – Estado pela mediação jurídicoconstitucional. IN: FÁVERO, Osmar (org) **A Educação nas Constituintes Brasileiras, 1823 – 1988**. Campinas: Associados, 1996.

FARIA FILHO, L. M. **Cultura escolar e cultura urbana: perspectivas de pesquisa em História da Educação**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2, 2002, Natal. Não publicado.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. RJ: Graal, 1984.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 143.

_____. “Memória e esquecimento: linguagens e narrativas. Memória, História, Testemunho”. In: *Memória e (Res) Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. NAXARA, Márcia & BRESCIANI, Stella. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

_____. *História e Narração em Walter Benjamin*. 2ed^a, São Paulo: Perspectiva, 2004.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração. In: **Anais do III Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História**. São Paulo: 15 a 17/09/1997.

_____. **O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870-1880**. 1998. 341f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

_____. Imagens Entrecruzadas de Infância e de Produção de Conhecimento em Walter Benjamin. IN: **Por uma cultura de infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Ana Lúcia Goulart de FARIA, Zeila de Brito Fabri. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 49-68

_____. Memória, História e (re)invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (org) **Educação, memória, história. Possibilidades, leituras.** Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 287-330.

_____. **Memória, História e Tempo: perspectivas teórico metodológicas para a pesquisa em Ensino de História.** Cadernos do CEOM, ano 21, n. 28. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/152/60>>. Acessado em 16 de setembro de 2013.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. A educação dos sentidos.** São Paulo: Companhia das Letras; 1988.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna.** São Paulo. Edições Loyola, 1994.

JULIA, Dominique . **A cultura escolar como objeto histórico.** Revista Brasileira de História da Educação, n. 1, pp. 9-44. 2001.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico.** São Paulo: Hucitec, 1998, p.41

KUENER, A. Z.; MACHADO, L. R. S. Tecnicismo: a pedagogia tecnicista. In: MELLO, G. N. (Org). **Escola Nova, Tecnicismo e Educação Compensatória.** São Paulo: Edições Loyola, 1986.

LOPES, Fátima Faleiros. **A cidade e a produção de conhecimentos histórico-educacionais: aproximações entre Campinas moderna de José de castro Mendes e a Barcelona “modelo”.** Campinas, SP: [s.n.], 2007. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia. O romantismo na contramão da modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana.** Revista USP: Dossiê Brasil dos viajantes. São Paulo:USP, CCS, n.30, jun./ago.,1996, p.147.

MATTOS, Dirceu Lineu de. **Vinhedo e os Viticultores de São Roque e Jundiá (São Paulo).** Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, 1958,

MONTEIRO, Rosana B. **Resgatando o passado: o Ciclo Básico e a reprodução da Reforma do Ensino Primário de 1967.** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1996.

OIE/MEC. Breve Evolução histórica do sistema educacional. In: **Relatório sobre o sistema educacional do Brasil.** Espanha: OIE, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIRES, André. **De Rocinha aos enclaves: figurações do rural em Vinhedo, SP.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 1981.

_____. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 1997.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo : EXO Experimental / Editora 34, 2005.

SENNETT, R. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro, Record, 1997.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do ‘longo século XX’ brasileiro. In: _____ (et. al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SEVCENKO, Nicolau (org). **História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1889-1910)**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. In: **Cadernos Cedes**, v. 52, p. 14-24, 2000.

_____. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval (et. al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado. História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Tradição, revolta e consciência de classe**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

_____. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 3ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEIGA, Cynthia Greive e FARIA FILHO, Luciano M. **Belo Horizonte: a escola e os processos educativos no movimento da cidade**. *Vária História*, Belo Horizonte, n.18, set. 97, 2000.

VIVEIROS, R. **Vinhedo, o principado dos paisanos**. Vinhedo: Prefeitura Municipal, 2005.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. “Folguedo Carnavalesco, Memória e Identidade Sócio-Cultural.” In RESGATE, *Revista de Cultura*, n. 3, 1991, Centro de Memória da UNICAMP. p. 53 a 60.

ZECHIN, J. A. **Cores e Sabores de Vinhedo**. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2008.

_____. **Tempos de Sempre**. Campinas, SP: Komedi, 2003.

ANEXO I

PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

- 1) Durante qual período foi professora das séries iniciais? Em qual escola?
- 2) Mora na cidade de Vinhedo desde qual ano?
- 3) Como você considera a sua relação com a cidade de Vinhedo?
- 4) Qual período você elege como o período no qual a cidade começou a adquirir uma cultura urbana? Isto é, o perfil rural de Vinhedo foi se transformando em um perfil urbano, industrial?
- 5) Quais transformações mais expressivas você identifica em Vinhedo de 1970 a 1990 na relação ao seu crescimento e expansão urbana? Você considera que essas transformações corresponderam-se com a escola? De qual maneira?
- 6) Você considera que a vinda de novos moradores para a cidade se correspondeu com o universo escolar? De qual maneira?
- 7) O crescimento industrial se relacionou com a escola ou com as práticas escolares de alguma forma? A partir do surgimento de novas indústrias, os conteúdos curriculares foram repensados?
- 8) Em relação às brincadeiras dos alunos, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Acha que essas mudanças têm relação com o desenvolvimento da cidade ou com os novos moradores que se mudaram para Vinhedo a partir da década de 70?
- 9) Os materiais usados para ler, escrever, estudar, foram sendo substituídos com o passar dos anos?

10) Com a abertura das avenidas, pavimentação das ruas, circulação de ônibus, se lembra de mudanças no trajeto ou transportes que levavam professores e alunos até a escola?

11) Como professora, trabalhou voltada para a história da cidade?

Se sim:

- De que forma?

- Com quais objetivos?

- Como foram os resultados obtidos?

- Com o desenvolvimento da cidade, a história de Vinhedo também passou a ter outra abordagem?

12) Você possui trabalhos realizados com os alunos em torno dessa temática? Guarda algum outro tipo de material que realizou e/ou utilizou como professora?

13) Acredita que as crianças possuíam algumas visões de cidade? Se sim, poderia elencar algumas dessas visões? Em relação a essas visões de cidade e nas maneiras de se relacionar com a mesma, percebe alguma diferença entre os alunos que nasceram em Vinhedo e aqueles que se mudaram pra cidade após algum tempo?

14) Durante as disciplinas, especialmente História e Geografia, procurava vincular o trabalho com alguma proposta do Estado? (como por exemplo, os guias curriculares chamados popularmente de “verdão”, ou a proposta curricular de História para o Estado de São Paulo (PCE) de 1986 ou 1992)

15) Para estas mesmas disciplinas, inspirava-se em alguns autores? lembra-se de quais?

(Fique à vontade para acrescentar outras informações que não foram questionadas. Todas as lembranças, memórias sobre o tema são importantes para minha investigação)

ANEXO II

SEGUNDO QUESTIONÁRIO

1) Sobre sua formação docente:

Partindo de suas experiências como aluna, lembra como foi sua formação para ser professora das séries iniciais? Onde fez magistério ou curso de graduação? Ao longo da carreira profissional, frequentou outros cursos de formação continuada?

Neste percurso de formação (magistério/graduação/cursos/especialização), pensando nas suas vivências, como era sua relação e dos demais alunos com os professores? Havia diálogo? Você se lembra de ter tido uma formação rígida? Os conhecimentos que eram ensinados podiam ser resignificados por vocês, alunos, ou somente “absorvidos”?

A expansão das atividades da escola para a cidade, através das festas cívicas ou não.

2.1- A investigação deste tema, festividades escolares foi escolhido para tentar flagrar a interação entre a escola e a cidade. De acordo com a autora Cynthia Greive Veiga, as festas escolares, cívicas ou não, foram pensadas dentro da relação cultura nacional e educação estética, como um momento de manifestação máxima de emoções. É a cidade comemorando com a escola a possibilidade da existência de uma identidade nacional única.

Como professora das séries iniciais, em Vinhedo, você participava da organização das festas escolares fora da escola, como por exemplo, o desfile de 7 de setembro? Lembra-se de alguma outra comemoração em que os alunos saíam da escola para comemorar no espaço urbano da cidade? Considera que havia uma ampliação da ação educativa para outros espaços públicos? Ainda, existiam eventos que os cidadãos vinham até a escola participar? Por exemplo, festas de aniversário da cidade ou da instituição, inauguração de espaços escolares, que também geravam interações entre a escola e a cidade (ou também, entre os “sujeitos da escola” e os “sujeitos da cidade”? Nestas outras festividades, havia presença das autoridades?

2.2- Especificamente sobre o desfile de 7 de setembro:

Partindo da sua experiência e sensibilidade, além de ser uma comemoração para comemorar a Independência do Brasil considera que alguns objetivos estavam implícitos nesses ritos, como exaltação à república ou o papel que a escola desempenhava na

construção do cidadão republicano? Pensando nas suas vivências os discursos, ações, falas que sustentavam estas festas estavam relacionados com alguns ideais republicanos? Consegue identificar outros ideais ou objetivos que se relacionam com o desfile de 7 de setembro? Quais idéias ou explicações eram dadas aos alunos sobre o evento? Eles gostavam de participar? Nos desfiles de 7 de setembro, quais eram os ritos de solenidade? A partir de suas memórias, recorda-se se havia destaques às autoridades e pessoas ilustres nestas comemorações? Quais eram as solenidades e ritos? Pode contar um pouco sobre como alunos, professores e os espectadores sentiam essa menção às autoridades: havia certa comoção popular?

Sobre as escolas de Vinhedo:

3.1- Hoje há muitas escolas particulares em Vinhedo. No entanto essas escolas surgiram por volta de 1980 e 1990. Considera que você vivenciou o processo de privatização do ensino da cidade? Tem alguma hipótese para explicar o surgimento dos estabelecimentos privados? Conversando com moradores da cidade, muitos contam que as escolas municipais eram tidas como muito boas. Um exemplo é a escola Patriarca da Independência que era vista como referência. No entanto, hoje é apontada como uma escola com ensino fraco. Acredita que as escolas municipais perderam seu prestígio com o surgimento de escolas particulares? Pela sua experiência como professora e moradora de Vinhedo, consegue enxergar alguma distinção entre o público destes dois tipos de escola?

3.2- O Serviço Social da Indústria de São Paulo (Sesi-SP) tem uma das maiores redes de ensino particular, composta por 175 escolas acessíveis para os filhos dos trabalhadores da indústria. Em Vinhedo, uma escola SESI foi criada em meados de 1960. Considera que a vinda da escola SESI em Vinhedo tem relação com o crescimento industrial da cidade? De que forma? Mesmo não tendo sido professora dessa escola, a partir de suas lembranças, quais são suas recordações sobre a inauguração desta escola, bem como sua atuação na cidade? Através de suas vivências (e também conversas com outras professoras, vinhedenses), consegue apontar se a escola diferenciava das demais escolas? Se sim, de

qual maneira? Por ser destinada a filhos dos trabalhadores da indústria sabe se a escola possuía um conteúdo mais voltado para formar sujeitos para também trabalhar na indústria?

3.3- No Jornal da Cidade, publicado em 1980, há uma reportagem sobre a construção de uma nova instituição escolar em Vinhedo, que enfatiza a construção de um gabinete dentário na escola. Como professora, lembra se era comum às escolas possuírem assistência dentária? Ou esta escola foi um fato isolado? Ainda, a partir de suas vivências, nas escolas em que trabalhou era responsabilidade da escola (como um todo), zelar pela higiene e bem-estar físico dos alunos? Como essa questão da higiene era vivida por professores e alunos?

3.4- Algumas reportagens de jornais, datados na década de 1980 apontam para a construção e arquitetura escolar se referindo as escolas recém-construídas como símbolo do progresso e do moderno. Você, como professora, inserida no ambiente escolar, conseguia “sentir” essa característica moderna das escolas, sobretudo na década de 1980 e 1990? As escolas construídas neste período se diferenciavam muito das escolas mais antigas? A partir de suas vivências, consegue apontar rupturas e continuidades da escola, no que diz respeito à arquitetura, ao conteúdo, à didática antes e depois de 1980?

(Fique à vontade para acrescentar outras informações que não foram questionadas. Todas as lembranças, memórias sobre o tema são importantes para minha investigação).